

VPV considera que as últimas posições públicas de Manuel Alegre comprometeram irremediavelmente qualquer entendimento com José Sócrates. E MEC interroga-se sobre o que leva os comerciantes do Freeport a querer publicidade a todo o custo

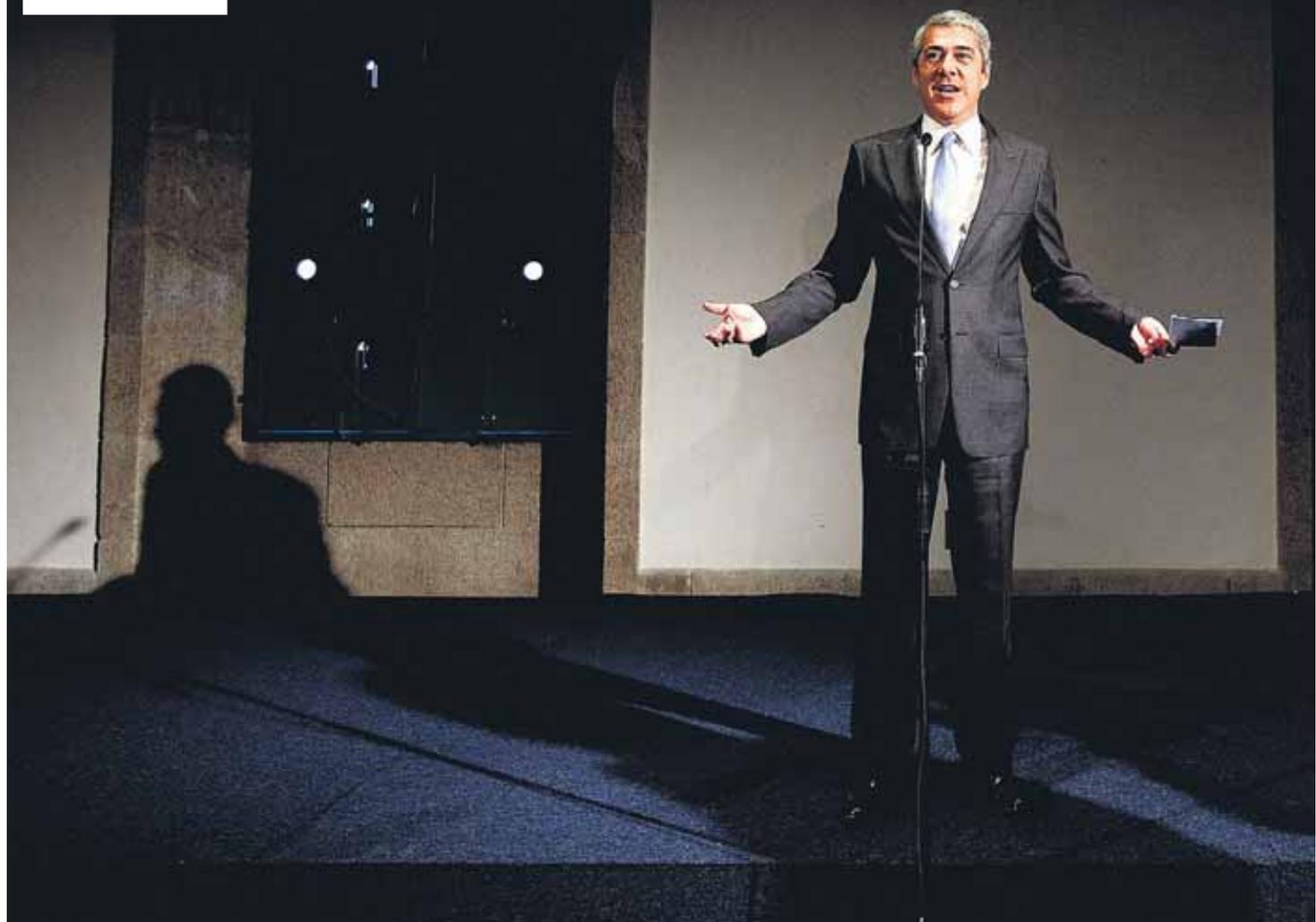


MANUEL KOBBERO

Público

Sócrates demarca-se do tio e do primo e promete resistir à “perseguição”

Primeiro-ministro reafirma legalidade do licenciamento do Freeport e diz-se pronto a responder perante a justiça. Págs. 2 a 4



Reformatórios

Sindicatos pedem armas taser para conter violência

● A falta de segurança dos que trabalham com menores delinquentes leva um dirigente da Federação dos Sindicatos da Função Pública a pedir o uso de *tasers*, armas que descarregam energia eléctrica, nos centros educativos (antigos reformatórios). Paulo Taborda queixa-se de frequentes agressões e recebe que o Governo só desperte para o problema “quando morrer alguém”. → Portugal, 8/9



Ângelo de Sousa Esperar todos os dias cansa Pública

Algarve

Crise importada da Espanha leva Timar à falência

● O futuro de uma das maiores empresas portuguesas de aquicultura, a Timar-Culturas de Água, sediada nas salinas do Livramento, concelho de Tavira, começa a ser amanhã discutido após a nomeação de um administrador judicial. A insolvência da empresa é explicada pela quebra de procura em Espanha, o principal mercado de douradas e robalos juvenis produzidos na Timar. → Economia, 34

Liga de Futebol

FC Porto regressa à liderança após vitória em Braga

● O FC Porto foi ontem a Braga vencer o Sporting local por 2-0 e aproveitou os empates do Sporting e do Benfica para recuperar a liderança da Liga nacional de futebol. Após um golo inaugural de Rodriguez que promete alimentar a polémica em torno da arbitragem, o FC Porto foi capaz de apagar a pressão inicial do Braga e acabou até por chegar ao 2-0 com um golo de Lisandro. → Desporto, 27

Reportagem

Os túneis que ligam a Faixa de Gaza à vida

● O bloqueio de Gaza multiplicou a rede de túneis que ligam a Faixa ao Egipto. Pelo subsolo passam fogões, cafeteiras, televisores, fraldas, queijo de triângulos. Os palestinianos arriscam a vida neste vaivém, mesmo que nem precisem de sair à rua - a maior parte dos túneis desemboca em casas. Retratos de sobrevivência. **Da nossa enviada Alexandra Lucas Coelho, em Rafah** → Mundo, 14/15

Freeport Investigação incide no pagamento de luvas a troco do licenciamento

Sócrates insiste na tese de perseguição política e afasta-se de familiares

Primeiro-ministro afirma que estão a tentar fragilizá-lo politicamente e avisa: “Se alguém pensa que me vence desta forma está muito enganado”

Alexandra Campos
e Leonete Botelho

● Rápido a reagir, pela segunda vez no espaço de 14 horas, José Sócrates falou ontem no Porto sobre o caso Freeport para avisar que estão a tentar fragilizá-lo politicamente mas que não é assim que será vencido. “Se alguém pensa que me vence desta forma está muito enganado”, afirmou em conferência de imprensa à margem das Novas Fronteiras, altura em que também respondeu às suspeitas que recaem sobre familiares seus dizendo que, se se confirmar que um seu primo tentou cobrar favores por facilitar um encontro no Ministério do Ambiente, considerará tratar-se de “abuso de confiança”. Sócrates manifestou ainda a sua disposição para responder perante a justiça.

O regresso

Em 2004, o Ministério Público começa a investigar suspeitas de corrupção no licenciamento do Freeport, com base numa denúncia anónima que envolve José Sócrates. A PJ faz buscas na Câmara de Alcochete e Freeport. No ano passado, o processo passa para a tutela do DIAP, onde está actualmente. Até quinta-feira parecia “morto”. Porque voltou então em força? São quatro os momentos-chave:

– Notícias do semanário *Sol* revelam pormenores de uma investigação inglesa ao Freeport, nas quais, entre os suspeitos, estará um ministro do Governo de Guterres.

– Quinta-feira são feitas buscas a diversas entidades ligadas à constituição do Freeport, entre as quais um escritório de advogados e um outro de arquitectura e um tio de José Sócrates ligado à construção civil.

– Também na quinta-feira o PÚBLICO revela a existência de uma carta rogatória (pedido de diligências judiciais) das autoridades inglesas às portuguesas.

– Sexta, o nome de Sócrates é directamente envolvido no caso por um seu tio e um primo, que se revelam como facilitadores para contactos entre homens do Freeport e o então ministro do Ambiente.

No dia em que vários jornais noticiavam diferentes aspectos da investigação ao licenciamento do Freeport de Alcochete, o primeiro-ministro não deixou que o espaço mediático dos telejornais da hora do almoço fosse dominado pelas suspeitas. Prevenindo estragos maiores, José Sócrates deu uma conferência de imprensa ao meio-dia onde repetiu os esclarecimentos do comunicado da véspera à noite, sobretudo em relação à reunião que decorreu em Janeiro de 2002 entre ele, então ministro do Ambiente, o seu *staff*, a Câmara de Alcochete e promotores do *outlet*.

Tal reunião estava no centro das notícias. Sobretudo do semanário *Sol*, devido à entrevista reproduzida com o tio de Sócrates, Júlio Monteiro, onde este afirmava ter sido ele próprio que telefonara ao sobrinho para este receber Charles Smith, da empresa Smith & Pedro (intermediária da Freeport em Portugal). O empresário queixara-se de que lhe estariam a pedir “quatro milhões de contos para obter o licenciamento”.

O DVD da questão

A esse respeito, José Sócrates repetiu que apenas participou numa reunião com os promotores do Freeport a pedido da Câmara de Alcochete, “uma reunião alargada com vários técnicos e dirigentes do Ministério do Ambiente”, e que não deu orientações nem teve intervenção em mais nenhum acto administrativo relacionado com o processo.

Sobre o encontro que o seu tio disse ter proporcionado com o promotor do empreendimento, o britânico Charles Smith, afirmou: “Não tenho memória, admito que possa ter acontecido, que o meu tio Júlio Monteiro tenha falado no caso do empreendimento Freeport e me tenha pedido para receber os promotores”, argumentando que os factos se passaram “há muitos anos”.

O *Sol* noticiava ontem que será Sócrates o ministro de António Guterres “implicado no pagamento de luvas em troca do licenciamento do Freeport”. O jornal cita um DVD que fará parte de uma investigação fiscal desencadeada em Inglaterra, no qual um administrador da empresa (que gravou a conversa) pede contas sobre avultadas somas transferidas para Portugal (cerca de um milhão de euros). Numa declaração seguida da resposta a

apenas três perguntas dos jornalistas, Sócrates rejeitou “em absoluto” as insinuações de que teria havido uma pressa inusitada na avaliação do Freeport. Apesar de admitir que os responsáveis pela avaliação tiveram “necessidade de ter menos tempo” para apreciar o projecto, considerou que isso aconteceu apenas porque já o tinham chumbado por duas vezes. E disse que a avaliação do impacto ambiental se deu na vigência da anterior Zona de Protecção Especial. “Assumo por isso toda a responsabilidade por um acto administrativo de licenciamento de um projecto que finalmente cumpriu as recomendações e exigências do Ministério do Ambiente”, afirmou.

O tio e o primo

Sublinhando o “afecto e estima que sente pelo tio, que tem por “pessoa séria e íntegra”, o primeiro-ministro quis no entanto demarcar-se das actividades empresariais de Júlio Monteiro e também do seu primo [que, segundo o *Expresso*, terá pedido à Freeport que se lembrasse da empresa de publicidade da família como recompensa por ter posto a empresa em contacto com o Governo]. “Se existe um e-mail de um filho do meu tio reclamando qualquer vantagem tendo em conta ou invocando o meu nome considere isso um abuso de confiança.” “É algo absolutamente ilegítimo”, acrescentou.

Sócrates esclareceu ainda que, quando pôs em causa o facto de se falar de novo neste caso em ano de eleições, não se estava a referir às diligências da investigação judicial, mas sim “às fugas para a imprensa”, que diz não ter dúvidas destinarem-se a atingi-lo pessoalmente e enfraquecê-lo politicamente. “Referi-me às notícias públicas das investigações e não às próprias investigações”, acentuou, numa resposta às críticas do Sindicato de Magistrados do Ministério Público, que considerou que as suas declarações podiam ser entendidas “como uma insinuação sobre a politização da investigação”.

Sem esclarecimentos ficaram as notícias do *Correio da Manhã*, onde se afirmava que as autoridades inglesas pediram a Portugal, na reunião da Eurojust realizada em Haia em Novembro, que José Sócrates fosse “formalmente investigado”, o que poderia implicar escutas telefónicas e buscas residenciais. Segundo o diário, tais pedidos não foram aceites, tal como não o foi a constituição de equipas mistas de investigação. As investigações nos dois países prosseguem autonomamente.

Sócrates repetiu no Porto o essencial do comunicado de anteontem



Quatro momentos para explicar uma reunião

Quinta-feira

Zamora, Espanha, ao início da tarde, após o fim da Cimeira Ibérica.

José Sócrates aborda o caso Freeport pela primeira vez, na sequência de diversas buscas policiais, entre as quais à casa e ao escritório do seu tio Júlio Monteiro, e nega que tivesse participado no licenciamento. Não é referida nenhuma reunião do então ministro do Ambiente com representantes do Freeport ou outros.

Sexta-feira

Lisboa, entre as 20h e as 22h

A TVI antecipa vários pormenores sobre a notícia que o *Sol* estava a preparar para a sua edição do dia seguinte em que o tio de José Sócrates diz claramente que facilitou uma reunião entre o então ministro do Ambiente [Sócrates] e Charles Smith, representante do Freeport, e garante que essa reunião se realizou. Pouco tempo

po depois a edição do *Expresso* na Internet revela declarações de Hugo Monteiro, filho de Júlio Monteiro e primo de Sócrates, em que este reconhece que pediu à Freeport que se lembrasse da agência de publicidade da família, como recompensa pelo facto de ter proporcionado um encontro entre os representantes do Freeport e o então ministro do Ambiente. O primeiro-ministro, através de um comunicado, volta a abordar o caso, admitido a existência de uma “reunião alargada, no Ministério do Ambiente, que contou com a presença de várias pessoas, entre os quais eu próprio, o secretário de Estado do Ambiente e responsáveis de diversos serviços do ministério, a Câmara de Alcochete e os promotores do Freeport”. Diz ainda que a reunião teve lugar a solicitação da Câmara de Alcochete e admite, “embora não recorde esse facto”, que o seu tio, Júlio Monteiro, lhe tenha pedido para receber os promotores do espaço comercial.



Destaque

Freeport Investigações decorrem em paralelo em Portugal e no Reino Unido

Suspeitos de corrupção portugueses no Freeport só poderão ser julgados em Portugal

Mariana Oliveira

Gravação feita com câmara oculta que implicará Sócrates é crime em Portugal, podendo o autor ser punido com um ano de prisão

● A existência de duas investigações paralelas, em Portugal e no Reino Unido, às actividades da Freeport pode vir a suscitar conflitos de interpretação entre as autoridades judiciais nacionais e as britânicas. As diferenças nos ordenamentos jurídicos dos dois países conferem, por exemplo, diferentes validades às gravações com câmara oculta como meio de obtenção de prova, mas parece ser razoavelmente consensual que, se houver suspeitos portugueses pronunciados pelo crime de corrupção, dificilmente poderão ser julgados no Reino Unido.

A gravação da conversa através de uma câmara oculta em que um consultor inglês terá dito que pagou luvos no caso Freeport, implicando o primeiro-ministro, José Sócrates, não tem validade legal no sistema judicial português. É consensual que em Portugal o recurso a estes meios de obtenção de prova têm de ser autorizados previamente por um juiz.

Manuel Costa Andrade, professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, explica que as gravações de imagens só são admitidas na investigação da criminalidade económica e financeira quando obedeçam aos requisitos legais, nomeadamente a autorização judicial. “Fora disto são processualmente inadmissíveis e criminalmente ilícitas”, resume. O seu autor, como será o caso do administrador do Freeport, que terá gravado uma conversa com o responsável da consultora encarregue de conseguir o licenciamento do outlet, poderá ser punido com uma pena de prisão até um ano ou multa até 240 dias.

E em Inglaterra, que validade têm estes meios de prova? “Normalmen-

O escritório do advogado Vasco Vieira de Almeida foi alvo de buscas



ENRIC VIVES RUBIO

te tem que se conseguir uma ordem judicial para fazer uma escuta telefónica”, explicou ao PÚBLICO Andrew Christodoulou, jurista especializado na área criminal. Há, contudo, excepções. “Casos em que estejam em causa a segurança nacional, casos de terrorismo”, precisa. Mas no Reino Unido, diz, o sistema não funciona como nos Estados Unidos ou em Portugal, em que a violação do formalismo dita necessariamente a invalidade da prova. “Se uma prova for conseguida sem um mandado válido nos Estados Unidos é automaticamente inválida. Aqui tudo depende das circunstâncias que serão analisadas por um juiz”, afirma Christodoulou. Dificilmente, porém, um juiz permitirá o uso dessa prova se não for sustentada por qualquer base legal.

As duas investigações em curso correm pelo Departamento Central

de Investigação e Acção Penal e pela Serious Fraud Office. A portuguesa começou em 2004 no Ministério Público do Montijo, resultante de uma denúncia anónima, e investiga suspeitas de corrupção; a britânica arrancou mais tarde e parte de suspeitas de fraude fiscal. É ao tentar traçar o rumo de várias remessas de dinheiro que saíram da empresa mãe do Freeport que as conexões começam.

Mas apesar de haver duas investigações, os especialistas concordam que os suspeitos portugueses de corrupção num caso como este só poderão ser julgados em Portugal. Há, contudo, quem alerte para a complexidade da situação. “A regra é que é competente o tribunal do local da prática do crime”, esclarece Paulo Mata, assistente na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. “A lei penal portuguesa

é competente para todos os crimes praticados cá”, acrescenta Costa Andrade. “Se o crime [a corrupção] ocorreu em Portugal, os criminosos terão de ser julgados pelos tribunais portugueses”, defende Christodoulou. Medina Seïça, professor na Faculdade de Direito da Universidade do Porto, lembra ainda que, apesar de o crime e parte dos criminosos serem portugueses, pode haver outros factores de conexão que deem competência aos tribunais ingleses. “Imagine-se que foram prejudicados interesse ingleses e que, por isso, os ingleses se consideram competentes?” E adianta: “Só o caso concreto o poderá dizer.”

Mais consensual é o conflito que poderá existir com os suspeitos de corrupção britânicos. É que o Reino Unido também pune os ingleses que corrompam estrangeiros, o que pode gerar um conflito de competências.

Adquirido em 2007 pelo gigante Carlyle

O “maior centro outlet da Europa” esteve quase a fechar

● Foi em 2007 que a Freeport saiu da Bolsa de Londres e passou para a órbita da sociedade de investimentos Carlyle, ligada ao ex-presidente dos EUA, George W. Bush, e a Frank Carlucci, um ex-embaixador em Portugal e homem da CIA, por 227 milhões de euros. O grupo norte-americano é conhecido pelos investimentos em petróleo e fala-se em negócios com a família Bin Laden, e em Portugal já concorreu à privatização da Galp, mas sem ter sucesso. Quando os novos administradores nomeados pela Carlyle analisaram as contas do grupo britânico de centros outlet, pediram às autoridades inglesas para investigar.

Mas em Portugal, desde o início que o Freeport de Alcochete atravessou dificuldades e esteve quase a fechar. A abertura fez-se em 2004, no meio de uma grande campanha publicitária que o apresentava como o “maior centro outlet da Europa” praticamente dentro de Lisboa (fica à entrada de Alcochete), mas a adesão dos consumidores portugueses ficou longe das expectativas.

Com uma área arrendável de 75 mil metros quadrados e lojas onde se vendem principalmente produtos fora de estação, o Freeport sofreu por estar alguns quilómetros longe da capital e do outro lado do rio. Atingidos tam-



O outlet da polémica

bém pelo encerramento das 21 salas de cinema, em Novembro de 2005, rapidamente os lojistas começaram a protestar.

O fecho de 60 lojas e 40 processos em tribunal marcaram o empreendimento em 2006. Os donos das lojas queixavam-se do não cumprimento das aliantes promessas que os promotores do outlet tinham feito na assinatura dos contratos. A meta apresentada pelo Freeport tinha sido 20 milhões de visitas anuais, mas nesse ano estas não ultrapassavam quatro milhões. Em 2007, algumas salas de cinema reabriram, e com elas a esperança dos lojistas.

Reacções cautelosas

Manuela Ferreira Leite
Presidente do PSD



Não faço qualquer tipo de comentário a situações que estão em processos judiciais.

Bernardino Soares
Líder parlamentar do PCP



O que achamos é que estes factos divulgados [sexta-feira e ontem], estas novas informações acentuam muito a necessidade de esta investigação correr com celeridade e de, rapidamente, chegar a conclusões para que tudo se esclareça e para que a verdade seja apurada pela justiça com a responsabilização de quem tiver que ser responsabilizado.

Paulo Portas
Presidente do CDS-PP



À justiça o que deve ser tratado pela justiça. A mim interessa-me mais a situação do país do que a situação do primeiro-ministro. Aquilo que me preocupa é o desemprego, das pequenas e médias empresas, é o abandono dos agricultores, é a insegurança crescente, é a falta de paz nas escolas, é a carga fiscal a mais, são essas as políticas pelas quais responsabilizo José Sócrates.

Francisco Louçã
Líder do Bloco de Esquerda



Constatos que esta investigação tem quatro anos. Precisamos de uma justiça que não esteja parada, até por questões de responsabilidade política no licenciamento de empreendimentos. As informações dispersas existentes são muito preocupantes e exigem um esclarecimento completo por parte do primeiro-ministro o mais rápido possível [depoimento ao PÚBLICO antes das declarações de Sócrates].

António Cluay
Presidente do SMMF



As palavras [de Sócrates] foram oportunas e esclarecem o que quis dizer [sobre a oportunidade política da investigação]. Espero que seja esta a última e definitiva posição sobre o assunto pois isso irá permitir aos magistrados trabalhar no processo de forma tão serena e objectiva quanto é necessário.

DIGRESSÃO

JANEIRO / FEVEREIRO 2009

SANTA MARIA DA FEIRA, EUROPARQUE
31 JANEIRO às 21H30

LAMEGO, TEATRO RIBEIRO CONCEIÇÃO
04 FEVEREIRO às 21H30

ÉVORA, TEATRO GARCIA DE RESENDE
07 FEVEREIRO às 21H30

CANTATA

COREOGRAFIA MAURO BIGONZETTI
MÚSICA GRUPPO MUSICALE ASSURD
(MÚSICA ORIGINAL E TRADICIONAL DO SUL DE ITÁLIA)

LENTO PARA QUARTETO DE CORDAS

COREOGRAFIA VASCO WELLENKAMP
MÚSICA ANTON WEBERN

ISOLDA (ESTREIA NA CNB)

COREOGRAFIA OLGA RORIZ
MÚSICA RICHARD WAGNER

www.cnb.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

EUROPARQUE 256 370 222 / www.europarque.pt
PREÇO 20€ / JOVENS ATÉ 25 ANOS E MAIORES DE 65 13€

VENDA DE BILHETES

EUROPARQUE / FNAC / MEDIA MARKET / EL CORTE INGLÉS GAIA
www.pavilhaoatlantico.pt

TEATRO RIBEIRO CONCEIÇÃO 256 600 070 (a partir de 1 de Fevereiro)
TEATRO GARCIA DE RESENDE 266 703 112 / www.cendrev.com



ESPECTÁCULOS PARA ESCOLAS

LISBOA, TEATRO CAMÕES

CANTATA

COREOGRAFIA MAURO BIGONZETTI

FEVEREIRO 2009 11, 12, 13 às 15H

DURAÇÃO 40M

M/6

COPPÉLIA

COREOGRAFIA JOHN AULD

MARÇO 2009 18 às 15H

VERSÃO INTEGRAL / DURAÇÃO 2H10

MARÇO 2009 25, 26 às 15H

VERSÃO CONCERTO / DURAÇÃO 1H

M/4

PREÇO ÚNICO 5€

INFORMAÇÕES / BILHETEIRAS

TEATRO CAMÕES DIAS DE ESPECTÁCULO // 21 892 34 77
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
SEGUNDA A SEXTA DAS 13H ÀS 19H // 21 325 30 45/6

Portugal

Educação Novo protesto ontem frente ao Palácio de Belém

Estatuto da Carreira Docente terá normas inconstitucionais, defende Garcia Pereira

Numa manifestação em Belém, professores desafiaram os sindicatos a convocar uma greve por tempo indeterminado e criticaram o “silêncio conivente” de Cavaco Silva

Clara Viana

● O princípio constitucional de igualdade poderá estar posto em causa no Estatuto da Carreira Docente (ECD) que entrou em vigor há dois anos, considerou ontem o especialista em Direito do Trabalho Garcia Pereira. Falando aos jornalistas durante uma manifestação convocada pelos movimentos independentes de professores frente ao Palácio de Belém, o advogado explicou que o modo como a carreira docente foi dividida em duas categorias “gera um problema de desigualdade de tratamento”.

O jurista frisou que esta divisão obedece a “critérios inteiramente arbitrários”, por só considerar, no concurso para professor titular, os últimos sete anos de exercício e valorizar a componente administrativa (o exercício de cargos) em detrimento do que é a “alma principal” da docência: ensinar.

Garcia Pereira adiantou que, dentro de “uma ou duas semanas”, conta ter pronto o parecer jurídico sobre o ECD e o actual modelo e avaliação de desempenho que lhe foi pedido pelo professor e bloguista Paulo Guinote.

Esta mentira/Quotidiana

Interpelado por numerosos docentes durante a manifestação, Garcia Pereira considerou que aquilo que já leu da legislação e outros documentos produzidos pelo Ministério da Educação (ME) justifica a abertura de uma “frente jurídica”. Mas os cerca de dois mil professores ontem concentrados em Belém - em Novembro os independentes tinham mobilizado 15 mil -



O jurista Garcia Pereira fala de “incongruências” e “ilegalidades” na actual legislação sobre educação

querem mais. Entre canções de Sérgio Godinho (em que ser/ porque parar, nunca) e poemas de Miguel Torga (E o que não presta é isto, esta mentira/ Quotidiana), desafiaram os sindicatos a convocar uma greve por tempo indeterminado, até que o ME ceda às reivindicações dos docentes, suspendendo o actual modelo de avaliação, acabando com a divisão da carreira em duas categorias e com as quotas para a progressão nesta.

“Se importaram um modelo [de avaliação] do Chile, então nós também importamos a greve de duas semanas que acabou com aquilo”, desafiou Fátima Gomes, professora de Barcelos. Os responsáveis dos movimentos independentes estão

A manifestação reuniu 2000 professores junto ao Palácio de Belém



insatisfeitos com a Plataforma Sindical de Professores, que reúne todos os sindicatos do sector: “Estão a falhar”, acusou Mário Machaqueiro, da Associação de Professores em Defesa do Ensino. Criticam-lhe a estratégia de deslocar o desfecho da contestação para as escolas e para os professores, por via da não entre-

ga dos Objectivos Individuais (OI), o primeiro passo da avaliação. Na maioria das escolas o prazo para a entrega de OI está agora a terminar. Sem “uma perspectiva de continuidade da luta”, sozinhos nas escolas, os professores estão a ficar “um bocado perdidos”, comenta José Fariña, que ensina em Montelavar (Sin-

tra): “É uma forma de matar a luta”.

Falando aos manifestantes, Ilídio Trindade, do movimento Mobilização e Unidade dos Professores, diz que estão “perto de um local onde temorado muito silêncio”. E acusa Cavaco Silva de manter um “silêncio conivente” com as políticas educativas do Governo. No final da manifestação,

os responsáveis dos movimentos foram recebidos por Susana Toscano, assessora do Presidente, com quem estiveram reunidos uma hora.

“Estamos no momento de tudo ou nada”, resume Ilídio Trindade. O caso Freeport não foi ignorado pelos manifestantes. Um cartaz apontava: “A educação não é um outlet.”

Exame para ingresso na profissão docente

Pedreira acusa escolas de educação de facilitismo

● O secretário de Estado da Educação, Jorge Pedreira, sustentou ontem, em declarações à Lusa, que “não tem absolutas garantias” de que a formação prestada por todas as instituições de ensino superior “corresponda aos padrões de qualidade exigível” à profissão docente. Pedreira adiantou que existem “indícios” de facilitismo e eventual inflação de notas em alguns cursos, e citou os casos da Escola Superior de Educação Jean Piaget, e do Instituto Superior de Ciências Educativas, ambos

privados, onde se formou um terço de todos os professores admitidos no sistema nos últimos dez anos.

Esta situação, segundo Pedreira, justifica que se mantenha a exigência de um exame para o ingresso na profissão, conforme estipulado no actual Estatuto da Carreira Docente. O Ministério da Educação e os sindicatos iniciam no próximo dia 28 negociações para a revisão do ECD, sendo a prova de ingresso das primeiras matérias a discutir.

Com vista a estas negociações, a

Federação Nacional de Professores divulgou já as suas propostas sobre a avaliação e a estrutura da carreira. A Fenprof defende que o mérito seja recompensado monetariamente, mas recusa ligar a progressão na carreira à avaliação de desempenho. Neste processo é privilegiada o que chama a “co-avaliação” feita por professores do mesmo grupo disciplinar.

“Um salto em frente”, comentou ao PÚBLICO Paulo Guinote, autor do blogue A Educação do Meu Umbigo: “Um aspecto positivo é a admissão de

uma diferenciação pelo mérito, que durante muito tempo esteve longe das reivindicações salariais”.

Este professor considera, contudo, que há aspectos nas propostas da Fenprof que parecem padecer do “mal típico do estudo do gabinete, pouco atento à realidade do quotidiano das escolas”. E contesta que “o ‘enfoque avaliativo incida na avaliação qualitativa de um processo’, pois a concepção subjacente é a mesma que tão maus resultados deu na avaliação dos alunos”.

Arnaut contra a “proletarização dos médicos”

António Arnaut, “pai” do Serviço Nacional de Saúde, disse que a “destruição das carreiras” abriu caminho à “proletarização dos

médicos”. A abolição das carreiras (com a multiplicação de contratos individuais de trabalho no SNS) é um “retrocesso de quase 50 anos”,



Edgar Valles responde às suas perguntas no Consultório de Justiça www.publico.pt/consultorios/

Número de investigadores a tempo inteiro duplicou numa década em Portugal

Alexandra Campos

Primeiro-ministro José Sócrates garante que crise não vai afectar investimento na ciência

● Foi um fórum inteiramente dedicado a sublinhar os “impressionantes” resultados alcançados nos últimos anos no domínio da ciência em Portugal. O primeiro-ministro e o ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior bateram na mesma tecla, sublinhando que Portugal tem hoje cinco investigadores a tempo inteiro por cada mil pessoas a trabalhar, perto já da média da União Europeia (5,5 por mil). Notaram também que a despesa na ciência já ultrapassou um por cento do Produto Interno Bruto (foi 1,18 por cento em 2007).

“O atraso científico está superado”, considerou, triunfante, o ministro Mariano Gago. Mas defendeu que, depois de o número de investigadores na população activa ter duplicado em apenas dez anos, é preciso agora enfrentar os novos problemas.

Problemas que têm a ver com o desenvolvimento e a competição a nível internacional e que obrigam a que se passe a privilegiar o financiamento de grandes infra-estruturas e consórcios e de projectos estratégicos de investigação: “Vamos ter de mudar de escala”.

No encerramento do fórum Novas Fronteiras da Ciência e do Conhecimento, na Alfândega do Porto, perante uma sala repleta de socialistas, José Sócrates destacou outra prova desta “impressionante” evolução - a passagem de Portugal do 22.º para o 17.º lugar de um ranking de países



Mariano Gago: “O atraso científico [português] está superado”

com capacidade inovadora: “Mas o mais importante é que mudamos de escalão. Abandonámos o grupo dos países *catching up* [a recuperar

do atraso] e passamos a integrar o conjunto dos países moderadamente inovadores”.

Jean-Pierre Contzen, que presidiu à Comissão Internacional da Reforma dos Laboratórios de Estado em Portugal, também sublinhou o avanço português neste domínio: “Portugal fez tanto quanto a Rússia e a China e mais do que a Índia”. Contzen lembrou contudo que é necessário agora rever as necessidades de infra-estruturas científicas do país, e avisou que o Governo não deve cortar na despesa em investigação e desenvolvimento devido à crise. Um apelo a que Sócrates se mostrou sensível. “Quem não investe em ciência fica para trás.” O primeiro-ministro assegurou que Portugal vai continuar a apostar no desenvolvimento científico, apesar da crise. “Não podemos abandonar a visão de médio e longo prazo.”

Fernando Amaral, 1925-2009

● O antigo dirigente do PSD e ex-presidente da Assembleia da República Fernando Amaral morreu na madrugada de ontem em Lamego, a sua terra natal, aos 84 anos de idade. Fernando Monteiro do Amaral exerceu funções como deputado do PPD/PSD à Assembleia Constituinte e posteriormente à Assembleia da República (AR) em cinco governos constitucionais. Foi presidente da AR e conselheiro de Estado entre 1984 e 1987.

O Presidente da República, Cavaco Silva, lembrou “os serviços que ao longo da vida” o ex-dirigente do PSD “prestou ao país”. A líder do Partido Social Democrata, Manuela Ferreira Leite, disse que Amaral “foi um ilustre militante do PSD”, “uma figura destacada, e uma referência para muitos militantes do partido”. O funeral de Fernando Amaral realiza-se hoje às 15h00. **Lusa**

PUBLICIDADE

EMPREENDEDORISMO FEMININO

CONCURSO ABERTO
De 2 Dezembro 2008 a 2 Março 2009

1. TIPOLOGIA DOS PROJECTOS

Apoio à criação de empresas ou projectos de empresas nascentes (até 3 anos), classificadas como PME, dotadas de recursos humanos qualificados ou que desenvolvam actividades em sectores com fortes dinâmicas de crescimento.

2. DOTAÇÃO ORÇAMENTAL

13 Milhões de Euros.

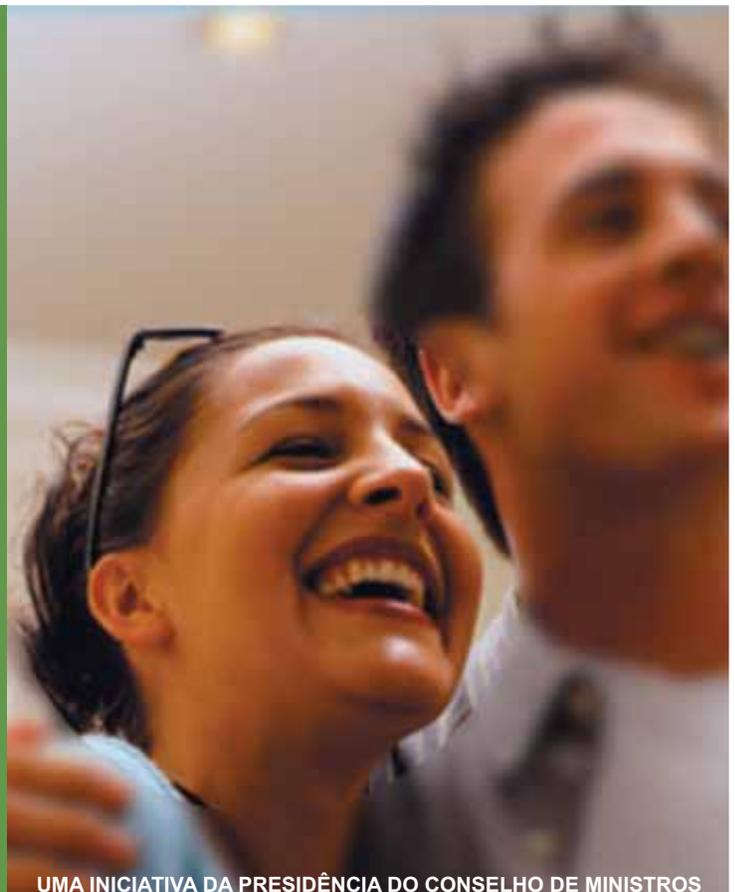
3. INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

Consulte no site dos Incentivos às Empresas (www.incentivos.qren.pt) o menu Concursos/Avisos.

4. ESCLARECIMENTOS

Linha Azul: 808 212 212

E-mail: empreendedorismo@cig.gov.pt



UMA INICIATIVA DA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Centros educativos Os problemas de segurança nas unidades para jovens delinquentes

Sindicatos pedem debate sobre uso de armas *taser*

Funcionários queixam-se de falta de segurança. Governo garante que já na próxima semana haverá reforço das equipas

Andreia Sanches e Ana Cristina

● Há mais de um ano que Paulo Taborada, dirigente da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, chama a atenção para a “falta de segurança” de quem trabalha com menores delinquentes. Acha que chegou a hora de discutir a hipótese de os funcionários dos centros educativos terem acesso a *tasers* - armas que descarregam energia eléctrica para paralisar o alvo.

“Se calhar, nas unidades residenciais fechadas há necessidade de as equipas terem meios de contenção para as situações mais graves”, diz. “A utilização de *tasers* é polémica, não nos agrada propor”, admite. Mas “mesmo que outras medidas de segurança fossem adoptadas”, aquele recurso poderia ser importante.

Organizações como a Amnistia Internacional já apelaram aos governos para suspenderem o uso de *tasers* ou, pelo menos, restringirem a sua utilização a casos de risco de vida.

Taborada, que na semana passada foi à subcomissão parlamentar de

deteção de metais”, pelo que não vê “razão para a introdução de outro tipo de instrumentos ou meios de contenção.”

Segundo explicou ao PÚBLICO, por e-mail, o recurso a medidas de contenção da violência ocorre em “situações de grande excepção”. A maioria dos conflitos resolve-se com “técnicas de intervenção na crise”, com diálogo e negociação.

Tiago Neves, investigador da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto que fez doutoramento na área, também não vê com bons olhos a proposta. O uso de *tasers* não só “é complicado do ponto de vista pedagógico”, como “pode levantar problemas de segurança”: “Há grande disparidade de forças entre a generalidade dos educandos e a generalidade dos monitores. Vão meter *tasers* nas mãos de senhoras de 40 anos? Elas não vão conseguir controlar as armas. Os miúdos vão tirá-las num abrir e fechar de olhos.”

25 novos técnicos

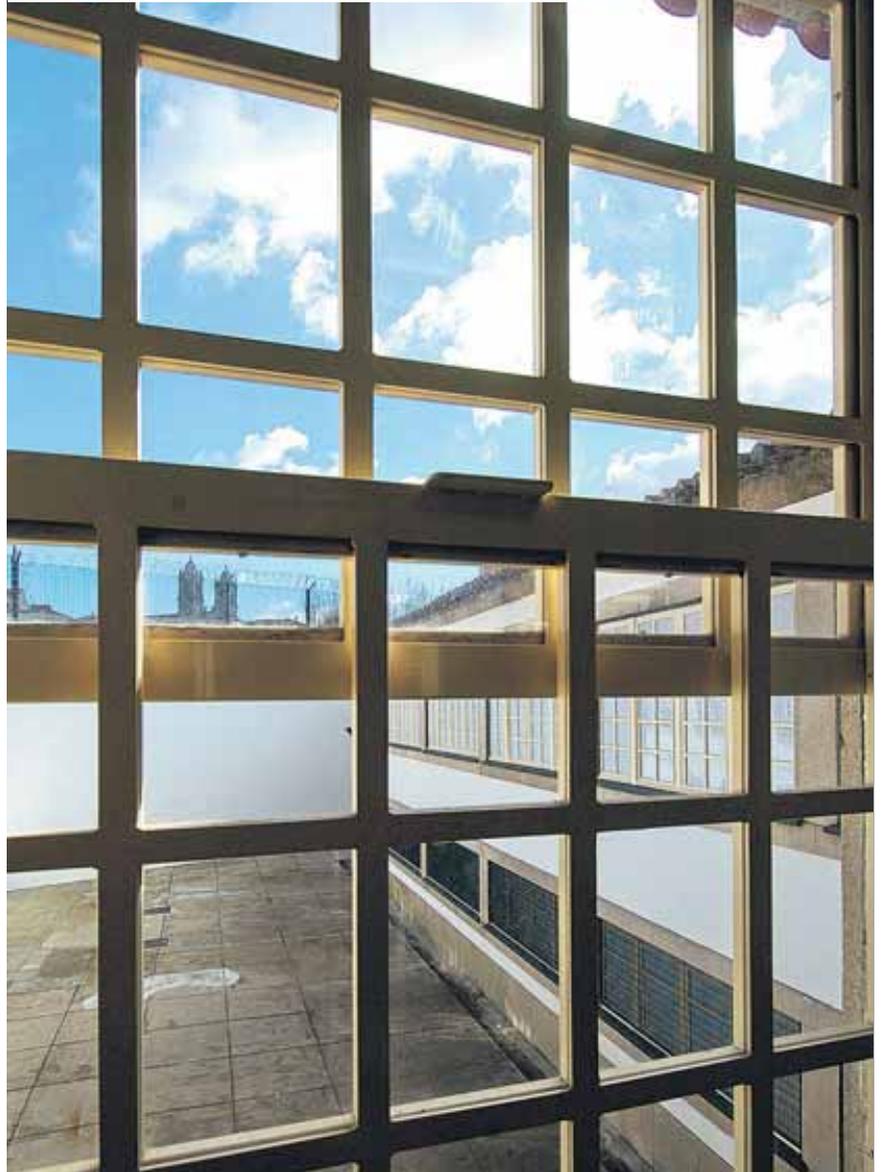
Norberto Martins, presidente da Comissão de Fiscalização dos Centros Educativos, acha que o que é preciso é mais formação. Estes técnicos têm de ter preparação suficiente para “prevenir conflitos” e para mediá-los quando não conseguem evitá-los.

Os funcionários também reclamam a abertura de mais centros: “Se é apinhado um *gang* com mais de quatro jovens, não é possível separá-los porque só há quatro unidades residenciais em regime fechado.” Reivindicam também a contratação de mais técnicos. Nas contas de Taborada, faltam 80 para garantir que “em caso algum” um monitor tenha que fazer um turno sozinho com 14 miúdos.

Em Outubro, o Governo assumiu a carência de técnicos. E anunciou a contratação de mais 25. Conde Rodrigues garante agora que entrarão em funções já na próxima semana, juntando-se aos 298 funcionários (156 dos quais são técnicos de reinserção social) que trabalham nos seis centros. Conde Rodrigues lembra que a segurança nos centros “é ainda levada a cabo por elementos de segurança privada”, 24 horas por dias, em número “sempre igual ou superior a dois”. E que o rácio da DGRS é 10 técnicos profissionais para uma unidade de 10 jovens, o que corresponde ao existente noutros países.

Há actualmente no país seis centros educativos para jovens delinquentes

PAULO RICCA



Testemunhos de funcionários

“Um centro educativo não é uma prisão”

Rodrigo

Tenho ao meu cuidado 13, 14 jovens e acontece frequentemente ficar sozinho com eles na unidade residencial. É muito mais difícil a uma pessoa sozinho impor regras. Já senti várias vezes que a situação estava a fugir ao meu controlo. Felizmente nunca fugiu completamente. Mas acho que estamos a assistir a uma certa degradação: se acontece um problema disciplinar, o miúdo insulta, parte... se estamos sozinhos, se calhar é mais fácil fechar os olhos e evitar problemas de maior. Mas assim não estamos a cumprir a nossa missão... Acho que os *tasers* seriam bem-vindos. Mas tinha que haver formação... Mas se nem para aprender a fazer uma contenção física há formação...

Filomena

Neste momento vive-se um momento de transição, as coisas estão a mudar. Vão contratar monitores e tenho esperança. Houve uma altura em que se falou do problema de haver monitores mulheres. O problema não é ser mulher, é haver monitores que têm que ficar sozinhos com os miúdos. Um centro educativo não é uma prisão. É um local de educação e pedagogia, por isso, não me passa pela cabeça que a resolução para os problemas de segurança passe pela utilização de *tasers*. Só se fossem os seguranças privados que prestam serviço nos centros a utilizá-los, nunca os monitores.

Sofia

É muito difícil lidar com os miúdos quando eles estão numa

ansiedade permanente, num sofrimento permanente. O que se faz quando um miúdo entra numa sala de aula e está sempre a insultar os professores e os colegas? Há a tentação de recorrer à medicação, clara que há. Não vou ser hipócrita. Com eles não instáveis, tão agitados, não se consegue fazer nada. Nem com os outros que lá estão!

Nota: os técnicos ouvidos não quiseram ser identificados, pelo que os nomes utilizados são fictícios. Depoimentos recolhidos por A.S. e A.C.P.



298

é o número de funcionários nos seis centros educativos portugueses, dos quais 156 são técnicos de reinserção social

Justiça e Assuntos Prisionais falar da segurança nos centros educativos, garante que os casos de funcionários agredidos não são pontuais: “Para a DGRS [Direcção-Geral da Reinserção Social], só quando morrer alguém é que se passa algo de grave.”

Governo garante segurança

Em Setembro, sete rapazes amotinaram-se no Centro Educativo da Bela Vista (Lisboa). Fonte da PSP disse à Lusa que a situação se tornou “incontrolável”. A DGRS desmentiu. Em Outubro, um rapaz de 18 anos com perturbações mentais agrediu uma funcionária no Centro Educativo dos Olivais (Coimbra). Os sindicatos falaram em sequestro, a DGRS desmentiu.

“As regras de segurança em vigor são suficientes para garantir a disciplina e a ordem nos centros educativos”, considera o secretário de Estado adjunto da Justiça, José Conde Rodrigues. Há “rádios e raquetes de

Veja os vídeos do PÚBLICO www.publico.pt/videos

Governo vai alargar rede nacional Obra de Vila do Conde deverá ser entregue este mês

● O presidente da Comissão de Fiscalização dos Centros Educativos, Norberto Martins, julga que “houve precipitação do Governo no encerramento de alguns centros educativos”. E diz que o facto de haver uma estrutura na Madeira fechada “é quase um acto criminoso”. O Governo nega que haja jovens à espera de vaga, mas anuncia a construção de mais um centro educativo, na Grande Lisboa, e de mais uma unidade residencial, na Guarda, a acrescentar aos três centros que já tinham sido prometidos.

Com a publicação da portaria de 1 de Fevereiro de 2008, que cria a rede nacional, foram oficialmente encerrados cinco centros educativos - o de Santa Clara (em Vila do Conde) já fechara antes. E ficaram um no Porto, um em Coimbra, um na Guarda, dois em Lisboa e um em Oeiras.

Os três novos centros cuja abertura foi então prevista ainda não funcionam. O da Madeira está pronto “há mais de dois anos”. O de Vila do Conde foi há um ano visitado por Norberto Martins e estava “na fase dos acabamentos”. E há pouco nem se sabia em que ilha dos Açores seria, afinal, instalado o terceiro.

Contra o “espírito da lei”

A resposta mais próxima para quem mora a sul do Tejo é Lisboa, “o que contraria o espírito da lei, que diz que o jovem deve ficar próximo do seu local de residência”, sublinha. E “o pior é o caso dos menores dos Açores e da Madeira”, que têm de vir para o continente.

Segundo o secretário de Estado adjunto da Justiça, Conde Rodrigues, a obra do centro educativo de Vila do Conde será entregue à Direcção-Ge-

ral de Reinserção Social (DGRS) até ao final do mês. O ministério deverá abrir em Fevereiro o concurso público para adjudicar a “gestão a uma entidade sem fins lucrativos, numa lógica de responsabilidade social partilhada”.

Para o da Madeira “será aberto concurso idêntico” ao de Vila do Conde. Já para os Açores foi encontrada uma solução distinta: criar-se-á um equipamento que terá, de um lado, miúdos delinquentes e, do outro, miúdos desprotegidos.

166 jovens internados

O edifício foi cedido pelo parceiro: o Instituto de Acção Social dos Açores. Este ano, o ministério “assumirá os encargos resultantes de recuperação, arranjo e equipamento da estrutura comum da unidade de internamento”. Conde Rodrigues prevê a abertura para “daqui a um ano”.

O procurador julga que o Governo se precipitou. Neste momento, “há 169 vagas. Em Fevereiro de 2007 os centros educativos tinham 257 jovens; em Maio de 2006, 285”, exemplifica. “O que se passou aqui? Os tribunais começaram, de um momento para outro, a aplicar muito menos medidas de internamento ou temos miúdos que não cabem?”, questiona. “Em Julho de 2008 havia 26 à espera de vaga”, especifica. “Numa cadeia, há vaga para 800 e mete-se 1000. Temos que nos centros educativos possa acontecer isso”.

A 15 de Janeiro de 2009, estavam internados 166 jovens - 151 rapazes e 15 raparigas -, esclarece o secretário de Estado. E garante que se tem conseguido gerir os pedidos dos tribunais. “Não há jovens a aguardar vaga.” **Ana Cristina Pereira**

Governo vai criar “unidade terapêutica” Menores com patologias associadas vão ser separados

● Era uma das primeiras queixas da Comissão de Fiscalização dos Centros Educativos: enorme dificuldade em dar apoio aos jovens delinquentes com patologias associadas. Mas o Governo decidiu criar uma “pequena” unidade psicoterapêutica.

Por agora, tenta-se colocar os jovens que precisam de apoio diferenciado no Centro Educativo Navarro de Paiva (Lisboa) ou nos Olivais (Coimbra), “que dispõem de equipas técnicas mais especializadas nesta área”, explicou o secretário de Estado adjunto da Justiça, Conde Rodrigues.

Mas, como “existem dificuldades nas respostas na área da saúde”, ainda este ano vai ser desenvolvido um projecto de intervenção e acompanhamento de jovens com necessidades especiais, “criando e instalando uma unidade integrada com as valências de apoio psicoterapêutico, apoio



Alguns jovens têm problemas

psicológico e das áreas da medicina e da enfermagem”.

O típico “utente” do centro educativo é rapaz e tem em média 16 a 17 anos. A maioria (82 por cento) cometeu “ilícitos contra a propriedade”. Alguns praticaram ofensas à integridade física (seis por cento), ou contra a liberdade sexual (sete por cento). **A.S./A.C.P.**

Açores e Madeira absorvem um quinto dos apoios estatais aos media

Tolentino de Nóbrega

Tribunal de Contas recomenda fiscalização do “porte pago” e dos encargos de expedição dos jornais para as ilhas

● Os Açores e a Madeira absorveram mais de um quinto dos apoios financeiros concedidos em 2007 pelo Gabinete para os Meios de Comunicação Social (GMCS) e pelo instituto seu antecessor. A maior parte (67,7 por cento) dos 11 milhões concedidos pelo Estado naquele ano foi gasta no “porte pago”, respeitante ao pagamento parcial dos encargos de expedição postal para assinantes de jornais de âmbito regional de todo o país, incluindo publicações insulares.

Estes dados constam de uma auditoria do Tribunal de Contas aos apoios do GMCS em 2007. A expedição de publicações periódicas nacionais para as regiões autónomas, tendo em vista igualar o preço de venda ao público

do continente, custou 1,2 milhões de euros, 10,6 por cento do total de apoios. O Estado gastou naquele ano 939 milhões (8,5 por cento) no programa de acesso aos canais generalistas nos dois arquipélagos, através das empresas regionais de distribuição de televisão por cabo.

Entre os apoios financeiros concedidos em 2007 pelo GMCS, destacam-se ainda os 794 mil euros de

11 milhões de euros foi o montante total dos apoios concedidos pelo Gabinete para os Meios de Comunicação Social em 2007

incentivos ao desenvolvimento empresarial e multimédia, subsídios a fundo perdido, geralmente no valor de metade do custo dos investimentos realizados por jornais e rádios regionais e locais.

No Orçamento do Estado inscreveu-se também 641 mil euros, a transferir pelo GMCS (ex-ICS) para a RTP, no âmbito dos projectos de modernização

das televisões e rádios dos países de língua oficial portuguesa.

O Tribunal de Contas concluiu que, comparativamente ao ano de incidência da anterior auditoria (2002), diminuiu em 43,3 por cento o número de publicações beneficiárias do “porte pago”, tendo também a percentagem de comparticipação nos custos de expedição passado para 60 por cento em 2007, quando antes variava entre 80 e 95 por cento.

Por não estar a ser observada uma anterior recomendação, o tribunal reiterou que o GMCS crie procedimentos de conferência dos valores apresentados pelos CTT que, ao contrário dos operadores privados, não tem apresentado conjuntamente com as facturas documentação justificativa dos encargos, designadamente dados relativos à taxação do destino e preço unitário das publicações.

O tribunal recomenda igualmente o controlo, através de fiscalização nos aeroportos de destino, do cumprimento das condições relativas aos encargos de expedição das publicações periódicas para as regiões autónomas.

Centrais Telefónicas de Comunicação Unificada de Telemóveis, Telefones Fixos e Internet de Múltiplo Operador.

Compre, adquira por Leasing ou Aluguer (a partir de € 35,00/mês).
O melhor em Comunicações Empresariais.



Telefones fixos + Telemóveis (todas as redes) + Internet (inc. ch. VoIP e Skype)

Não tenha uma Central Telefónica só para a rede fixa, deixando os Telemóveis e Internet de fora... e economize muito dinheiro mensalmente.

Sem trocar de Telemóveis e sem trocar os cartões SIM, tenha:

Mais Economia

- 1 - Chamadas grátis (de telemóveis e fixos) para Portugal (locais, regionais ou nacionais, fora ou dentro da rede PT), Europa, E.U.A., Canadá, Japão, Hong-Kong, Austrália, Argentina, Malásia, etc. (mais de 50 países do Mundo).
- 2 - Chamadas grátis (de telemóveis e fixos) para telemóveis de vários países do Mundo, como: Canadá, Rússia, E.U.A., etc.
- 3 - Chamadas Económicas para as redes móveis nacionais. Deixe de pagar as elevadas tarifas entre redes móveis diferentes.
- 4 - Chamadas Grátis para destinos Skype.
- 5 - “Roaming Free”. Elimine estes elevados custos, se vai ou tem funcionários deslocados no estrangeiro.

Tecnologia de Múltiplo Operador.

(Beneficie do melhor de cada um sem se comprometer com nenhum).

Informe-se já sem compromisso:

www.abeltronica.com

Novos Serviços

- 1 - Suspensão e transferência de chamadas de telemóveis e fixos para outros telemóveis de qualquer rede ou para telefones da rede fixa.
- 2 - Conferências simples e multiconferências internas, externas ou mistas.
- 3 - Difusão de mensagens.
- 4 - Correio de Voz centralizado com todas as mensagens da rede fixa e das móveis.
- 5 - Recepção e realização de chamadas Grátis pela rede Skype.
- 6 - Desvio de chamadas selectivo.
- 7 - Serviço Director/Secretária.
- 8 - Agendas telefónicas: Pessoal, de Secção e de Empresa.

A BELTRÓNICA

Serviço Nacional de Apoio a Clientes

808 20.61.61

Chamada Local



A Causa Real decidiu assumir a “vocação de movimento político da causa dos monárquicos, sem ser um partido político”. O presidente da Federação das Reais Associações de Portugal, Paulo Teixeira Pinto, apresentou uma “estratégia política de actuação” para “um novo ciclo”.

Escolhida por aclamação, Elisa Ferreira deverá anunciar candidatura ao Porto em Fevereiro

Margarida Gomes

Ex-ministra do Ambiente escolhida pelo PS num momento de turbulência. Líder distrital ameaça com sanções militantes que concorram contra o partido

● Votada por aclamação, Elisa Ferreira já é a candidata do PS à Câmara do Porto. A sua candidatura deverá ser oficializada em meados de Fevereiro. A comissão concelhia votou, na noite de sexta-feira, por 53 votos a favor e um contra, o nome da ex-ministra do Ambiente para encabeçar a lista do PS à autarquia portuguesa.

Por exigência de um militante de Cedofeita, a votação foi secreta. Quando os resultados foram divulgados, o líder concelhio propôs uma aclamação à escolha da candidata, tendo os militantes reagido, de acordo com fontes socialistas, com um enorme entusiasmo.

O líder concelhio foi contido o primeiro a reconhecer que Elisa Ferreira terá um caminho difícil a trilhar. Orlando Soares Gaspar fugiu à questão de entendimentos à esquerda, optando por dizer que, a haver coligações,

elas serão feitas com a cidade.

No debate que antecedeu a votação, Pedro Baptista defendeu que fosse equacionada a hipótese de contactos com os partidos à esquerda do PS, com vista a um eventual entendimento com PCP e BE para as autarquias.

Dirigindo-se ao líder da distrital do PS-Porto, Renato Sampaio, Baptista acusou-o de ter mentido, na entrevista que deu ao *site* grandeporportv.net, ao dizer que PCP e BE não queriam uma coligação com o PS: “Isso é uma completa uma invenção”, disse, revelando que na última semana manteve contactos com aqueles partidos, os quais, garante, “nunca rejeitaram a possibilidade de uma coligação”.

Maria José e Narciso

A escolha de Elisa Ferreira aconteceu no mesmo dia em que a vereadora socialista Maria José Azevedo anunciou a sua candidatura como independente à da Câmara de Valongo.

Isso levou o líder distrital Renato Sampaio a avisar que “todos os militantes, sem excepção”, que participem em listas contra o partido serão alvo de sanções: “A minha obrigação como dirigente do partido é zelar pelo cumprimento dos estatutos”, declarou ao PÚBLICO.



Elisa Ferreira foi aprovada pela concelhia com 53 votos a favor, um contra

Maria José Azevedo e Narciso Miranda (que pondera uma candidatura independente a Matosinhos) são os dois militantes que podem a vir a sofrer sanções, mas nenhum deles parece preocupado.

“Se até ontem Renato Sampaio dava sinais de estar desorientado, hoje demonstra estar completamente perdido. E até antecipa o que vai ser a decisão do conselho de jurisdição distrital do partido, um órgão que,

penso eu, deve ser completamente independente”, afirmou Azevedo.

Cáustico, Narciso Miranda afirma que gostava de ver “arrogância do aparelho do PS do distrito do Porto preocupado com o desemprego, contra a exclusão social, o centralismo de Lisboa e o desinvestimento público no Porto e a defender as obras do metro.” E acrescenta: “Se Renato Sampaio pensa que me faz esmorecer, está completamente enganado.”

Ferreira Leite culpa Governo por resultados económicos e defende reavaliação dos investimentos públicos

Samuel Silva

● Manuela Ferreira Leite teceu ontem duras críticas ao Governo, responsabilizando-o pelas consequências dos resultados económicos do país, nomeadamente pelo corte no *rating* de Portugal pela Standard & Poor’s.

Para a presidente do PSD, a agência de notação financeira tomou a decisão de reduzir o *rating* (e portanto tornar mais oneroso o financiamento do país no exterior) em consequência dos problemas internos da economia nacional e não da crise externa; isso é sinal de um falhanço das políticas do Governo socialista.

A quebra no *rating* português vai dificultar ainda mais o acesso ao crédito. Para Ferreira Leite, isso é motivo para se pensar mais claramente em reavaliar os grandes investimentos públicos previstos: “Se o Estado for sufocante e consumir todo o crédito, ficaremos ainda mais pobres. O crédito tem que chegar às empresas e às famílias.”

Para a líder social-democrata, a actual crise requer especiais cuidados e exige que os investimentos sejam “ponderados e reavaliados”. “As inaugurações passam, mas as dívidas ficam”, salientou a dirigente do PSD, durante um jantar com militantes em Vila Nova de Famalicão.

Ao almoço, Ferreira Leite tinha já acusado o PS de estar a “deixar o país pior do que estava” quando tomou posse. “Todos os indicadores apontam que estamos hoje pior e até a vantagem do controlo do défice público por parte do Governo se esfumou, por muito tempo.”

‘Camuflar a incompetência’

A líder “laranja” considera que os maus resultados nacionais não são “uma fatalidade”, mas consequências de “políticas erradas” e sustenta que há “outros caminhos para ultrapassar a crise” que têm que ser seguidos.

A presidente dos social-democratas entende que o país “não pode

manter a mesma política”. Caso contrário mantém-se no mesmo caminho, “e esse só nos leva a piorar”.

Ferreira Leite diz que o PSD tinha antecipado os problemas económicos do país e José Sócrates “fingiu que não ouvir e ousou denegrir” as suas propostas. Mesmo que a realidade seja hoje “duríssima”, o primeiro-ministro reage às críticas com “arrogância, soberba e desafio”.

A presidente social-democrata queixa-se ainda das dificuldades que tem sentido em “lutar contra uma máquina de propaganda” do Governo, que promove uma “desesperada tentativa de camuflar a irresponsabilidade e a incompetência”.

Jornalistas contestam fusão da RDP e RTP nos Açores

Tolentino de Nóbrega

● A direcção de informação da Antena 1/Açores exigiu a suspensão imediata da fusão ao nível da produção de conteúdos informativos da RTP e da RDP naquela região autónoma. Em documento entregue ao director dos canais públicos, Pedro Bicudo, recomenda-se também que os jornalistas, contratados a qualquer título, devem ficar adstritos, de forma definitiva, a uma ou outra redacção.

O documento foi elaborado antes de a administração da empresa anunciar, através de uma ordem de serviço emitida a 19 deste mês, a criação do Gabinete de Apoio às Operações Regionais (GAOR), que reduz a autonomia das direcções dos centros insulares.

Nele é referido que a RDP e a RTP nos Açores atravessam um “período turbulento” no campo da informação, marcado por um processo de criação de sinergias ao nível das redacções. Acrescenta que a utilização de jornalistas a trabalhar em simultâneo para a rádio e para a televisão públicas “encurta a capacidade de decisão editorial” em cada redacção e “limita de forma significativa” o imperativo de zelar pelo pluralismo na informação.

Defende ainda que as grelhas de informação da rádio e televisão devam ser “reajustadas tendo presentes a realidade quantitativa e qualitativa



A direcção de informação da Antena 1/Açores teme que a fusão “limite de forma significativa” o pluralismo da informação

das respectivas redacções e o primado da investigação e da informação plural”.

A situação deverá ser analisada pela nova directora do GAOR, Maria do Carmo Figueiredo, cuja nomeação foi confirmada segunda-feira pelo conselho de administração. Este órgão foi recentemente acusado pela subcomissão açoriana dos trabalhadores de adoptar “uma estratégia de esvaziar a RTP-A de recursos humanos, para além de a asfixiar financeiramente”.

Com reporte ao administrador Luís Marinho, do qual deixam de depender directamente os directores dos dois centros insulares, Pedro Bicudo (Açores) e Leonel Freitas (Madeira), a estrutura intermédia agora criada tem por missão “habilitar a administração a decidir de forma ágil, equilibrada e flexível as questões de natureza técnica e administrativa relativas às operações regionais da empresa.

É igualmente responsável pela “movimentação de recursos financeiros, humanos, logísticos e técnicos que exigem uma adequada e fundamentada decisão, atentos os ajustamentos e coordenação de funções resultantes da fusão entre a rádio e televisão públicas, sem prejuízo das competências dos respectivos directores.

Candidatura de Gonçalo Amaral a Olhão seguiu para PSD

● O líder do PSD-Algarve, Mendes Bota, disse na sexta-feira à noite que a proposta de candidatura do antigo inspector da Polícia Judiciária Gonçalo Amaral à Câmara de Olhão seguiu hoje por correio para a Comissão Política Nacional.

“Seguiu [sexta] pelo correio para a Comissão Política Nacional. Há toda uma tramitação processual que está a ser seguida”, disse Mendes Bota, à margem da apresentação do livro de Gonçalo Amaral, *Maddie, a Verdade da Mentira*, evento que decorreu na Biblioteca Municipal de Loulé, com



Comissão política irá decidir sobre a candidatura de Amaral

a presença do autor. Gonçalo Amaral coordenou, em 2007, a investigação da PJ ao desaparecimento de Maddie McCann.

Bota lamentou as críticas à candidatura de Amaral, reformado da Polícia Judiciária desde Julho de 2008: “Noto que tem havido alguns comentadores de órgãos de comunicação social que parece que não reconhecem ao doutor Gonçalo Amaral o seu direito ao exercício de cidadania, como outra pessoa qualquer, nomeadamente ser candidato à Câmara de Olhão.”

Questionado pela Lusa sobre se haveria um candidato suplente à Câmara de Olhão, caso a proposta de Gonçalo Amaral seja chumbada pela Comissão Política Nacional, Bota mudou de assunto e respondeu apenas que o livro de Gonçalo Amaral era “feito de factos” e que tudo o que estava no livro era “verdade”.

A líder social-democrata, Manuela Ferreira Leite, já veio dizer que os critérios definidos internamente excluem a possibilidade de o ex-inspector da PJ ser candidato pelo partido. **Lusa**

Novo Call Center

uma resposta às necessidades
dos nossos clientes

Localizado em pleno centro de Lisboa, na Av. Defensores de Chaves, nº 45, onde ocupa os 6º, 7º e 8º Pisos, está dotado com mais de 300 posições equipadas com a mais recente tecnologia disponível na indústria, obedecendo a avançados padrões no campo da ergonomia e conforto no trabalho.

Estamos preparados para a prestação de serviços de Customer Service, Telemarketing, Telecobranças e Gestão de Processos de Backoffice.

A operar desde 1998 na área de Contact Centers, o GRUPO SELECT VEDIOR emprega mais de 9500 Colaboradores por mês. Ao longo destes últimos 10 anos colaborámos, como parceiros, no Start-up de muitos dos principais Contact Centers portugueses, em áreas como a Banca, Telecomunicações, Seguros e Serviços.



Cultura A polémica sobre os apoios do Estado às artes

O que é que se pode fazer em cultura com 200 mil euros?

O subsídio do Estado está longe de chegar para tudo, mas sem ele não se poderia fazer nada. Paula de Castro Guimarães, da Miso Music, explica como usa o dinheiro que recebe

Alexandra Prado Coelho

● “E aqueles que têm mais de 35 anos?” Foi com esta pergunta, dirigida ao primeiro-ministro, José Sócrates, que a compositora Paula de Castro Guimarães, da Miso Music, abriu a polémica em plena cerimónia de apresentação dos programas de estúdios para jovens (dos 18 aos 35 anos) no estrangeiro, INOV-ART e Inov Mundus, lançados pelos ministérios da Cultura e dos Negócios Estrangeiros, a 9 de Janeiro.

Apesar de achar os novos programas muito positivos, o que Paula de Castro Guimarães quis fazer foi chamar a atenção para o que considera ser a falta de apoio do Estado à internacionalização dos artistas que não entram nesta categoria de “jovens” e “desempregados”.

Horas depois da inesperada interrupção, o diretor-geral das Artes, Jorge Barreto Xavier, declarava-se “perplexo” com a atitude da compositora e revelava que a Miso Music recebe um subsídio de 200 mil euros por ano.

Na sequência da polémica, o ministro da Cultura, José António Pinto Ribeiro, disse uma frase que contribuiu para aumentar a indignação da compositora: “Não há nenhuma falta de apoio aos artistas, é preciso é dirigirem-se aos locais próprios.” Uma afirmação que, segundo Castro Guimarães, “demonstra um total desconhecimento da realidade dos artistas” em Portugal.

Dez mil euros só em hotéis

Partindo deste caso para tentar fazer um quadro do que é o apoio às artes, o PÚBLICO perguntou a Paula de Castro Guimarães o que se faz com 200 mil euros por ano. A compositora deu como exemplo uma das actividades habituais da Miso Music, o Festival Música Viva, ao qual o grupo atribui um orçamento anual de 50 mil euros.

“Um festival deste tipo custa no mínimo 200 mil euros por ano”, afirma. “Só um concerto da Orquestra Metropolitana de Lisboa custa cerca de 25 mil euros. A Gulbenkian todos os anos oferece um concerto de orquestra, que nos custaria 75 mil euros. O CCB põe-nos o espaço à disposição, assim como o Mosteiro dos Jerónimos. Conseguimos fazer o festival, com 22 concertos representando cem compositores, graças a inúmeras parcerias, o que nos permite ter concertos que não são pagos, colaborações com rádios, televisões, revistas internacionais, descontos muito grandes. Sem esses descontos, pagaríamos, só em hotéis para instalar os músicos convidados, cerca de dez mil euros.”

O festival deste ano (entre 14 e 20 de Setembro no Centro Cultural de Belém) já está anunciado no site da Miso Music e percebe-se a ginástica

que é necessária: o financiamento é indicado como da DGArtes/Ministério da Cultura, depois existem três protocolos e três co-produções e uma longa lista de apoios.

“Este ano fizemos duas encomendas a dois compositores estrangeiros, um canadiano e um irlandês”, conta Paula. “E não pusemos um tostão. Concorremos a um apoio do Arts Council canadiano e do irlandês. E assim temos dois compositores estrangeiros integralmente pagos pelos respectivos países.”

O mais habitual, segundo a compositora, no caso dos países europeus é que o país que convida pague metade e o país de origem do artista pague a outra metade. Mas isso não funciona quando é um português a ser convidado para um festival no estrangeiro - nesse caso, ou tem tudo pago pelo país que o convida ou tem que pagar

do seu próprio bolso ou conseguir um apoio específico.

Paula dá outro exemplo. “Temos um projecto de internacionalização da música portuguesa totalmente pago pelo British Council.” Através de um grupo britânico que veio a



Pinto Ribeiro afirmou: “Não há nenhuma falta de apoio aos artistas, é preciso é dirigirem-se aos locais próprios”

Portugal tocar música portuguesa, a Miso Music decidiu ir a Londres apresentar a sua proposta ao Instituto Britânico.

“Consideramos que a música portuguesa não é conhecida nas principais capitais europeias. Perguntámos se havia hipótese de apoiarem um mini-

festival de música portuguesa em várias cidades.” Para grande surpresa, a resposta foi positiva. Em Portugal o Instituto Camões deu algum apoio ao projecto Circuits, “que vai culminar num CD de obras de música portuguesa pago pelo British Council”.

A compositora mostra-se satisfeita por haver agora “um pequeno programa” de apoio do Instituto Camões, mas garante que não se compara com o que acontece com institutos como o Goethe alemão, o Cervantes espanhol ou o British Council.

Apoios “essenciais”

Quanto aos 200 mil euros que recebe da DGArtes - e que constituem o subsídio mais elevado a um grupo na área da música -, divide-os pelos vários projectos da Miso Music, das encomendas a compositores aos ateliers para crianças, passan-

do por residências artísticas e pelo centro de informação da música portuguesa, uma base de dados que disponibiliza gratuitamente 230 partituras completas de compositores portugueses, para além de dados sobre eles, em português e inglês.

Só o centro, diz Paula, precisaria de 100 mil euros para funcionar (com duas pessoas a tempo inteiro, duas a meio tempo e três informáticos), mas o orçamento que lhe atribuem é 50 mil, para poder “esticar” o dinheiro para o resto.

Os 200 mil podem não ser suficientes, mas são essenciais, reconhece. Sem a estabilidade dada por este subsídio (apesar dos atrasos que está a haver na atribuição este ano) nada do resto seria possível. “Representa 33 por cento do volume financeiro da nossa actividade, mas sem esses não poderíamos gerar os outros 70.”

Paula de Castro Guimarães e Miguel Azguime, da Miso Music



Os apoios da DGArtes em números

19,45
milhões de euros é o montante global que a Direcção-Geral das Artes tem para atribuir em 2009 para apoio às artes plásticas, dança, música, teatro e cruzamento entre áreas

16,085
milhões de euros foi o montante atribuído em apoios pela DGArtes em 2008

190
é o número de entidades que receberão apoio em 2009

134
número de entidades que receberam este tipo de apoios da DGArtes em 2008

Fonte: Direcção-Geral das Artes



Em 2008, não houve apoios para galerias portuguesas irem à ARCO

Jorge Barreto Xavier, director-geral das Artes
“Apoio às galerias para a ARCO foi uma ajuda de socorro”

● O Director-Geral das Artes, Jorge Barreto Xavier, lamenta que o incidente com Paula de Castro Guimarães tenha desviado as atenções dos programas de estágios internacionais na área da cultura INOV-ART. Diz que também gostava de houvesse mais dinheiro disponível, mas acha que o essencial é definir estratégias claras para o apoio à internacionalização e lembra que a DGArtes só existe, com a actual estrutura (depois de várias fusões e alterações), desde Março de 2007. Ele próprio só assumiu o cargo em Abril de 2008.

Internacionalização

“É fundamental que haja algum consenso, mesmo entre as diferentes forças políticas, quanto às estratégias para esta área”, defende o director-geral das Artes. Com as mudanças de responsáveis, de políticas e mesmo de estruturas para o apoio às artes desde o 25 de Abril, “é difícil encontrar um fio coerente da intervenção pública na área da internacionalização, e o custo desta falta de estabilidade é muito elevado”.

Apesar disso, tem havido apoio regular à presença portuguesa em eventos como as bienais de São Paulo e de Veneza, lembra. E o recém-lançado INOV-ART é algo que o Estado “nunca fez com esta dimensão”.

ARCO

“Em 2007 foi acordado que o apoio para as galerias irem à ARCO [feira de arte em Madrid] acabava. Em 2008 não houve apoio. Quando falei com as galerias, a situação que se vivia em termos nacionais e internacionais não era a de hoje. Na altura disse que não considerava tarefa fundamental da DGArtes contribuir activamente com apoios financeiros para o trabalho de galerias comerciais. Os mercados não devem ser assistidos”, explica.

No entanto, foi anunciado há dias um apoio para as galerias que tiverem prejuízo na feira. “O cenário mudou muito em pouco tempo”, justifica Barreto Xavier, e perante as dificuldades do mercado, foi decidido dar este apoio: “Esta é uma ajuda de socorro. Se a empresa tiver lucro, porque é que o Estado tem que dar um X sobre esse lucro?”

Aliás, sublinha Barreto Xavier, “houve dezenas de galerias de todo o mundo que desistiram da sua participação na ARCO”. O director-geral das Artes está disponível para dicutir com os galerias “uma estratégia mais alargada de internacionalização” que não passe apenas por pagar a presença das galerias na feira de Madrid.

Atrasos

A atribuição de subsídios para 2009 sofreu atrasos que os grupos culturais dizem ter consequências dramáticas para o seu funcionamento. Os atrasos devem-se, segundo Barreto Xavier, à alteração que o ministro da Cultura decidiu introduzir no processo, na sequência das queixas feitas por muitos agentes culturais.

O objectivo foi acabar com o “processo simplificado” que garantia subsídios automáticos a quem já os recebesse há muito tempo. Com a alteração, todos os candidatos vão a

19

projectos de arte contemporânea foram apoiados em 2008 através do protocolo DGArtes/Gulbenkian/FLAD

concurso, e o processo sofreu, neste ano de modificação, um atraso. Barreto Xavier pretende que se faça em 2009 “uma avaliação completa e coerente” de todas as estruturas culturais no país para poder, no futuro, apoiar nela as decisões de subsídios.

Acordo tripartido

É uma modalidade de apoio à internacionalização da arte contemporânea portuguesa, resultado de um acordo entre a DGArtes, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD). Em 2008 foram apoiados 19 projectos, com um orçamento de 41,99 milhões de euros. Para 2009, diz Barreto Xavier, a DGArtes e a Gulbenkian mantêm o apoio, mas a FLAD está a enfrentar algumas dificuldades e ainda não está definida a forma pela qual continuará a participar. “Não queremos que a estabilidade do projecto seja posta em causa.” A.P.C.

Morreu o físico e divulgador de ciência Fernando Bragança Gil

Ana Machado

O professor jubilado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa será lembrado como um defensor do espólio dos museus universitários de ciência

● Fernando Bragança Gil, físico, professor jubilado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e ex-director do Museu de Ciência daquela instituição, morreu ontem em Lisboa. Tinha 81 anos.

Nascido em Évora a 12 de Dezembro de 1927, Bragança Gil começou a sua formação no Instituto Superior Técnico, que cedo abandonou por não considerar a engenharia a sua vocação. Ingressou então na Faculdade de Ciências, onde terminou a licenciatura em 1952. Foi nesta faculdade da Universidade de Lisboa que leccionou durante mais de três décadas. Catedrático desde 1973, Bragança Gil jubilou-se em 1997 e dedicou-se então de corpo e alma ao Museu de Ciência fundado por si em 1985 nos edifícios da antiga Escola Politécnica.

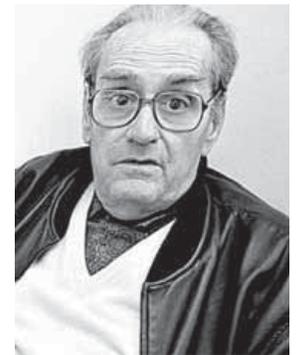
Director do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa desde a sua origem, em 1985, até 2003, Fernando Bragança Gil destacou-se não só no ensino e investigação como na divulgação da ciência e na defesa da história da ciência e da museologia.

Foi defensor da ideia de museu de ciência enquanto centro de divulgação da cultura científica mas onde nunca deveriam ficar esquecidos os

espólios - instrumentos e obras que atravessaram os tempos e que eram para ele testemunhos, verdadeiras máquinas do tempo que era obrigado a preservar.

Dedicou por isso grande parte da vida à preservação e estudo dos instrumentos científicos e aos espólios dos museus científicos universitários, em particular o da antiga Escola Politécnica de Lisboa, cuja história documentou em vários artigos e obras. O edifício da Escola Politécnica, que deu origem à Faculdade de Ciências, é um dos espólios museológicos universitários mais importantes do país.

O corpo de Bragança Gil estará hoje em câmara-ardeante a partir das 17h na Basílica da Estrela e seguirá amanhã para o Cemitério do Alto de São João para uma cerimónia fúnebre às 17h30.



Fernando Bragança Gil

EP
Estradas de Portugal, S.A.

FORNECIMENTO DE SERVIÇOS DE RESTAURAÇÃO, NO REFEITÓRIO E BARES DA EP - ESTRADAS DE PORTUGAL, S.A E GESTÃO DAS MÁQUINAS DE DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS/CAFÉ.

ANÚNCIO

A EP - Estradas de Portugal, SA, pretende lançar um procedimento para adjudicação de fornecimento de serviços de restauração, no refeitório e bares dos edifícios I e II da sede da EP - Estradas de Portugal, S.A. (EP) e gestão das máquinas de distribuição de alimentos/cafés em vários pisos desses edifícios, e ainda a prestação de serviços de refeições e lanches no Infantário "O Ninho", sito igualmente na sede da EP.

O período de execução terá início em dia a determinar, estimando-se que tal ocorra até Março/Abril de 2009, e termina a 31 de Dezembro de 2009, podendo ser renovado por mais um ano civil.

Estima-se que o número de refeições a servir, por dia, se situe entre 150 a 180, de acordo com dados relativos a 2008, para um potencial máximo da ordem das 350 refeições diárias, incluindo adultos e crianças.

Com vista à integração numa lista de empresas a considerar no âmbito do convite no referido procedimento, convidam-se todas as empresas de restauração, com experiência na gestão do serviço de restauração em empresas e interessadas em participar, a declarar a sua disponibilidade e interesse através do e-mail recursos.humanos@estradasdeportugal.pt, ou para o fax: 212 879 921, até ao dia 04 de Fevereiro de 2009, enviando a respectiva identificação e "Curriculum Vitae" da empresa.

O detalhe do objecto da prestação dos serviços, dos critérios de selecção e das demais condições contratuais constantes do caderno de encargos serão fornecidas juntamente com o convite a remeter às empresas interessadas.

Mundo

Palestinianos Reconstrução dos subterrâneos que contornam o bloqueio de Israel

Gaza, um túnel sem saída

É uma rede comercial subterrânea. Com o bloqueio, a faixa depende deles para tudo. Israel tentou destruí-los e arrasou as casas

Reportagem

Alexandra Lucas Coelho, Gaza

● A família de Mohammed tem não um, mas dois túneis entre Gaza e o Egito. Com o bloqueio das fronteiras, no último ano e meio, tem sido assim. Um boom. “Neste momento há 2000 ou 2500 túneis aqui”, diz Mohammed, como se estivesse a falar de lojas. E de certa forma está.

Hoje [ontem], primeiro sábado depois do cessar-fogo, é dia de mercado em Rafah, a cidade no Sul de Gaza que faz fronteira com o Egito, e Mohammed está a vender fogões a petróleo, um bem essencial ao longo da guerra. Durante semanas foi impossível encontrar gás. Ao lado dos fogões de cozinha, as famílias passaram a ter um pequeno fogão a petróleo, onde faziam toda a comida.

Agora, já se vende gás à entrada de Rafah, mas é preciso esperar horas numa fila de rapazes e homens sentados em botijas vazias.

Portanto, Mohammed continua a fazer negócio no mercado central. Tem um monte de pequenos fogões verdes no chão. “Trazemo-los por túneis, como tudo o que aqui está.” Cafeteiras eléctricas, televisões, fraldas, queijo de triângulos.



Existirão mais de 2000 túneis entre Gaza e o Egito, dos quais os palestinianos dependem para obter tudo, de fraldas a fogões

“Antes desta guerra eu trabalhava nos túneis, trazia as coisas para o lado palestiniano, mas agora compro as coisas e vendo aqui.” Com ajuda de alguém do outro lado. “Há um parceiro egípcio que põe as coisas no túnel. Não chegamos a andar nas ruas. A maior parte dos túneis vai sair por baixo de casas.”

É assim que os túneis de Gaza são túneis sem saída. Os palestinianos arriscam a vida – e vários morrem – a andar de um lado para o outro debaixo da terra, mas não conseguem sair. Seriam repellidos. O Egito não está interessado em ter refugiados, como se viu durante a guerra.

E por causa dos túneis, Rafah tornou-se o grande mercado da

Faixa de Gaza desde que o Hamas tomou o poder, em Junho de 2007. Com Israel a bloquear as fronteiras, toda a zona junto à fronteira egípcia começou a ser escavada. Já havia algumas passagens, utilizadas pelos militantes para trazer armas e munições, mas agora é uma realidade doméstica. Faz parte de cada casa.

“As grandes famílias têm pelo menos um túnel”, diz Mohammed, descontradadamente, já rodeado por uma multidão. Até que um velho de grandes barbas abre caminho e o ameaça com a bengala. “Porque estás a contar-lhe tudo isso? Os túneis são coisas nossas!”

Remendar a guerra

Entre o mercado e o muro da fronteira, os passeios de Rafah estão carregados de produtos frescos, acabados de chegar. Microondas, computadores, motas – até vacas são trazidas pelos túneis. O que não veio do Egito vem da ajuda humanitária. Virando à direita, depois de mais um carro de burro carregado com um saco da ONU, aparece a linha da fronteira, ao fundo.

Esta é a zona de Rafah que mais sofreu durante a guerra. Já havia várias casas derrubadas por Israel, para garantir a vigilância da fronteira. Mas agora são mais as destruídas do que as que continuam em pé. Vêm-se montanhas de entulho fresco e famílias inteiras sentadas nas ruínas, de cabeça baixa, à espera de ajuda.

Já uns metros adiante, em plena Estrada de Filadélfia – o corredor poeirento que separa Gaza do Egito –, vai uma actividade febril.

Para a direita, montes de terra com tendas brancas a perder de vista. Para a esquerda, mais montes de terra com tendas brancas a perder de vista. Cada tenda é um túnel. Ou seja, toda a linha de fronteira é agora uma linha de túneis. E ouvem-se tratores e escavadoras entre um formigueiro de miúdos e homens. Um estaleiro, a reparar os danos da guerra.

“Tudo isto começou com o bloqueio, se o bloqueio não existisse, não existiam túneis”, resume Mustafá, de 28 anos, o dono do túnel mais próximo. É uma cratera de terra, com uma espécie de escada de metal por onde se desce. Agora não se pode

As crianças de Gaza voltaram ontem às aulas, em escolas destruídas



Ibrahim, sem-túnel e sem-casa

Uma mulher toda de preto está sentada num bocado de cimento, com a cara pousada na mão. Não parece haver nada nos olhos dela. O vento vem e sacode o lenço, a saia, mas ela continua imóvel. “É a minha mulher”, diz Ibrahim Mahdi, sentado num degrau, do outro lado da rua.

De lenço branco e bigode grisalho, Ibrahim é um mais-velho. Tem 63 anos, oito filhos, 60 netos e acaba de perder a casa para a qual poupou toda a vida. É junto aos destroços que a sua mulher está sentada.

Esta é a rua antes dos túneis que levam ao Egito. Um alvo preferido da aviação israelita durante a guerra. “Mandaram papéis do céu a dizer para sairmos das nossas casas porque iam bombardear”, explica Ibrahim caminhando para os destroços. Mas em Gaza muita gente é duplamente refugiada, perdeu uma casa em 1948 e outra

em 1967. Ibrahim tem idade para se lembrar e recusou-se a obedecer aos papéis.

“Não saímos. Até que uma manhã eram tantas as bombas que tivemos que fugir. E pouco depois a nossa casa foi destruída.”

Desde 7 de Janeiro que está aqui. “Os meus vizinhos deixam-nos dormir naquele armazém”, diz, mostrando os degraus onde estava sentado. “Tenho filhos fora e uma filha está em casa de parentes com os filhos.” Perdeu tudo. “Quer ver as minhas roupas?” Aponta pedaços de tecido que aparecem entre o entulho.

Ibrahim compra e vende vegetais de Gaza. Não depende dos túneis e não tinha um túnel. “Um homem chegou a oferecer-me 150 mil dólares para fazer um túnel por baixo da minha casa, mas recusei, era onde eu vivia, não queria perdê-la.”

Agora perdeu-a por causa dos

túneis, mas mesmo assim não diz mal deles. “Israel fechou as fronteiras. Um litro de gasolina chegou a 25 shekels [cinco euros]. Hoje, graças aos túneis, custa 3,5 [70 cêntimos]. Não tínhamos fraldas, leite, comida. Estes túneis ligaram-nos à vida. Tudo o que possa imaginar que as pessoas precisam vem dos túneis.”

Incluindo armas. “Mas um míssil passa por estes túneis?”, contesta Ibrahim. “Os túneis não permitem armas dessas. Mas se falamos de comida, sim, tudo vem para Gaza através dos túneis.”

O seu vizinho do lado, por exemplo, teve mais sorte. “Tem três túneis por baixo, e não lhe destruíram a casa. Porque é que destroem a minha? Os túneis são uma desculpa. Querem que sejamos refugiados.” E ao acenar, de volta ao seu degrau, diz: “O que sinto é como se fosse 1948 outra vez.” **A.L.C., em Gaza**

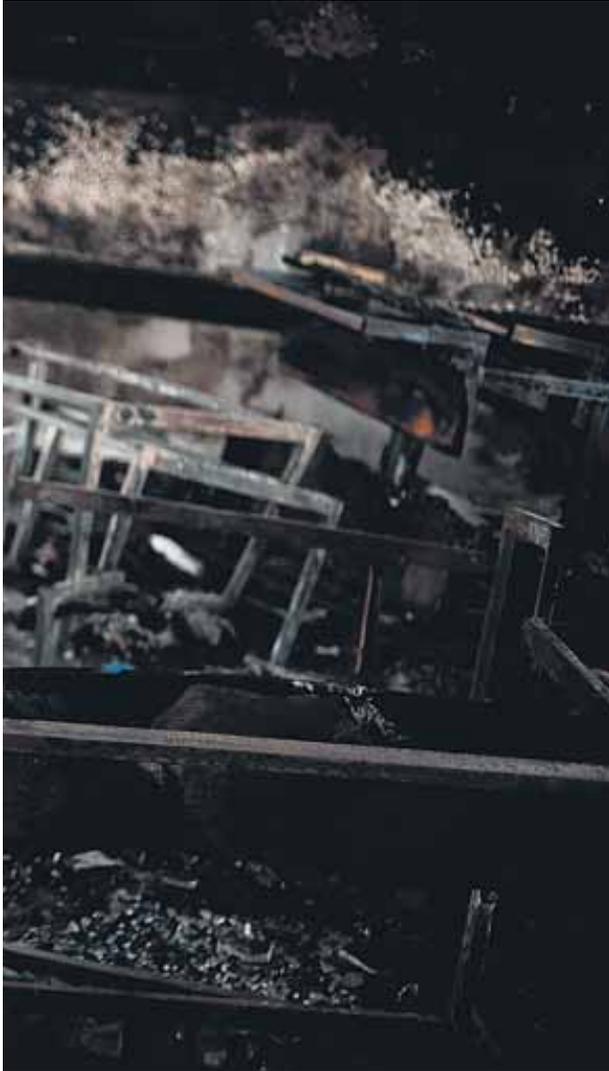
BBC recusa participar numa campanha a favor de Gaza

A BBC está a ser criticada pelo Governo britânico e activistas dos direitos humanos por recusar transmitir um apelo para reunir

fundos a favor da população da Faixa de Gaza. A BBC recusou-se porque teme deixar de ser vista como parte neutra no conflito.



OLIVIER LABAN-MATTEI/AFP



É assim que os túneis de Gaza são túneis sem saída. Os palestinianos arriscam a vida - e vários morrem - a andar de um lado para o outro debaixo da terra, mas não conseguem sair. Seriam repelidos. O Egito não está interessado em ter refugiados, como se viu durante a guerra

descer porque a terra abateu. Uma escavadora anda para trás e para diante, enquanto dezenas assistem, com os pés enfiados na terra mole.

"Foi atingido por um F16", explica Mustafá. "Quarenta metros de túnel desabaram. E não sabemos dos danos do outro lado."

Quem está do outro lado? "Gente que trabalha para nós." O que é que costumam trazer? "O que as

pessoas precisarem." A última vez que o túnel funcionou foi uns dias antes da guerra. "Trouxemos roupa interior."

Do outro lado da cratera, um miúdo fuma uma beata em cima de uma velha mesa de bilhar enfiada na terra, como a prancha de uma piscina. Ainda se vê o pano verde, em farrapos.

Mustafá demorou sete meses a construir o seu túnel. Tem 450 metros de comprimento e várias saídas do outro lado, consoante o que ele quer trazer. Ao longo da fronteira há túneis mais curtos e mais compridos. Alguns têm calhas para facilitar o transporte, outros têm a altura de um homem.

Neste é preciso ir a rastejar. "São 60 centímetros de altura e 40 de largura." Como é que se segura a terra lá dentro? "Com suportes de madeira e metal."

Mustafá não faz de conta que não é perigoso. "Já morreram cinco pessoas lá dentro, foram acidentes." Mas quanto a medo, o que tem a dizer é isto: "Deixámos de ter medo."

Dentro do maior hospital de Gaza**Ahmad, seis anos, alvejado depois do cessar-fogo**

Alexandra Lucas Coelho, Gaza

A guerra acabou, a morte continua. Os médicos de Gaza viram o pior, coisas que nunca tinham visto

● A cama parece muito grande com um corpo tão pequeno, de fraldas. Ahmad, seis anos, está deitado, entubado, em coma, numa cama da Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital Al-Shifa, o maior de Gaza. Como faz calor, não há nada a cobri-lo. A barriga sobe e desce com a respiração. O relatório diz que foi alvejado a 22 de Janeiro.

Ou seja, vários dias depois do cessar-fogo.

Hani Al Shanti, um dos médicos intensivistas, mostra as radiografias. A bala aparece perfeitamente nítida no centro do crânio. "É uma bala de M16, as dos israelitas", diz. "Em Gaza só se usam *kalashnikovs* russas e essas balas são duas vezes mais compridas."

Mas como, se Israel declarou cessar-fogo sábado à noite? "A família dele vive ao pé da fronteira, os soldados israelitas estavam a disparar e ele foi atingido." Foi o que os familiares de Ahmad contaram aos médicos.

"Eles estão lá fora, quer falar-lhes?", pergunta Hani. E leva o PÚBLICO ao átrio, onde Hajid, o pai da criança, espera com um grupo de familiares e vizinhos.

"Vivemos a um quilómetro da fronteira", conta ele. "Na quinta-feira, pelas nove e meia da manhã ouvimos tiros na fronteira e no mar, Ahmad estava a brincar lá fora e foi atingido." O genro acrescenta: "Eu estava com as crianças, Ahmad estava a comer um doce, e de repente caiu com a cara no chão."

Como sabem que a bala é israelita? "É uma bala de M16, que os israelitas usam, o que é comum em Gaza é a *kalashnikov*, e ninguém estava a disparar do nosso lado", diz o pai.

Toda a gente à volta quer dizer mais. "Os soldados continuam a disparar só para assustar as pessoas, afastá-las da fronteira", diz um. "Ainda ontem atingiram pessoas no campo de Bourj", diz outro. E o genro do pai: "Está convidada para vir a nossa casa esta noite e ouvir os disparos."

Morto no último dia

De volta à sua unidade, Hani Al Shanti vai até à cama em frente à de Ahmad, onde um homem parece dormir. "Já está morto, mas não podemos desligar a máquina, é ilegal, só quando a linha do coração estiver plana."

Este homem chama-se Mohammed Sarbou, tem 25 anos e é pescador. Estava na praia quando foi alvejado por um navio israelita. O relatório diz que isso aconteceu a 17 de Janeiro, o último dia da guerra. "A bala entrou pelo meio da testa", explica Hani.

Todos os médicos do Al Shifa têm histórias terríveis desta guerra, desde os primeiros minutos, quando chegaram 188 mortos e centenas de feridos ao hospital.

"Vi uns 150 feridos morrerem nes-

se dia", conta Hani. "Não consegui não chorar. Eles estavam simplesmente aqui pelo chão e não podíamos fazer nada por eles."

Kamal Abu Abada, outro médico intensivista, tinha acabado de sair de serviço quando começou o bombardeamento. "Fiquei parado à porta do hospital sem saber se ia ver da minha família ou se voltava ao trabalho." Decidiu voltar. "No tempo de vestir a bata já o hospital tinha sido inundado com mortos e feridos."

Um dos alvos desse megabombardamento simultâneo foi uma sede da polícia a 130 metros do hospital. "Começámos a abrir mais unidades de cuidados intensivos em todo o lado. Passámos de 11 para 35 camas." Ao longo de toda a guerra receberam 5500 feridos.

Abada tem 52 anos, Hani 32. Duas gerações de intensivistas. Como descrevem o que aconteceu a Gaza nesta guerra? "Um *tsunami*", diz Abada. "Foi a Zeytun? A Atattra? [ver edição de ontem]. Quando voltei lá nem consegui encontrar as casas que me eram familiares. E neste hospital foi a pior situação que já vivemos. A quantidade de casos e o tipo de casos."

OLIVIER LABAN-MATTEI/AFP

**Membro da Amnistia Internacional investiga o uso de fósforo branco****Dúvidas sobre uso de fósforo branco****"Encontrámos queimaduras estranhas"**

● Israel admite ter usado fósforo branco em Gaza, embora não de forma criminosa, e anunciou um inquérito. Arma incendiária, o fósforo branco tem sido usado por tropas internacionais como ecrã de fumo em zonas do Afeganistão e do Iraque. Mas é considerado crime de guerra quando aplicado em zonas muito povoadas. A Faixa de Gaza, com um milhão e meio de habitantes, é uma das zonas mais densamente povoadas do mundo.

Na Unidade de Queimados do Hospital Al Shifa, em Gaza, o especialista Aladin Ali diz que várias análises foram enviadas para o estrangeiro e estão à espera de resultados. Até lá, o que adianta é isto: "Encontrámos algumas estranhas queimaduras nesta guerra, que nunca tínhamos visto. Queimaduras em grandes áreas do corpo, 70 por cento, às vezes 100 por cento. Uma queimadura circular, muito profunda, até ao osso, o que significa que estranhas armas foram

usadas." Os feridos mais graves morreram logo, mas ainda há centenas de internados nesta unidade.

O Comité Internacional da Cruz Vermelha confirmou que Israel usou fósforo branco na guerra em Gaza, mas não adianta conclusões sobre se o uso que Israel fez pode ser considerado criminoso. A ONU criticou o uso de fósforo branco em Gaza, e tanto a Amnistia Internacional como a Human Rights Watch estão a investigar. **A.L.C., Gaza**



Rachida Dati, a ministra francesa da Justiça, que regressara ao trabalho cinco dias depois de dar à luz, vai agora deixar o Governo, aos 43 anos, para se candidatar ao Parlamento Europeu, nas listas do Movimento para a Maioria Presidencial, foi ontem anunciado.

Mais de mil imigrantes manifestaram-se na ilha italiana de Lampedusa

Jorge Heitor

O centro de acolhimento ali existente encontra-se há muito superlotado, com pessoas que procuram refúgio dentro das fronteiras da União Europeia

● Mais de mil imigrantes ilegais que procuravam obter asilo na ilha italiana de Lampedusa - 205 quilómetros a sul da Sicília e a apenas 113 quilómetros a leste da Tunísia - quebraram ontem as barreiras do centro de detenção ali existente e dirigiram-se para o centro da única localidade próxima, de modo a protestar contra os procedimentos de expulsão.

Segundo a polícia, a manifestação foi pacífica e verificou-se um dia depois de o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, de que é titular António Guterres, ter criticado as condições de detenção na ilha, um território árido que geologicamente pertence a África e por onde passaram sucessivamente fenícios, gregos, romanos e árabes.

O centro, com capacidade para receber 850 pessoas, acolhe actualmente 2000, sobretudo imigrantes oriundos do continente africano que chegam à ilha em embarcações precárias, saídos do Norte de África, para tentar a sua sorte na União Europeia.

Na sexta-feira, mais de metade dos 6025 habitantes de Lampedusa

sairam à rua para protestar contra a criação de um novo centro de detenção, que desse vazão à nova política migratória do Governo de Silvio Berlusconi, segundo a qual os refugiados são obrigados a permanecer em acampamentos até que sejam deportados ou se lhes conceda asilo.

Esse protesto assumiu a forma de uma greve geral e chamou a atenção para o problema dos muitos milhares de imigrantes, designadamente do Sudão e da Somália, que por vezes chegam a morrer ao tentarem alcançar a Itália por via marítima, em embarcações sem condições.

Centenas de imigrantes ilegais estão já a dormir fora do centro de detenção, sob precários abrigos de plástico, conforme destacou na semana passada o Alto Comissariado



Imigrantes à chegada a Lampedusa

do da ONU para os Refugiados.

Esta tendência de se alcançar a Europa por meio de Lampedusa começou em 1996 e aumentou fortemente nos últimos dois anos. A instituição humanitária italiana Fortress calcula que, em 2008, pelo menos 1502 pessoas morreram ao tentar alcançar clandestinamente solo europeu.

O Ministério do Interior italiano anunciou que 31.700 imigrantes ilegais chegaram a Lampedusa no ano passado, o que significa um aumento de 75 por cento em relação a 2007. E cerca de metade dos que o solicitaram conseguiram o estatuto de refugiado ou outra espécie de protecção, por motivos humanitários, para impedir que fossem devolvidos aos países dos quais vieram, onde poderiam sofrer represálias.

Governo sob suspeita

Tailândia recambia refugiados birmaneses

● O Governo tailandês anunciou ontem que vai permitir que representantes do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados visitem os birmaneses de etnia rohingya detidos no país, por entrada ilegal.

Mas só o fez depois de ter reconhecido que 126 dessas pessoas que buscavam asilo tinham sido recentemente enviadas de volta para o mar, em embarcações sem motor e com poucos alimentos.

Centenas de fugitivos da Birmânia para a Tailândia têm sido salvos nas últimas semanas por outras embarcações, mas há ainda centenas de desaparecidos, no que se está a tornar um verdadeiro escândalo.

Sobreviventes exaustos desta grande odisseia, que têm ido parar à Índia e à Indonésia, contaram como andaram à deriva nas águas do Índico, com muito pouca comida e quase sem água.

Os rohingya são um povo praticamente esquecido que reside no estado birmanês de Rakhine, antigamente chamado Arakan. Muçulmanos sunitas, são física e linguisticamente aparentados aos habitantes da Ásia Meridional, muito em especial aos bengalis. A Amnistia Internacional diz que os seus direitos humanos têm sido violados desde 1978 pela junta militar birmanesa, pelo que muitos deles procuram fugir.

Iraque reabre prisão de Abu Ghraib

● O Iraque vai reabrir a tristemente célebre prisão de Abu Ghraib, que se tornou sinónimo das torturas do regime de Saddam Hussein e também da ocupação norte-americana, afirmou ontem à Reuters o vice-ministro da Justiça, Busho Ibrahim.

O mesmo responsável adiantou que a prisão (onde foram recolhidas imagens de soldados americanos a cometer abusos contra detidos) foi renovada para estar de acordo com os padrões internacionais. "Mudamos-lhe o nome para Prisão Central de Bagdad, por causa da má fama como prisão Abu Ghraib, não apenas devido ao que os americanos fizeram, mas também pelo que fez o regime de Saddam", afirmou.

A prisão acolheu entre 40 mil e 60 mil pessoas durante o Governo do ex-Presidente iraquiano. Foi encerrada em 2006, depois de os Estados Unidos terem construído um gigantesco centro de detenções no deserto, próximo da fronteira com o Kuwait.

Ibrahim refere ainda que as novas instalações estão preparadas para entre 13 mil e 14 mil detidos, incluindo 3500 com sentenças prolongadas, provenientes de todo o país.

Primeiras críticas a Obama vêm do Vaticano e opositores do aborto

● Barack Obama incluiu nas suas primeiras medidas a autorização de financiamento de organizações humanitárias que praticam ou facilitam o aborto no estrangeiro - revogando uma medida de George W. Bush, que normalmente era apontada como a nódula da sua política de apoio ao desenvolvimento, que costumava suscitar elogios. Mas a decisão do novo Presidente dos Estados Unidos, como seria de esperar, é polémica.

Ontem, vários altos dignitários do Vaticano criticaram duramente a medida de Obama - "a pior decisão que poderia tomar", segundo o presidente emérito da Academia Pontifícia, Elio Sgreccia, citado pela agência AFP.

As primeiras críticas à acção de Obama vêm, assim, de religiosos. A decisão, disse o actual presidente da Academia Pontifícia, Rino Fisichella, está marcada "pela arrogância dos que se julgam justos" e "pensam poder decidir sobre a vida e a morte".

Consciente de que a revogação da medida imposta por Bush - que foi lançada por Ronald Reagan e apenas não foi aplicada durante os dois mandatos de Bill Clinton - seria polémica, Obama não assinou esta directiva

frente aos media. Fê-lo em privado, e divulgou apenas um comunicado.

Nele, dizia que as medidas revogadas eram "inutilmente alargadas e injustificadas", ao impedirem apoios dos EUA a organizações que promovessem a saúde reprodutiva feminina noutros países. "Nos últimos oito anos, minou os esforços para promover o planeamento familiar voluntário, seguro e eficaz nos países em desenvolvimento", diz ainda a nota.

A medida foi assinada um dia depois do aniversário da decisão do caso Roe vs Wade (22 de Janeiro), que legalizou o aborto nos EUA, por decisão do Supremo Tribunal, e deu novo fôlego às tradicionais manifestações contra e a favor do aborto que assinalam esta data. **C.B.**



A Marcha pela Vida realiza-se todos os anos, a 22 de Janeiro

Mexicano dissolveu em ácido os corpos de 300 pessoas

Jorge Heitor

● O mexicano Santiago Meza Lopez, de 75 anos, confessou ontem à imprensa ter dissolvido em produtos químicos corrosivos os corpos de 300 elementos de gangues rivais, o que testemunha bem toda a brutalidade da guerra entre narcotraficantes que se está a verificar naquele país latino-americano.

Meza Lopez, que foi preso na quinta-feira, contou agora ter-se desfeito dos corpos em tambores industriais, nos arredores da violenta cidade de Tijuana, a maior do estado mexicano da Baixa Califórnia, perto da fronteira com os Estados Unidos.

Mais de 700 pessoas morreram ali no ano passado, enquanto gangues rivais combatiam pelo controlo do narcotráfico. Mas há muitos mais desaparecidos e que se supõe também terem morrido, depois de raptados.

Apresentado à imprensa pelo Exército, Santiago Meza Lopez contou que recebia 600 dólares semanais (462 euros) de um dos barões da droga,

70% dos mexicanos são a favor da reintrodução da pena de morte, depois de a pena capital ter sido abolida no país em 2005

Teodoro Garcia Simental, de modo a que recorre-se à soda cáustica para se desfazer dos cadáveres.

"Não senti nada", pormenorizou, quando interrogado sobre os seus sentimentos perante aquele macabro trabalho. E mais disse que o fazia há já dez anos, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

"Que me perdoem!", desabafou, quanto ao seu papel num conflito que só no ano passado causou a morte a 5700 mexicanos, mais do dobro do número de vítimas que se tinha verificado em 2007.

Garcia Simental é o principal rival do alegado líder actual do cartel Arellano-Felix, Fernando Sanchez-Arellano, a quem chamam "El Ingeniero" e que tem apenas 34 anos.

Por todas estas atrocidades é que o Congresso mexicano decidiu há dois dias debater a hipótese de se restabelecer a pena capital para alguns crimes. A campanha nesse sentido é conduzida pelo Partido Verde Ecologista do México (PVEM), presidido por Jorge Emilio González Martínez, "El Niño Verde", de 36 anos, licenciado em Administração de Empresas.

A maioria da população é a favor de uma atitude dura, mas o Governo, a Igreja Católica e os grupos de defesa dos direitos humanos são fortemente contra, pelo que não se vêem grandes hipóteses de um retrocesso na legislação; pelo menos a curto prazo.

O México é uma república federal presidencialista com 110 milhões de habitantes, 60 por cento dos quais mestiços, 25 por cento de origem europeia e 15 por cento tipicamente ameríndios, falando 60 línguas indígenas.

Bolívia População vai hoje a votos em referendo proposto pelo Presidente

Nova Constituição vai refundar país, promete Morales

Novo texto agudiza a oposição dos estados que lutam pela autonomia e cria cristação do Governo com a hierarquia da Igreja

Nuno Amaral, São Paulo

● A dois dias do referendo que hoje se realiza na Bolívia, o Presidente Evo Morales demonstrou que prossegue com os esforços para “colocar o país na rota do socialismo”. Anunciou a nacionalização da petrolífera Chaco, cujo principal accionista é uma companhia controlada pela BP e pelo grupo argentino Bridas. Concentrados em Santa Cruz de la Sierra, representantes das cinco províncias opositoras a Morales acusaram-no de transformar a nacionalização da petrolífera em mais um acto de campanha, “através do apelo a sentimentos nacionalistas”, nas vésperas do referendo constitucional.

A nova Constituição acentua as clivagens entre o Presidente indígena, que defende que o texto permitirá “de facto refundar a Bolívia”, e a oposição dos estados de Santa Cruz, Tarija, Chuquisaca, Beni e Pando, as regiões mais ricas. Estes alegam que o texto tem passagens vagas sobre a posse de terras e vai dividir os bolivianos, ao estabelecer novos direitos para os

55% apoiam a nova Constituição de Morales. É menos dos que os 67% que recebeu no referendo confirmatório do ano passado

indígenas. E voltam a reivindicar a autonomia, o que em Setembro deixou o país à beira da guerra civil.

O analista político boliviano Carlos Cordero considera que a nova Carta Magna representa um avanço em termos de inclusão, justiça social e combate à pobreza. Mas admite que o texto “não é claro” em relação à autonomia. “Fala-se em descentralização, o que não agrada à oposição. E imprime-se uma certa autonomia para os indígenas. É um projecto dúbio”, esclareceu ao PÚBLICO.

Mais de 80 dos 411 artigos da nova Constituição abordam a questão indígena no país mais pobre da América Latina. Pelo texto, os 36 “povos originários” passam a dispor de uma quota obrigatória em todos os níveis de eleição, a ter propriedade exclusiva dos recursos florestais e direitos sobre a terra e os recursos hídricos.

Num dos pontos mais polémicos, é estabelecida a equivalência entre a justiça tradicional indígena e a justiça

ordinária do país. “Regalias” difíceis de explicar ao resto da população, entende Carlos Cordero. “Cada comunidade indígena teria o seu ‘tribunal’, com juízes eleitos entre os moradores, e essas decisões não poderiam ser revistas pela justiça comum.”

Litígio com a Igreja

Jorge Cordero é inequívoco quanto às consequências eleitorais do referendo de hoje. “Já não se discute o conteúdo da Constituição, o resultado servirá apenas para aprovar ou chumbar Morales.” Até porque, num dos pontos, o texto estabelece a possibilidade de o Presidente concorrer a dois mandatos consecutivos. “Assim, a aprovação do texto no referendo abrirá caminho para que Morales convoque novas eleições e concorra novamente a Presidente, é também isso que está em jogo”, explicou.

Além de várias outras questões controversas - a divisão de terras (que impõe dez mil hectares como limite para as propriedades rurais), e o cultivo da coca (passa a ter protecção estatal, “como património cultural, recurso natural renovável e factor de coesão social”) -, a nova Constituição incomodou a Igreja Católica e suscitou uma severa troca de acusações por parte do Governo.

Vários elementos da hierarquia eclesial irromperam na crise boliviana ao lado da oposição. Um arcebispo presidiu em Sucre, a capital administrativa, a uma jornada de oração, promovida por quatro governadores adversários do Morales. Em Santa Cruz, que lidera os protestos, houve uma cerimónia idêntica. Os opositores do Presidente consideram que o texto constitucional coloca todas as religiões em pé de igualdade, retirando ao catolicismo o lugar da “religião oficial do Estado”.

“Estabelece também o direito à vida, mas não diz se o é desde a concepção, o que deixaria a porta aberta ao aborto. É também omissa em relação às normas do casamento, o que abre a porta ao casamento homossexual”, expôs ao PÚBLICO Eugénio Escarpellini, secretário adjunto da Conferência Episcopal Boliviana.

As críticas da Igreja levaram Morales e vários membros do Governo a falar de “nova Inquisição” e a apelidarem alguns prelados de “novos fariseus, traficantes da fé e da consciência”.

Morales quer reforçar poder da comunidade indígena



Lula apadrinha reforma constitucional e compara Morales a Mandela

Presidente brasileiro salienta a importância de haver um indígena no poder

No meio de uma minicrise causada pelos obstáculos bolivianos ao fornecimento de gás natural ao Brasil, o Presidente Lula da Silva deu um sinal claro de apoio a Evo Morales. A nova Constituição, disse, é decisiva para a “refundação democrática na Bolívia”.

“Há hoje uma nova Bolívia, e o povo clama por transformações que tragam novas esperanças e perspectivas para todos. Está em curso uma refundação democrática que busca reduzir desigualdades e valorizar a diversidade”, afirmou o Presidente brasileiro durante um encontro com Morales, esta semana, na fronteira entre os dois países da América Latina.

Dando corpo ao papel de líder simbólico da América Latina, Lula da Silva voltou a comparar

Morales ao ex-Presidente sul-africano Nelson Mandela. “Mandela mudou a história da África do Sul, e aqui também o povo boliviano fez o mesmo. Um indígena chegou finalmente à presidência”, frisou.

Depois, citou detalhes da nova Constituição boliviana - o pomo da discórdia da prolongada e violenta luta do Presidente Evo



Morales com a oposição boliviana, concentrada nos estados mais ricos, e onde não vive tanta população indígena.

“Evo, ao antecipar eleições e permitir uma só reeleição, está dando um passo muito importante, que muita gente não fez em outros tempos. É um gesto sério e de coragem”, adiantou.

Morales agradeceu o apoio e repetiu que foi eleito com 54 por cento dos votos, em Janeiro de 2006, resultado que foi ratificado com 67 por cento no referendo confirmatório nos cargos dos eleitos para variadas funções da administração pública, da presidência aos governadores de cada estado, realizado no ano passado. “A vitória será ainda maior este domingo”, assegurou o Presidente boliviano. **N.A., Rio de Janeiro**

Mikhail Saakachvili Cinco anos depois, a sua presidência apresenta muitas fragilidades

Após a guerra, o Presidente georgiano está cada vez mais só

Saakachvili foi de “farol de democracia” a duvidosas credenciais democráticas. Agora, perdeu o maior aliado, em Washington

Dulce Furtado

● O Presidente georgiano, Mikhail Saakachvili, conquistou um segundo mandato de cinco anos nas eleições antecipadas de há pouco mais de um ano. Foi uma jogada de antecipação: Saakachvili só agora terminaria o mandato então em curso, mas quis mostrar que continuava a gozar de maciço apoio popular. Saiu-lhe o tiro pela culatra.

E foi só o princípio de um ano a que se somaria a guerra com a Rússia e uma debandada geral dos que lhe eram mais fiéis. Não é a melhor maneira de assinalar cinco anos de poder, assumido a 25 de Janeiro de 2004, após a deposição do então Presidente Eduard Chevardnadze, veterano oriundo da era comunista.

No simbólico meneio de mão eleitoral de há um ano, Saakachvili quis afastar a incoerente – mesmo se ruidosa – oposição, que se lhe começava a avolumar exigindo o fim das suas “políticas autoritárias” e a sua demissão. Mas, em vez de arregimentar forças, Saakachvili não conseguiu passar nas urnas com mais de 52,21 por cento dos votos. Uma vitória eleitoral, de resto, denunciada pela oposição e que mereceu hesitações aos observadores internacionais.

Poucos meses passaram, desde aquele ensaio político de apenas meio êxito, até o chefe de Estado georgiano ver serem-lhe viradas as costas de muitos dos seus mais próximos aliados: a começar pela respeitada *speaker* do Parlamento, Nino Burjanadze.

Logo em Abril, aquela antiga aliada de Saakachvili na Revolução Rosa de 2003 revelou que não iria integrar as listas do partido no poder, o Movimento Nacional Unido (MNU, do Presidente), nas legislativas do mês seguinte.

Farol de tempos idos

Estava “descontente” com as credenciais democráticas de Saakachvili, deixou bem claro – sugerindo o que viria a anunciar menos de seis meses mais tarde: a formação de novo partido político e a assunção de um “papel político muito activo” no país. Os analistas predizem-na consensualmente uma forte rival para Saakachvili.

Ao mesmo tempo, as principais forças de oposição esforçavam-se

para reanimar a contestação ao chefe de Estado, intensificando os ataques verbais e tentando fazer regressar às ruas as maciças manifestações de Novembro de 2007.

As primeiras vagas dessa renovada contestação, Saakachvili – 41 anos, descrito amiúde como homem temperamental – reagiu com contenção. Mostrou-se bem longe do impulso que o levava, em 2007, a enviar a polícia antiterror para as ruas de Tbilisi, para reprimir dezenas de milhares de manifestantes.

Foi cuidadoso. Ainda tinha frescas na memória as críticas prontamente chegadas dos aliados ocidentais, que duramente questionaram as suas credenciais democráticas. Incluindo em Washington – principal apoiante das ambições georgianas de adesão à NATO –, de onde, em tempos idos, vieram rasgados elogios a Saakachvili. Era um “farol de democracia” na região do Cáucaso, descreveu o recentemente saído de cena Presidente George W. Bush.

Escombros de pós-guerra

A aparência foi a de que, desta vez, Saakachvili – advogado formado nos Estados Unidos durante a primeira metade da década de 1990 – tivera mão para o problema. Mas depois veio o Verão e, com ele, a guerra.

Quando o mundo se distraía com o espectáculo de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, em Agosto, o Presidente georgiano lançava-se numa aventura para reconquistar o controlo das regiões separatistas da Abkházia e da Ossétia do Sul, que se declararam independentes de Tbilisi no início da década de 1990.

Moscou reagiu à moda de Moscovo: com todo o seu poderio militar. E em cinco dias rechaçou as ambições de Saakachvili e quase chegou às portas de Tbilisi, deixando cidades esmagadas pelo caminho e centenas de milhares de deslocados internos na Geórgia.

Mas Agosto foi gentil para Saakachvili. A brutalidade russa inspirou uma explosão de orgulho nacional na Geórgia e o Presidente ficou sob a protecção de uma “moratória de conformação às autoridades”, feita pelos líderes de dois partidos da oposição: Davit Usupachvili (republicanos) e Davit Gamkrelidze (Nova Direita).

Mas em Setembro – com os custos da guerra avaliados em 2000 milhões

Campanha das presidenciais de 2004: Saakachvili sucedeu a Eduard Chevardnadze



Irakli Alasania, o “rapazinho” das Nações Unidas, pode ser o senhor que se

Um dos “rapazes do Presidente” está a começar a falar com voz própria

O ar de miúdo – um miúdo de 35 anos, bem-sucedido e eloquente – poderia jogar contra Irakli Alasania, embaixador da Geórgia nas Nações Unidas até há dois meses. É um, afinal, entre muitos dos jovens políticos educados por Mikhail Saakachvili para exercerem a governação georgiana. É um dos “rapazes do Presidente”.

Ou melhor, era. Falam nele até como um possível sucessor de Saakachvili.

Em finais de Dezembro, Alasania deixava o cargo na ONU porque se sentia “desiludido” com o chefe de Estado e com o “redondo falhanço” de Saakachvili em melhorar o relacionamento de Tbilisi com as regiões separatistas georgianas da Abkházia e da Ossétia do Sul.

“Um dos factores-chave nesta decisão é o surgimento, nestes últimos anos, de uma diferença fundamental entre a minha visão e a do Presidente”, disparou, sem misericórdia, citado pela Rádio

Europa Livre/Rádio Liberdade.

Alasania sabe do que fala. Foi presidente do Governo no exílio da Abkházia (2004-2005) e conselheiro de Saakachvili nas conversações entre a Geórgia e os líderes separatistas daquela região pró-russa; durante as quais conseguiu estabelecer canais de comunicação com políticos abkhazes e reanimar o Conselho de Coordenação Geórgio-Abkhaze.

Ao seu afastamento do processo de negociações, com rota de destino para as Nações Unidas, seguiu-se a perda do impulso positivo de entendimento entre os dois lados da disputa que aquele fórum registara no ano anterior.

Filho do general georgiano Mamia Alasania, morto em 1993 no Massacre de Sukhumi (quando a cidade foi tomada pelas milícias separatistas, na recta final da guerra civil entre a Geórgia e a Abkházia), Irakli licenciou-se em Direito Internacional na Universidade Estatal de Tbilisi, ao mesmo tempo que frequentava

cursos na Academia Georgiana de Segurança e trabalhava para o Ministério de Segurança.

Em 2001 dava os primeiros passos na diplomacia, integrando os quadros dos Negócios Estrangeiros: tinha 27 anos e antes de chegar aos 30 ainda cumpriria funções de vice-ministro da Segurança Nacional e, depois, da Defesa.

Saakachvili confiar-lhe-ia as primeiras responsabilidades na governação-à-distância da problemática Abkházia, onde a tragédia pessoal que vivera nunca o impediu de ser bem-sucedido em ganhar a confiança das lideranças abkhazes.

Ao longo do último mês tem vindo a esquivar-se a respostas directas sobre as suas ambições presidenciais. Apesar disso, já chamou a si o apoio de grandes vultos da política georgiana: o provedor dos direitos humanos na Geórgia, Sozar Subari, crítico assumido de Saakachvili, e o recém-auto-demissionário

Terra é o novo blogue do PÚBLICO blogues.publico.pt/terra

Miss Américas morre por complicações de infecção urinária

Nuno Amaral, São Paulo

A falência de vários órgãos causada por uma bactéria que provocou uma septicemia grave conduziu à morte Mariana Bridi, depois de já ter sido amputada

● Uma infecção urinária, provocada pela bactéria *Pseudomonas aeruginosa*, evoluiu para septicemia grave (falência dos órgãos por infecção generalizada) e causou a morte à modelo Mariana Bridi da Costa, na madrugada deste sábado, no Hospital Estadual Dório Silva, no estado do Espírito Santo. O mediatismo causado por este caso levou já a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), a garantir que não há registro de surtos causados por esta bactéria no Brasil.

Eleita Miss das Américas em 2007, Mariana, de 20 anos, foi transferida para o hospital no dia 3 de Janeiro, em choque séptico, de acordo com informações prestadas pela assessoria da Secretaria de Saúde do estado do Espírito Santo. Foi vítima de uma infecção



Mariana Bridi tinha 20 anos

rara e teve os pés e mãos amputados. No dia 2 de Janeiro, a modelo apresentou sinais de infecção urinária, como febre e dores. O quadro, que parecia simples, evoluiu para uma infecção generalizada na corrente sanguínea, provocada pela bactéria. A falta de oxigenação nas extremidades do corpo da modelo, levou à necessidade de amputação.

Na manhã de sexta-feira, um bole-

tim informou que o estado de saúde era considerado gravíssimo. Mariana Bridi fazia hemodiálise, porque os seus rins deixaram de funcionar, e respirava só com a ajuda de aparelhos. Na véspera, a modelo foi submetida a uma cirurgia para lhe retirarem o estômago.

Caso raro

Segundo o infecciosologista Carlos Urbano, médico no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, o caso era raro. "As bactérias acompanham o corpo das pessoas sem fazer nenhum mal. Cada uma delas desenvolve uma série de 'armas' para atacar o organismo e aproveitam-se de determinadas situações que causam um desequilíbrio. Ao chegar à corrente sanguínea, essas bactérias podem interromper o fluxo de sangue para as extremidades do corpo, levando à necessidade da amputação", disse o médico ao jornal *O Globo*.

Mariana Bridi representou o Brasil, chegou a disputar por duas vezes o concurso de Miss Mundo. Em 2007, ganhou o prémio de corpo mais bonito no concurso da Miss Biquíni Internacional. No mesmo ano foi eleita Miss Américas.

Vento forte faz 12 mortos em Espanha e França

● Os ventos mais fortes numa década a atingir o Norte de Espanha e o Sul de França provocaram 13 vítimas, incluindo quatro crianças que estavam num polidesportivo perto de Barcelona. Pelo menos 1,7 milhões de casas francesas estão sem electricidade, as ligações ferroviárias e rodoviárias estão bloqueadas, e os aeroportos fechados.

Estavam mais de 20 pessoas no pavilhão desportivo de Sant Boi quando o vento, de 110 quilómetros por hora, levantou o telhado metálico, arrastando consigo uma das paredes, que, ao cair, atingiu as crianças.

"Foi horrível", disse Jose Antonio Godina, um dos pais, ao *El Mundo*. "Ouvimos um enorme estrondo e pensamos que tinha caído uma árvore no telhado. Mas quando chegámos

aqui, vimos que o telhado do anexo tinha literalmente caído e com ele as paredes". As quatro crianças mortas estavam a jogar basebol; outras oito pessoas ficaram feridas, seis delas crianças também.

Na Galiza, um polícia foi atingido por uma árvore e morreu (o mesmo aconteceu a dois homens na Catalunha), e em Barcelona e Alicante um homem e uma mulher foram vítimas de um muro que se desmoronou quando iam a passar.

O comandante português de um cargueiro que virou ao largo da Corunha morreu, vítima de ataque cardíaco, no momento em que era resgatado por um helicóptero da protecção civil espanhola. Em França, foram três as vítimas mortais provocadas por queda de árvores.



Em Sant Boi morreram quatro pessoas



DAVID MIZINARISHVILI/REUTERS

segue

embaixador de Tbilissi na Organização de Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), Victor Dolidze.

Nas poucas entrevistas e conferências dadas desde que deixou Nova Iorque, Alasania desvia as atenções de si próprio, lançando mão às ideias de "consenso nacional" e de uma nova abordagem de governação para fazer o país "regressar ao rumo democrático". Diz querer evitar que "um futuro Presidente se espalhe numa desventura como a da guerra de Agosto".

D.F.



de dólares, as principais infra-estruturas do país de rastos e praticamente anuladas as já poucas esperanças de adesão à NATO e à União Europeia – Saakachvili ficou entregue a si próprio.

O jornal alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (conservador) citou por essa altura quadros de topo do Ministério da Defesa georgiano, não identificados, a manifestarem "aberta desaprovação" da conduta de Saakachvili, durante uma reunião da NATO em Bruxelas. Tais declarações foram interpretadas por diplomatas em Bruxelas, ouvidos pelo mesmo jornal, como "tentativas de atribuir a Saakachvili a culpa pela guerra perdida".

A fachada de "unidade nacional" fracturara e os rumores fluíam já abertamente pelos primeiros dias deste ano, sobre uma eventual convocação de eleições presidenciais antecipadas. Mais: são rumores de alternativa ao arquitecto da Revolução Rosa.

Muitos parecem depositar essas esperanças, agora, no jovem e talentoso diplomata Irakli Alasania (ver caixa), que foi embaixador da Geórgia nas Nações Unidas desde Setembro de 2006 até Dezembro passado (mês em que fez 35 anos, a idade mínima para poder ser eleito Presidente).

Local

Lisboa Queixas do ruído produzido pelo parque de diversões têm caído em saco roto

Moradores de Alcântara dizem que o *park* é tudo menos *fun*

Licença de ruído não foi emitida, o horário de funcionamento não ficou estabelecido, a polícia não pode actuar e a vizinhança queixa-se

Ana Espada

● O projecto Fun Park, um parque de diversões situado em Alcântara, tem gerado protestos por parte dos moradores da freguesia, que se queixam do excessivo barulho proveniente do recinto, mas muito mais pelo facto de a polícia não intervir. A verdade é que o parque de diversões está devidamente licenciado pela Câmara Municipal de Lisboa, mas aparentemente por omissão não ficou estabelecido o horário de funcionamento nem foi passada a licença especial de ruído. Os comerciantes do parque também estão insatisfeitos com a direcção do projecto, mas o responsável pela sua organização, dizem, está em parte incerta.

Os moradores da freguesia de Alcântara há muito que se revelaram insatisfeitos com a colocação do Fun Park no terreno da antiga Fábrica do Açúcar, propriedade do grupo SIL. José das Neves Godinho, presidente daquela junta de freguesia, diz que recebeu o director do Fun Park há uns meses, que identificou como sendo António de Araújo, um dos feirantes indemnizados pela CML devido ao encerramento da Feira Popular em Entrecampos. Segundo o autarca, foi-lhe pedida “ajuda” para conseguir a licença do espaço”, ajuda esta que lhe foi negada, visto ser um assunto da exclusiva competência da CML.

Obtida a licença junto dos serviços camarários, o parque iniciou a sua actividade e automaticamente começaram a surgir queixas dos moradores devido ao barulho proveniente dos equipamentos de diversão. “Comecei a receber várias queixas, escritas e por correio electrónico, e denunciei a situação à CML através de um ofício”, disse ao PÚBLICO José Godinho, precisando que no ofício em questão é feita uma descrição precisa do barulho proveniente do recinto: “(...) uma esgançada e estridente voz feminina alternando com música incomodativa (...)”; “um insuportável som que não incomoda somente os moradores da zona envolvente, mas que chega também a incomodar os habitantes da Calçada da Tapada e do Alto de Santo Amaro”.

Inês Silva, moradora na Rua Luís de Camões, em Alcântara, também se queixou à junta, precisando que “o barulho do parque era ensurdecedor, especialmente se tivesse a janela aberta”. Acrescentou, porém, que nos últimos dias, e tendo em conta que parte dos feirantes já abandonaram o recinto, “o barulho não é muito, dura até à meia-noite e há dias em que não ouvimos nada”, referiu.

Licença de ruído

Perante esta situação, a PSP e a Polícia Municipal nada podem fazer, visto que o recinto está licenciado pela CML e só esta pode “cassar” a licença. Carla Duarte, subcomissária do Comando Metropolitano da PSP de Lisboa, disse não reunir as condições para disponibilizar informação sobre as “possíveis” ocorrências por reclamações de ruído proveniente do Fun Park.

Adiantou, todavia, que nos casos em que haja denúncia feita por um cidadão a reclamar do excesso de ruído e este se confirme “é levantado um auto de contra-ordenação remetido à CML, responsável pela emissão da Licença Especial de Ruído”.

Só que esta não foi emitida. De acordo com a Divisão de Gestão de Feiras, Venda Ambulante e Comércio Não Sedentário, a licença emitida para o projecto Fun Park é “uma licença de recinto improvisado, onde só ficou estabelecido a data para o início e fim da actividade [de 29 de Novembro a 1 de Fevereiro]”. Ora, aquela divisão camarária não emitiu a licença especial de ruído, pelo que, consequentemente, não existe um horário condicionado, e em última instância não existe violação da Lei do Ruído.

A CML adverte que, apesar de não ter sido emitida tal licença, foram feitas recomendações quanto ao horário de funcionamento por parte da Divisão do Controlo Ambiental. Quando contactado pelo PÚBLICO, João Neto, daquele departamento, sublinhou que “apenas foi emitida uma licença de recinto improvisado”, não referindo a licença especial de ruído nem recomendações quanto ao horário.

Vizinhança consola-se com a proximidade da data do encerramento



SARA MATOS

Público fraco, director ausente

Comerciantes descontentes

● Uma das mais atractivas diversões do parque, pela sua singularidade, seria a pista de gelo que ali foi montada. Em ambas as entradas lê-se numa placa “pista de gelo a reparar”. “Na verdade, a pista de gelo não foi paga, os donos vieram levá-la”, disse um comerciante da feira que não se quis identificar.

No contrato assinado entre o director do projecto e os comerciantes estavam prometidos vários espectáculos de música, *stand-up comedy* e passatempos, mas “nada foi feito”, disse o mesmo feirante, razão essa que terá estado na origem do abandono antecipado de muitos.

Fernando Tavares, um dos responsáveis pela pista de carros de choque instalada no recinto, afirmou que os equipamentos de diversão são novos e foram financiados pelos próprios

encarregados da parte dos divertimentos. “Não têm ligação com a antiga Feira Popular, são dos melhores equipamentos de diversão que existem em toda a Europa actualmente”, declarou. Relativamente ao dono do parque, diz não saber quem é.

“O público sempre foi bastante reduzido, é a crise!”, disse um dos responsáveis pelo circo Gottani, ali instalado. Inicialmente, os espectáculos decorriam diariamente, e agora só se realizam aos fins-de-semana devido à fraca afluência. Também aqui foi dito não se saber ao certo quem é o director do projecto, mas apenas que “já não faz parte do parque há semanas”.

De momento, o recinto e a sua organização estão entregues aos seguranças, e estes também disseram nada saber do futuro do parque. A.E.

Os protocolos

Foi assinado um protocolo entre o empresário do Fun Park e a Associação Sol, instituição de apoio às crianças infectadas pelo HIV, no início do projecto. Teresa Almeida, responsável pela Sol, confirmou que existe tal protocolo, mas que “desde que foi assinado nunca mais houve informação por parte do parque”, o que admite ser uma “falha na comunicação”. Quanto à efectividade da doação de parte de receitas, diz que só o poderá comprovar a 1 de Fevereiro, data de encerramento do parque.

Os terrenos ocupados pelo parque pertencem ao grupo SIL e encontram-se desocupados há vários anos. Contactado pelo PÚBLICO, Pedro Silveira, administrador executivo do grupo, preferiu não comentar o protocolo com o Fun Park.

Loulé celebra S. Luís padroeiro dos animais em Querença

Chouriça assada, pão caseiro e vinho são os petiscos que habitualmente costumam atrair muitos turistas à festa de S.

Luis – cerimónia religiosa, em homenagem ao padroeiro dos animais – que hoje se realiza na aldeia de Querença (Loulé).



Costa quer qualidade urbanística para o Bairro da Liberdade

Presidente da câmara foi ver as demolições na encosta de Campolide, onde ainda há quem não queira sair da sua casa sem a devida compensação

● A Câmara Municipal de Lisboa deu ontem início à conclusão das demolições no Bairro da Liberdade, criando assim condições para “arrancar com o projecto de loteamento com qualidade urbanística e em segurança”, afirmou o presidente da câmara, António Costa, que presenciou os trabalhos, citado pela agência Lusa.

“São demolições que foram feitas, grande parte, já em 2005 e ficaram incompletas. Finalmente, estamos a concluir as demolições e já com o projecto de loteamento de forma a que possa ser construída com segurança e com qualidade urbanística”, disse Costa aos jornalistas.

“Nesta primeira fase vamos concluir as demolições iniciadas em 2005, que ficaram paradas desde então, e poderemos ter condições para arrancar com o projecto de loteamento”, acrescentou o autarca, que, relativamente ao arranque do projecto de construção, explicou que nem todos os lotes são propriedade municipal, pelo que caberá aos proprietários dos restantes lotes promoverem ali construção.

Entretanto “vão seguir-se também intervenções noutras duas áreas”, adiantou António Costa, especificando que numa delas, junto à escarpa - zona assinalada pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil como zona de risco -, “estão a decorrer as notificações das pessoas e teremos que proceder a realojamentos”.

Todavia, há quem resista a deixar



ENRIC VIVES-RUBIO

Costa visitou trabalhos e quer qualidade urbanística para breve

A segurança

Encosta corre risco de deslizamento

O Laboratório Nacional de Engenharia Civil detectou “níveis críticos de deslizamento” na encosta do Bairro da Liberdade, em 2002, e a autarquia optou por realojar ou indemnizar os moradores. Em Agosto último, porém, por questões de segurança, higiene e saúde pública, a autarquia lisboeta retomou o processo de demolições com a destruição de uma série de edifícios devolutos no bairro. A autarquia precisou ontem que gasta anualmente 1,2 milhões de euros para alojar os moradores do Bairro da Liberdade.

a sua casa. É o caso de João Santos, que diz não desistir de receber uma indemnização “justa” pela casa onde sempre viveu. “Eu não sou ninguém para travar o desenvolvimento e o progresso, só pretendo que seja negociada uma indemnização”, disse à Lusa João Santos, o único morador que resiste em abandonar a casa na Rua Pardelha Sanches.

Na semana passada, o morador recebeu uma carta da câmara a dar-lhe um prazo de 48 horas para abandonar a casa que foi comprada pelo seu avô em 1927 e onde mora desde 1962.

Para travar a demolição, interpôs uma providência cautelar: “Pela primeira vez foi-me apresentado um documento para eu sair, porque, até aqui, não havia nada escrito, era tudo verbal. Eu não tenho condições de ir seja para onde for. A propriedade é minha e estou a defender aquilo que é meu”, afirmou com convicção.

ACP admite recorrer à justiça para impedir corte de trânsito na Baixa

● O Automóvel Clube de Portugal (ACP) admite “impugnar” judicialmente uma eventual decisão da Câmara de Lisboa relativa ao corte de trânsito na Baixa, disse ontem à Lusa o seu presidente, Carlos Barbosa, ao classificar de “surrealista” o plano de mobilidade da autarquia, que prevê o corte do trânsito entre a Baixa e o Terreiro do Paço, actualmente em discussão pública.

O ACP encomendou um estudo ao professor de Urbanismo e Transportes do Instituto Superior Técnico Fernando Nunes da Silva, que concluiu que os cortes de trânsito previstos terão “consequências graves”, sobrecarregando as áreas envolventes. Carlos Barbosa vai entregar o estudo aos grupos políticos representados na

autarquia e espera que o assunto “fique encerrado de vez”. “Se não ficar, vamos até às vias judiciais para que isso aconteça”, e acrescentou que a medida “é meramente política”.

O plano da autarquia estabelece um corte na ligação da Baixa à frente ribeirinha para o tráfego automóvel, à excepção dos transportes públicos. Prevê igualmente que os automóveis particulares só possam ir na direcção Santa Apolónia/Cais do Sodré/



Carlos Barbosa diz que a medida camarária “é meramente política”, pelo que o ACP pode recorrer à justiça para a contrariar

Alcântara, e vice-versa, pela Ribeira das Naus, e que o estacionamento na zona fique reservado a moradores e comerciantes.

Na reacção ao estudo apresentado pelo ACP, o presidente da câmara, António Costa, considerou ontem que “nada justifica que a Baixa seja zona de atravassamento” de tráfego, mas esclareceu que a autarquia não tenciona impedir a circulação de veículos naquela zona da cidade.

“Estamos em audição pública, ouvimos todas as pessoas, incluindo o presidente do ACP, mas é nossa firme convicção que esta solução é a boa, é a que permite aceder à Baixa para quem vem à Baixa, mas não ir à Baixa quem a utiliza só para a atravessar”, disse António Costa. **Lusa**



A16/IC16 - Nó da CREL (IC18) - Lourel (IC30)
A16/IC30 - Lourel (IC16) / Ranholas (IC19)
A16/IC30 - Ranholas (IC19) / Linhó (EN9)
A16/IC30 - Linhó (EN9) / Alcabideche (IC15)

Condicionamentos de Tráfego

No âmbito dos trabalhos de construção integrados na Concessão da Grande Lisboa, o Grupo AENOR vem por este meio tornar público que, durante a próxima semana, serão implementados os seguintes condicionamentos de tráfego:

A16/IC16 - Lanco Nó da CREL (IC18) - Lourel (IC30): Nó da CREL

● **28 a 30 de Janeiro** - Entre as 12H00 e as 13H00 irá ser realizado um corte momentâneo (5 a 10 minutos) da A9 (CREL), entre o Nó de Queluz e o Nó da Radial da Pontinha (ambos os sentidos).

A16/IC30 - Lanco Lourel (IC16) - Ranholas (IC19)

● **27 e 28 de Janeiro** - Entre as 21H00 e as 07H00 irá ser realizado um corte total do IC30 na zona do Nó de Sintra. Como percurso alternativo, no sentido Ranholas-Lourel, deverá sair-se no ramo para Algueirão, realizar inversão de marcha na rotunda e retomar os destinos pretendidos. No sentido Lourel-Ranholas a alternativa será sair para Sintra, realizar inversão de marcha na rotunda e retomar os sentidos pretendidos. Adicionalmente, irá ser realizado um corte de via esquerda entre o Nó de Sintra e o Nó de Ranholas (ambos os sentidos).

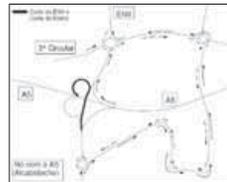


A16/IC30 - Lanco Ranholas (IC19) - Linhó (IC19): Estrada Municipal n.º 594 (EM594)

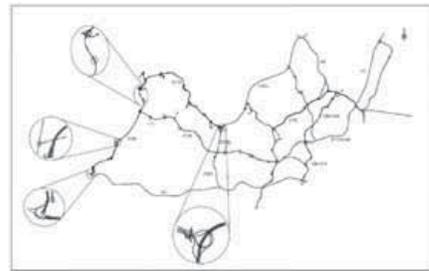
● **28 de Janeiro** - Entre as 21H00 e as 22H00 irá ser realizado um corte momentâneo da EM594, junto à Rotunda de acesso à Ribeira da Penha Longa (ambos os sentidos).

A16/IC30 - Lanco Linhó (IC19) - Alcabideche (IC15): Estrada Nacional n.º 9 (EN9)

● **27 e 28 de Janeiro** - Entre as 21H00 e as 06H00 irá ser realizado o corte do ramo de saída da A5, em Alcabideche, sentido Lisboa-Cascais, destino Cascais, e o corte total da EN9 sob esse mesmo Nó com a A5. Como percurso alternativo para o trânsito da EN9 de ambos os sentidos deverá seguir-se na Rotunda de Alcabideche e na Rotunda da Amoreira o desvio de trânsito indicado. O trânsito da A5, sentido Lisboa-Cascais, que pretende sair no ramo que ficará fechado, será encaminhado para a saída imediatamente antes, destino Sintra, até à Rotunda de Alcabideche e seguirá pelo desvio de trânsito indicado.



● **28 e 29 de Janeiro** - Entre as 13H00 e as 14H00 irá ser realizado um corte momentâneo (5 a 10 minutos) da EN9, junto da Rotunda de Alcabideche (ambos os sentidos).



Estas obras são realizadas pela Lusolisa que se encontra disponível para qualquer informação adicional, através do número **707 221 221**, da sua linha telefónica de Informação ao Utente.

Ciente de estar a trabalhar para melhorar a qualidade de vida de todos, o Grupo AENOR agradece desde já a compreensão dos senhores utentes para os incómodos que este condicionamento venha a causar.

Teatro Politeama
apresenta

Encenação Rui Luís Brás

O meu Pé de Laranja Lima
de José Mauro de Vasconcelos

DE TERÇA A SEXTA-FEIRA ÀS 11H E ÀS 14H PARA AS ESCOLAS
SÁBADO, DOMINGO E FERIADOS ÀS 15H

RESERVA: 21 324 55 00 RESERVA PARA ESCOLAS 21 324 55 09/20

PRENHECERES

Ciberescritas é o blogue de Isabel Coutinho blogs.publico.pt/ciberescritas

Ministro do Ambiente vai ao Parlamento explicar a localização da cadeia de Almeirim

Jorge Talixa

Governo garante que a construção do futuro estabelecimento prisional apenas implicará o abate de 1430 sobreiros

● O ministro do Ambiente, Nunes Correia, vai explicar perante a Comissão Parlamentar de Poder Local, Ambiente e Ordenamento do Território as razões que levaram o Governo a aprovar a construção do Estabelecimento Prisional de Lisboa e Vale do Tejo numa área do concelho de Almeirim classificada como reserva ecológica e reserva agrícola. A proposta, apresentada pelo Partido Ecologista "Os Verdes" (PEV), foi aprovada na semana passada naquela comissão, e, segundo Os Verdes, Nunes Correia deverá explicar ainda "os atropelos à lei em matéria de gestão e ordenamento do território que estão a ocorrer".

A resolução que estabelece a suspensão parcial do Plano Director Municipal (PDM) de Almeirim na área em causa, por um período de três anos, foi aprovado em Conselho de Ministros, no dia 15. E sustenta o documento que a construção daquele estabelecimento prisional (EPLVT) vai implicar o derrube de 1430 sobreiros, número que fica longe dos cinco a seis mil que chegaram a ser ventilados pelos partidos da oposição local

e por um grupo de cidadãos que contesta a escolha da Herdade dos Gagos (freguesia de Fazendas de Almeirim) para o empreendimento.

Violações à lei

O PEV afirma, todavia, que a resolução governativa "é a prova cabal das trapalhadas e das violações aos procedimentos e à lei" e que, "pondo a carrega à frente dos bois", o presidente da Câmara de Almeirim "deu início à alteração do PDM sem que esta tenha sido deliberada em reunião de câmara e sem que a suspensão parcial do PDM [decisão que deve obrigatoriamente preceder a alteração] tenha sido previamente determinada".

"Se a violação das leis do ordenamento levasse à prisão, o futuro estabelecimento prisional já estaria sobrelotado", sustenta o PEV.



Nunes Correia diz que apenas serão abatidos 1430 sobreiros, contrariando os números de que falam os grupos contestatários

José Sousa Gomes, autarca do PS que preside à Câmara de Almeirim, tem um entendimento completamente diferente, garantindo, em declarações ao PÚBLICO, que "o executivo municipal deliberou em duas reuniões consecutivas emitir parecer favorável à suspensão parcial do PDM por parte do Governo". O autarca acrescenta que a área de implantação do

presídio esteve em inquérito público pelo prazo legal e que, de acordo com um levantamento topográfico que o Ministério da Justiça mandou efectuar, será necessário abater apenas 1430 sobreiros.

Apelo da CDU

Já a concelha de Almeirim da CDU escreveu ao presidente da autarquia, no âmbito do processo de consulta pública da alteração ao PDM, aconselhando Sousa Gomes a "desistir" deste projecto, contestando a localização e a "legalidade" do processo.

Para a CDU, o aviso de abertura deste período de consulta pública "mistura de forma atabalhoada e confusa" duas fases do processo. A estrutura local da CDU coloca várias questões ao autarca, afirmando que a sua vereadora não tem conhecimento de deliberações para o início da discussão pública e pergunta por que é que existirão diferenças entre a área de implantação pretendida para o EPLVT e a área em que se pretende suspender o PDM.

O PSD de Almeirim também já lamentou que tenha sido aprovada a suspensão do PDM sem que estejam esclarecidas as questões ambientais, sociais e económicas relacionadas com o projecto. Também o Grupo de Cidadãos pela Defesa da Ribeira de Muge enviou uma carta ao Ministério da Agricultura, pedindo que intervenha para anular diversos actos processuais que considera feridos de ilegalidade.

Quercus denuncia Obra para aeródromo em reserva ecológica

A associação ambientalista Quercus denunciou ontem a construção de uma pista para aeronaves ultraleves em Reserva Ecológica Nacional (REN), na freguesia de Nossa Senhora das Misericórdias, Ourém, tendo requerido à câmara o seu embargo. O presidente do Núcleo do Ribatejo e Estremadura da Quercus, Domingos Patacho, disse à agência Lusa que a pista "não está prevista no Plano Director Municipal de Ourém, o local encontra-se inserido em espaço agroflorestal". O presidente em exercício da autarquia, Vítor Frazão, declarou que só se pronuncia sobre o assunto depois de analisar os relatórios dos serviços. Já fonte da Autoridade Florestal Nacional afirmou à Lusa terem sido recebidas denúncias sobre a obra, e que o assunto está a ser analisado. Também o comandante da GNR de Tomar, Duarte da Graça, confirmou que o Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente esteve no local, tendo fiscalizado a situação.

Naufrágio de cargueiro na Corunha vitima um português

Mariana Pinto

● Um cargueiro naufragou ontem na Corunha, causando uma vítima mortal. No barco *Braga*, de 89 metros de comprimento, seguiam seis pessoas - dois portugueses, dois cabo-verdianos e dois russos - que foram socorridos por um helicóptero da unidade de resgate da Corunha. Um dos ocupantes portugueses, o capitão do barco, acabou por morrer, vítima de enfarte do miocárdio, tendo sido os restantes elementos transportados para o hospital mais próximo.

O barco, que transportava trigo e se dirigia para Lisboa, vindo de França, estava, ao início da tarde de ontem, "inclinado, a 75 milhas da costa", não sendo previsível o horário em que poderia ser recuperado, informou o Governo Civil da Corunha.

Ontem foi justamente o dia em que familiares dos oito pescadores que morreram a bordo do *Rosamar*, a 5 de Dezembro, viajaram para Burela, no Norte da Galiza, para assistirem a uma homenagem organizada pelo proprietário do arrastão, o espanhol Jesús Lavayel. O *Rosamar* naufragou a 24 milhas a norte de Burela, com 13 tripulantes, cinco dos quais foram resgatados com vida. Os restantes, quatro portugueses - naturais de Vila do Conde (Caxinas), Matosinhos, Figueira da Foz e Leça da Palmeira - e quatro indonésios, morreram. **com Lusa**

Associação de Defesa do Património de Sintra quer que o parque natural volte a ter gestão própria

Luís Filipe Sebastião

● A Associação de Defesa do Património de Sintra reclama que o Parque Natural de Sintra-Cascais (PNSC) volte a ter autonomia e seja dotado de meios para assegurar a preservação dos valores naturais da área protegida, nomeadamente da sua extensa área rural.

Em comunicado, a associação nota que a serra de Sintra constitui uma "zona de grande sensibilidade", designadamente pela "intensa pressão urbana e degradação a que está sujeita". A importância da zona classificada como Paisagem Cultural pela UNESCO "exige que o PNSC esteja dotado de recursos humanos, técnicos e financeiros para a sua conservação e para o desenvolvimento de actividades em prol da fixação das populações, contrariando a desertificação e a consequente degradação da paisagem".

As actividades agrícolas, salienta o documento, "devem ser apoiadas e incentivadas", através da recuperação de "espécies e variedades cultivadas, no âmbito da fruticultura, viticultura e horticultura". Nesse sentido, torna-se necessário que o PNSC "disponha de meios para desenvolver uma política que contribua para



Associação sintrense defende autonomia para o Parque Natural

a preservação dos solos agrícolas e das áreas de elevado valor ecológico subsistentes entre os diferentes aglomerados urbanos".

A direcção da associação propõe que o PNSC deixe de estar integrado "numa estrutura que lhe retira autonomia local" - como acontece actualmente, resultado da associação das várias áreas protegidas da região de Lisboa e Vale do Tejo no âmbito da reestruturação do Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade - e volte a ter uma direcção própria que garanta a salvaguarda dos valores existentes e o "correcto ordenamento" do seu território. Até porque, conclui a associação, a área protegida de Sintra-Cascais "é a trave mestra indispensável e catalisadora de fluxos turísticos de qualidade para o desenvolvimento sustentado da região".

Adriana Jones, da direcção da associação, sublinha que a defesa da actividade agrícola na área protegida "ganha maior relevo no quadro da actual crise económica", como forma de assegurar a preservação da paisagem e como complemento de subsistências dos agregados familiares. O documento foi enviado a diversas entidades governamentais e políticas.

Abatimento de asfalto condiciona trânsito na A23

● A circulação automóvel na auto-estrada A23, no sentido oeste-este, esteve ontem fortemente condicionada junto a Torres Novas (entre os km 10,7 e 11,4), no distrito de Santarém, devido a um aluimento de terras que provocou abatimento no pavimento de asfalto.

Segundo informou o comando geral da GNR, citado pela agência Lusa, a situação provocou constrangimento do trânsito, processando-se o tráfego apenas por uma faixa contrária ao sentido de circulação, situação que, segundo a GNR, pode levar algum tempo a normalizar.

Também na A2 o trânsito esteve ontem condicionado junto a Palmeira, distrito de Setúbal, devido a obras na via ao km 31. Ainda de acordo com a GNR, a circulação na auto-estrada do Sul processa-se apenas nas faixas central e da direita. Durante a madrugada e manhã de ontem várias estradas estiveram cortadas ou com circulação condicionada de norte a sul do país devido a estragos provocados pelo mau tempo, obras e acidentes, nomeadamente em Aveiro, Braga, Guarda e Vila Real.

Ponto Media, um blogue sobre os media e o jornalismo blogs.publico.pt/pontomedia

Infantário em Sines assaltado pela sexta vez para roubarem comida das crianças

Carlos Dias

Pais estão preocupados com a falta de segurança das instalações, que não têm vigilância durante o dia e à noite são assaltadas

● Na quinta-feira, a gota de água fez transbordar o copo, pois nessa madrugada o infantário público “A Conchinha”, em Sines, fora assaltado pela sexta vez. O objectivo da “visita” foi sempre o mesmo: levar a comida das crianças. Os pais e encarregados de educação das cerca de 170 crianças que frequentam o infantário exigem da tutela uma intervenção imediata e eficaz que trave os assaltos e garanta a segurança que dizem não existir.

Teresa Silva, que tem lá um filho, não se conforma com o silêncio do ministro da Solidariedade e da Segurança Social, Vieira da Silva, a quem os pais enviaram um abaixo-assina-

do no dia 20 de Novembro onde expressavam a preocupação pelos “assaltos que têm ocorrido à razão de quase um por semana”. O Instituto de Segurança Social garantiu que o Centro Distrital de Segurança Social de Setúbal já “procedeu às reparações necessárias no sistema de alarme existente”. No entanto, depois de se ter verificado que o resultado “não tem sido eficaz”, avaliou a situação e, actualmente, está em “fase de instalação de um novo sistema de alarme e o reforço das condições de segurança”.

Teresa Silva, confrontada com as explicações da tutela, é peremptória: “O infantário não tem segurança, só se forem os gritos das crianças”.

Qualquer pessoa pode entrar no interior instalações do infantário público de Sines. Isto mesmo confirmou o PÚBLICO quando, na passada semana, sem oposição, abriu o portão ferrugento e acedeu às instalações para recolher informações junto da responsável pelo mesmo, Susana Pó-

Catering imposto

As 170 crianças do infantário deixaram de ter acesso às refeições “caseiras”, baseadas na gastronomia mediterrânica, nas verduras e frutas frescas adquiridas localmente. As refeições fornecidas por catering impõem que as crianças tenham acesso a alimentos “entregues à quinta-feira, para serem confeccionados na sexta e consumidos na segunda-feira”, explica Teresa Silva. A Segurança Social disse ao PÚBLICO que a assim se procede no sentido de se “garantirem as condições de HACCP (do inglês Hazard Analysis Critical Control Points – Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controlo), ficando asseguradas as normas de segurança e higiene alimentar”.

voa, que disse não estar autorizada a prestar esclarecimentos.

Os assaltos – cinco, como reconhece o Centro Distrital de Setúbal – podem estar associados à mudança do regime alimentar das crianças. Enquanto o infantário dispunha de cantina e as refeições eram ali confeccionadas, nunca houve furtos de alimentos. Mas desde que, diz Teresa Silva, “de um dia para o outro, o serviço de refeições confeccionadas nas instalações foi encerrado” e passaram a ser confeccionadas em Lisboa e entregues em Sines, três dias por semana, e de dois dias na semana seguinte, já se somam seis assaltos com roubo de alimentos. Os pais queixam-se de não terem recebido aviso prévio sobre o processo. A decisão foi tomada pelo Instituto da Segurança Social. Acontece que a generalidade dos pais, para além de deplorarem este procedimento, não se encontram esclarecidos sobre as vantagens da mudança, garantindo que “a situação anterior era melhor”.

Tribuna do leitor

Degradação dos edifícios em Lisboa



Há políticos que não olham a meios para ficar para a História: embora todos, ou a maioria, queiram ficar pelos melhores motivos, infelizmente nem todos o conseguem. Sempre que podem, pretendem ficar para a posteridade sua iniciativas ou ligações a grandes mudanças ou grandes obras. No entanto, talvez não fossem desajustadas outras escolhas, menos espectaculares e aparentemente mais simples, mas que – nem por isso – deixariam de ser tão ou mais importantes e significativas para os cidadãos que representam – quer a nível nacional, regional ou local.

Quando penso nisto ocorrem-me várias situações, porém a mais emblemática e mais próxima é, sem dúvida, o túnel do Marquês de Pombal. Não pretendo com isto discutir a sua utilidade nas actuais circunstâncias, não é o caso, mas penso que se o dinheiro que foi gasto nesta obra fosse canalizado para a recuperação das centenas ou mesmo milhares de edifícios degradados que existem por toda a cidade de Lisboa, com vista ao seu povoamento por pessoas que se vêem obrigadas a viver fora dela, conseguir-se-iam algumas vantagens não menores que as do referido túnel, a saber: se as pessoas vissem na cidade deixaria de haver o movimento pendular de entradas e saídas, pelo menos com a actual dimensão; se houvesse menos pessoas a entrar e a sair, o nível de poluição baixaria porque diminuiria o número de viaturas em circulação, logo reduziria também a dependência externa em relação a este tipo de energia. Por outro lado, e provavelmente não menos importante, a cidade ficaria muito mais bonita depois de recuperados o seus edifícios, hoje degradados. E deixaria de ser, à noite, uma cidade fantasma e insegura como às vezes parece.

Seja como for, desde que conheço Lisboa nunca vi os seus imóveis tão degradados como nos últimos anos – direi mesmo, nas últimas décadas. E, até agora, ainda não dei conta de que algum presidente ou ex-presidente de câmara tivesse problemas de consciência por não ter feito, ou contribuído um pouco, para evitar o estado de degradação a que chegaram muitos imóveis da capital.

Dimis Evangelista
Queluz

Email: local.lisboa@publico.pt

Uma fatura de loucuras em Lisboa

Opinião

António Sérgio Rosa de Carvalho

● Recente e repentinamente fomos surpreendidos por uma súplica ansiosa exprimida pela vereadora da Cultura na CML, Rosalia Vargas, onde pedia ideias, mesmo que fossem loucas. Creio que, no balanço do ano, a vereadora terá largas razões para alívio e contentamento... A total ausência de visão, sensibilidade estratégica e perspectiva cultural na cidade de Lisboa, e a abundância de ideias loucas dominaram.

1. Real Praça do Comércio. Depois de campanhas de “animação” que demonstraram um talento inimitável em conseguir o impossível, ou seja, a transformação de uma das grandes *Places Royales* da Europa no Campo das Cebolas, seguiram-se as campanhas de iluminação de Natal, que já fizeram correr rios de tinta. Com efeito, a grande axialidade das iluminações apresentou grandes imagens culturais, competindo entre o tema “Barbarela” da Praça do Comércio e do Marquês, e o tema “Barbie-Bela Adormecida” do Rossio. Foram momentos inesquecíveis, só superados pelo momento culminante das ideias loucas, que foi inaugurar o tào esperado retorno do Cais das Colunas, para imediatamente anunciar para Janeiro a transformação da praça num novo estaleiro de obras, depois de anos de obras e milhões de euros que têm que ser devolvidos à UE por incompetência e mau planeamento.

Definitivamente e concluindo,

António Costa não sabe o que é uma praça real, não sabe utilizar o potencial de dignidade do seu espaço público nem a imponência da sua arquitectura e demonstra-o todos os dias aos turistas europeus, que teimam em nos visitar.

2. Com o alargamento das responsabilidades dos pelouros, o vereador Manuel Salgado ficou agora com a responsabilidade do licenciamento na área do urbanismo comercial. Responsabilidade não é um termo desajustado, pois é nesta importantíssima área que muito da imagem de qualidade na vivência de um centro histórico reside.



O percurso do eléctrico 28, zona anteriormente consolidada com comércio de qualidade e antiquários, começa a tornar-se zona de expansão do híbrido

Fazendo a comparação entre a curva ascendente da vivência e da qualidade do comércio no Chiado e a acentuada e progressiva decadência na Baixa, teremos que reconhecer que os mesmos turistas que nos visitam sabem encontrar a loja da Catarina Portas na Rua Anchieta, reconhecem de imediato o atractivo do Largo do Teatro de São Carlos, descobrem o Café no Chiado, etc... Enquanto na Baixa, estabelecimentos com verdadeira qualidade, como a Confeitaria Nacional, tornaram-se “ilhas” cercadas por comércio híbrido e descaracterizado, bem ilustrado pela ofensiva em massa do fenómeno “Chíndia”.

Ao apercebermo-nos que mesmo o eixo fundamentalmente estratégico, que se inicia na Rua da Conceição, passa pela Sé até ao Largo das Portas do Sol, seguindo o percurso do eléctrico 28, zona anteriormente consolidada com comércio de qualidade e antiquários, começa a tornar-se zona de expansão estratégica do híbrido, representado pela “tralha” e quinquilharia pseudoturística “Chíndia”, temos que perguntar directamente ao vereador Manuel Salgado o que é que anda a fazer...

Provavelmente ele irá dizer-nos que a sua total ausência de estratégia na área do urbanismo comercial, encerra uma atitude subtil de resposta ao tal apelo de ideias loucas da vereadora.

3. Entretanto, a exposição sobre a Baixa Pombalina encerrou, como marco da total inactividade na área fundamental da reabilitação urbana. Vem o vereador Manuel Salgado anunciar a suspensão do PDM, para desenvolver não mais do que obras dispersas e empíricas,

sem uma concentração pedagógica e estimulante numa zona. Além disso, por aquilo que conseguimos adivinhar nas imagens relâmpago e sem qualquer explicação que tentámos descodificar nas vídeo montagens dos projectos para o espaço público e intervenções em monumentos nacionais na Baixa, ficámos sem saber qual o grau de rigor das intervenções na perspectiva patrimonial.

Assim, sabemos que no Largo de Trindade Coelho pretende-se retirar o gradeamento na entrada da Igreja de São Roque, com o pretexto de fazer retornar a praça a uma situação original e pura... quando a Carta de Veneza nos diz claramente que o património posterior (gradeamento do século XIX) acumula as memórias de vivência do local.

Poderemos então perguntar... Seguem-se os gradeamentos das igrejas de São Nicolau e de São Julião? No caso da Igreja de São Julião e no plano conjunto com o Banco de Portugal parece que sim, além de que a depuração minimalista nos interiores pretende criar uma abertura envidraçada (?) no canto direito da fachada da Igreja de São Julião.

Definitivamente, desistiu-se totalmente da candidatura da Baixa a Património Mundial e do *master plan* rigoroso na perspectiva patrimonial, ao nível da imagem histórica, tipologias e materiais que tal candidatura exigia e implicava.

Resta-nos a consolação da promessa de mais ideias loucas na gestão de uma cidade com um potencial histórico, patrimonial e cultural único entregue a eleitos sem capacidade para o reconhecer, valorizar e aproveitar.

Historiador de Arquitectura

Classificados

Tel. 21 011 10 10/20 Fax 21 011 10 30
De segunda a sexta das 09H00 às 18H00

Rua Viriato, 13
1069-315 Lisboa
pequenosa@publico.pt

Automóveis

Vende-se

VENDE-SE MGA

Ano 1960, em estado de concurso. Telm: 938 467 337

Imobiliário

Aluga-se

C. OURIQUE- 2 ass. s/móveis, 550 Euros, AMI 1177, www.eleitos.pt, 21 3592015

GRAÇA- 2 ass. s/móveis, 550 Euros, AMI 1177, www.eleitos.pt, 213592015

LAPA- Estúdio mobilado, 350 Euros, AMI 1177, www.eleitos.pt, 213592015

T2 OEIRAS ALTO DA BARRA

Com ou sem mobília própria. 600 € 969331179

Imobiliário

Vende-se

MIRAFLORES-3 assoalhadas 100m2, segurança, piscina, 145.000 Euros, AMI 1177, www.eleitos.pt, 21 3592015

Mensagens

LIBERTE-SE DO STRESSE

- Sra. 40 anos, relax profundo, 50 min, ambiente selecto. Estefânia. Telm: 92 676 28 13

WWW.PORTALPRIVADO.COM

As melhores acompanhantes estão aqui. Fotos e vídeos. Divirta-se!

VEICULOS

Vendo
Alfa 147 JTD 140cv
Cor cinzenta, em óptimo estado; Dez/03; 148.000km, Full extras; Alarme, tecto de abrir e estofos em pele. Revisões na marca. 10.000 €
Tel. 93 768 96 37



Venda de Publicações
LISBOA
Loja do Público
Rua Viriato, 13
1069-315 Lisboa



Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer

A APFADA é uma instituição particular de solidariedade social que apoia os Doentes de Alzheimer e os seus Cuidados disponibilizando: Informação sobre a Doença e seus efeitos. Formação para cuidadores, formais e informais. Equipamentos e Serviços específicos. Atendimento social e psicológico. Grupos de Ajuda Mútua. Terapia Ocupacional. Banco de ajudas técnicas. Outros benefícios.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Lojas 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa
Tel.: 213 610 460/8 - Fax: 213 610 469 - E-mail: alzheimer@netcabo.pt - Site: www.alzheimerportugal.org

Delegação do Norte: R. Barão do Corvo, 181, 4430-039 Vila Nova de Gaia

- Tel.: 226 066 863 - Fax: 223 754 484 - E-mail: apfadaporto@sapo.pt

Delegação do Centro: Centro de Saúde de Pombal - 3100-000 POMBAL - Tel.: 236 200 970 - Fax: 236 200 971 - E-mail: chfdm1@espombal.srsleiria.min-saude.pt

Delegação da Região Autónoma da Madeira: Complexo Habitacional da Nazaré, cave do Bloco 21 - Sala E - 9000-135 FUNCHAL - Tel./Fax: 291 772 021 - E-mail: alzheimer@netmadeira.com

Núcleo do Ribatejo: Rua Dionísio Saraiva, n.º 11, 1.º - 2080-104 Almeirim - Tel.: 243 594 136 - Fax 243 594 137 - E-mail: carla.apfada@netcabo.pt

DIVERSOS

5.º e 6.º JUÍZOS CÍVEIS DE LISBOA

6.º Juízo - 2.ª Secção
Processo: 40640/03-4/XLSB
Acção de Processo Sumário

ANÚNCIO

Autora: Vodafone Telecom - Comunicações Pessoais, SA.

Réu: Fedor Masnita

Nos autos acima identificados, correm editos de 30 dias, contados da data da segunda e última publicação do anúncio, citando:

Réu: Fedor Masnita, nascido em 20-04-1980, NIF - 232654417, Passaporte - 074230, domicílio: Rua 1 de Dezembro, N.º 48, 6135-000 Alcanal, com última residência conhecida na mora da indicada para, no prazo de 20 dias, decorrido que seja o

de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pela autora, sendo pedida a condenação do Réu a pagar à Autora a quantia de € 4.214,45, acrescida dos juros que se vencerem até efectivo pagamento, tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra nesta Secretaria, à disposição do citando.

Fica advertido de que é obrigatória a constituição de mandatário judicial.

N/Referência: 8900815 Lisboa, 19-01-2009

A Juiz de Direito Dr.ª Cristina Mendes Portugal da Rocha

A Oficial de Justiça Maria Graça Araújo

Público, 25/01/2009 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL FAMÍLIA E MENORES E JUÍZOS CÍVEIS DE SINTRA

5.º Juízo Cível
Processo n.º 7449/07.61MST

ANÚNCIO

Acção Esp. Cump. Obrig. DL 268/99 (Superior Alçada 1.ª Inst.)
Autor: Francisco António da Costa Ré: Maria Eduarda Penas Gonçalves Amado

Fica Ré: Maria Eduarda Penas Gonçalves Amado, nacional de Portugal, NIF - 150430590, BI - 5370122, domicílio: Rua Miguel Torga, N.º 12 - 9.º Esq.º, 2745 Queluz, com última residência conhecida na morada indicada, citada para contestar, querendo, no prazo de 20 dias contados da data da afixação da publicação do último anúncio, a acção acima identificada, com a advertência de que na falta de contestação poderá ser conferida força executiva à petição. Fica ainda advertido de que as provas devem ser oferecidas na audiência de julgamento, podendo apresentar até 5 testemunhas e que é obrigatória a constituição de mandatário judicial.

O pedido consiste no pagamento de € 7.851,64, proveniente de contrato, tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra nesta Secretaria, à disposição do citando.

N/Referência: 9502886 Sintra, 12-12-2008

A Juiz de Direito Dr.ª Susana Achemann

A Oficial de Justiça Maria Graça Araújo

Público, 25/01/2009 - 2.ª Pub.

clínica Los ArcoS
"Você decide!"
0034 924 272 892
em Badajoz
ESPAÑA
clinicalosarcos.com

clínica dos ArcoS
"Você decide!"
21 322 00 00
Já em LISBOA
Rua da Mãe d'Água, 15A
clinicadosarcos.com

LIGA DOS AMIGOS DOS HOSPITAIS

LAR DE IDOSOS E ACAMADOS

Aceita inscrições através do telefone 213 242 900



LOJAS Público

em LISBOA

Rua Viriato, n.º 13,
1069-315 Lisboa
(ao Picoas Plaza)

Centro Comercial Colombo
Piso 0

Mulembeira II, Papelaria, Lda.
Centro Comercial da Portela, Loja 33 R/C
2685-223 Portela Loures
Telef. 219 431 359

Quiosque República
Joaquim Conceição Unip., Lda.
Assembleia da República, 2.º andar
1249-068 Lisboa

no PORTO

Rua João de Barros, 265
4150-414 Porto

Tabacaria Alvorada
Norte Shopping, loja 509,
Rua Sara Afonso, Matosinhos
4460-001 Senhora da Hora
Telef. 229 540 996

em AVEIRO

Lobo & Branco, Lda.
Centro Comercial Carrefour, Loja 55/58
Zona Industrial Taboeira - 3810 Aveiro
Telef. 234 316 201

em BRAGA

Papelaria Bracara
Rui Magalhães & Filhos, Lda.
Praça General Humberto Delgado,
n.º 47, loja 63
4715-115 Braga
Telef. 253 271 789

em COIMBRA

Tabacaria AC
Centro Comercial Dolce Vita, loja 9
Rua General Humberto Delgado
3000-001 Coimbra
Telef. 239 723 034

em GUIMARÃES

Tabacaria Marinho
Largo do Tournal, 40
4810-427 Guimarães
Telef. 253 419 905

VISITE-NOS!

www.publico.pt

O PORTAL INFORMATIVO QUE VAI QUERER VISITAR TODOS OS DIAS.

Edição impressa do PÚBLICO, serviços de última hora, pesquisa, informação e alertas desktop em www.publico.pt.



ADICIONE O PÚBLICO AOS SEUS FAVORITOS

EMPREGO



BOLSA DE EMPREGO

São aceites candidaturas para inclusão na "Bolsa de Emprego" para a docência na **Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras**.

Área científica: Ciências Sociais

Área específica: - Sociologia das Organizações.

Condições preferenciais: Doutoramento/Mestrado/frequência de Doutoramento /frequência de Mestrado na área científica assinalada. Experiência pedagógica no Ensino Superior.

Condições exigidas:

Licenciatura na área de Ciências Sociais, com nota final igual ou superior a Bom, de acordo com o artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 185/81, de 1 de Julho.

Área científica: Informática

Área específica: - Computação Gráfica.

Condições preferenciais:

Experiência profissional relevante na área.

Condições exigidas: Habilitados com curso superior adequado, com nota final igual ou superior a Bom, de acordo com o artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 185/81, de 1 de Julho.

Formalização da Candidatura: Requerimento dirigido ao Director da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras, mencionando a Área científica a que se candidata, acompanhado de **Curriculum Vitae** detalhado, datado e assinado, **cópia dos certificados de habilitações literárias e qualificações profissionais**.

Apresentação da Candidatura: As candidaturas deverão dar entrada no Serviço de Recursos Humanos desta Escola, até ao dia **30 de Janeiro de 2009**, pessoalmente ou por correio:

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras
Rua do Curral, Casa do Curral, Apartado 205
4610-156 Felgueiras

DIVERSOS

ENCONTRE ALGUÉM A SÉRIO

Oferecemos um serviço sério e seguro, para pessoas livres e descomprometidas que pretendam uma relação séria. **Nº 1 EM TODO O PAÍS**
5 agências matrimoniais

Tudo funciona dentro das nossas agências, incluindo os encontros.

2ª a Sab / 9h-18h

BRAGA 253 276 004
COIMBRA 239 820 023
LEIRIA 244 856 269
PORTO 226 000 330 - 96791 7598 - 91 4959844 - 933433406
LISBOA 213 840 205 - 91 7861998 - 939483240 - 969020345

www.amorenostrum.com * 80% do mercado * 6º ano * a original

Ângelo S. Costa, Lda.

COMPRA EM 2.ª MÃO
Pagamento na Hora e em Dinheiro

Ouro • Prata • Jóias
Moedas • Relógios
(Ouro e prata) (Boas marcas)

Av. Almirante Reis, n.º 143 - 1.º Andar
1150-015 LISBOA
Telf. 213 147 343
Telm. 967 606 017 - 918 650 188
www.angelocostaldapa.pt

NEWSLETTERS
PÚBLICO

P
Público

O DOBRAO

COMPRAMOS - VENDEMOS

JÓIAS OURO PRATAS

ANTIGAS E MODERNAS

MOEDAS NOTAS - RELÓGIOS DE BOLSO

Relógios de pulso antigos ou modernos de boas marcas

ANTIGUIDADES • IMAGENS • PORCELANAS • MÓVEIS • PINTURAS

Rua de S. Nicolau, 113 loja - Tel. 21 346 99 50
Fax 21 343 00 65 - 1100-182 Lisboa

Metro Baixa Chiado. Saída pela Rua do Crucifixo

finanças
SIBRECAD. GERAL DAS IMPOSTOS

DF de Portalegre
Serviço de Finanças de Elvas

Rua Isabel Maria Picão - 7350-476 Elvas

EDITAL
Processo Executivo n.º 1660199701006908
CONVOCAÇÃO DE CREDORES E VENDA JUDICIAL

IDENTIFICAÇÃO DOS BENS:
Prédio urbano, inscrito na matriz predial urbana sob o art.º 2563 da freguesia de Caia e S. Pedro, fica situado na Rua das Manas, n.º 6 e 6-A e Rua da Caldeira, n.º 4 e 4-A. Prédio não licenciado, em condições muito deficientes de habitabilidade, com dois pisos e com 6 divisões, área total do terreno 190,00 m2; área de implantação do edifício de 190,00 m2; área bruta de construção de 278,00 m2; área bruta privativa de 278,00 m2. O prédio tem o valor patrimonial de 14.450,00 e está inscrito na Conservatória do Registo Predial de Elvas sob o n.º 1175/19940418 da freguesia de Caia e S. Pedro;
Venda n.º 1660.2007.58 - Valor-base da venda é de 10.115,00 €
TEOR DO EDITAL
MARIA FERNANDA SEQUEIRA SOEIRO DE BRITO MOUTA, Chefe de Finanças adjunta, por delegação de competências do Chefe do Serviço de Finanças (despacho n.º 8622 publicado no Diário da República II Série em 18/04/2006), faz saber que no dia 2009-03-06, pelas 11:00 horas, neste Serviço de Finanças, sito em RUA ISABEL MARIA PICAO, ELVAS, se há-de proceder à abertura das propostas em carta fechada, para venda judicial, nos termos dos artigos 248.º e seguintes do Código de Procedimento e de Processo Tributário (CPPT), do bem acima designado, penhorado ao Executado infra-indicado, para pagamento da dívida no valor de 1.140,37€, sendo 642,47€ de quantia exequenda e 497,9€ de acréscimos legais.

Mais, correm anúncios e editos de 20 dias (239,9/2 CPPT), contados da 2.ª publicação, citando os credores desconhecidos e os sucessores dos credores preferentes para reclamarem, no prazo de 15 dias, contados da data da citação, o pagamento dos seus créditos que gozem de garantia real, sobre o bem penhorado acima indicado. (240.º/CPPT)

O valor-base da venda é de 10.115€, calculado nos termos do artigo 250.º do CPPT. É fiel depositário(a) o(a) Sr(a) JOSE LUIS RUBIO RIOJA SILVEIRINHA, residente em R. S. JOSE N.º 25 - ELVAS, o(a) qual deverá mostrar o bem acima identificado a qualquer potencial interessado, entre as 11:00 horas do dia 2009-02-05 e as 15:00 horas do dia 2009-03-05 (249.º/6 CPPT).

Todas as propostas deverão ser entregues no Serviço de Finanças, até às 16:00 horas do dia 2009-03-05, em carta fechada dirigida ao Chefe do Serviço de Finanças, devendo identificar o proponente (nome, morada e número fiscal), bem como o nome do Executado e o n.º de venda 1660.2007.58.

As propostas serão abertas no dia e hora designados para a venda (dia 2009-03-06 às 11:00h), na presença do Chefe do Serviço de Finanças (253.º CPPT). Não serão consideradas as propostas de valor inferior ao valor-base de venda atribuído a cada verba (250.º N.º 4 CPPT).

No acto da venda deverá ser depositada a importância mínima de 1/3 do valor da venda, na Secção de Cobrança deste Serviço de Finanças e pago o Imposto Municipal Sobre as Transmissões Onerosas de Imóveis e o Imposto do Selo que se mostrem devidos. Os restantes 2/3 deverão ser depositados na mesma entidade, no prazo de 15 dias (256.º CPPT).

Se o preço oferecido mais elevado for proposto por dois ou mais proponentes, abre-se a logo licitação entre eles, salvo se declararem adquirir o bem em compropriedade. Estando presente só um dos proponentes do maior preço, pode esse cobrir a proposta dos outros, caso contrário proceder-se-á a sorteio para apurar a proposta que deve prevalecer (253.º CPPT).

IDENTIFICAÇÃO DO EXECUTADO
Nome: JOSE LUIS RUBIO RIOJA SILVEIRINHA
Morada: R. S. JOSE N.º 25 ELVAS
NIF: 197244602

IDENTIFICAÇÃO DA DÍVIDA EM COBRANÇA COERCIVA

N.º PROCESSO	PROVENIÊNCIA	N.º CERT.	TRIBUTOS	QUANTIA EXEQUENDA	1) ACRESCIDOS
1660199701006908	I.E.F.P.				497,90
		1	Subsídios	642,47	
			TOTAL (€):	642,47	497,90

1) Este valor não é definitivo, na medida em que os juros de mora continuam a vencer por cada mês de calendário ou fração e as custas são liquidadas em função da fase processual. Sobre as coimas e multas não incidem juros de mora.

Elvas, 15 de Janeiro de 2009

Por delegação de competências do Chefe do Serviço de Finanças,
(Despacho n.º 8622 publicado no Diário da República II Série de 18-04-2006)
A Adjunta, **Maria Fernanda Sequeira Soeiro de Brito Mouta** - TAT N2

Público, 25/01/2009 - 1.ª Pub.



PILOTOS

PRÉ-CANDIDATURAS

Para operar as frotas de helicópteros da EMA-Empresa de Meios Aéreos S.A., encontra-se aberta a recepção de pré-candidaturas para as seguintes especialidades, com os seguintes requisitos mínimos:

Requisitos Específicos:

Pilotos Comandantes de Helicópteros Multiturbina:

- Licença de Piloto Comercial de Helicóptero CPL(H) válida, com qualificação em Instrumentos, emitida ou homologada pelo INAC;
- Experiência mínima de 2500 Horas de Voo como Piloto de Helicóptero e pelo menos 500 horas de comando em helicópteros;
- Qualificação de Voo por Instrumentos VPI (H) com pelo menos 100 Horas de Voo averbadas;
- Pelo menos 50 Horas de Voo Nocturno averbadas.

Co-Pilotos de Helicópteros Multiturbina:

- Licença de Piloto Comercial de Helicóptero CPL(H) válida, com qualificação em Instrumentos, emitida ou homologada pelo INAC;
- Experiência mínima de 185 horas como Piloto de Helicóptero;
- Qualificação de Voo por Instrumentos VPI (H).

Pilotos de Helicópteros Monoturbina:

- Licença de Piloto Comercial de Helicóptero CPL(H) válida, emitida ou homologada pelo INAC;
- Experiência mínima de 700 horas como Piloto de Helicóptero.

Requisitos Gerais:

- Domínio de Português e Inglês (escrito e falado);
- Conhecimentos de Informática na óptica do utilizador;
- Total disponibilidade à data do início do curso do tipo de aeronave.

As pré-candidaturas devem ser dirigidas a:

EMA - Empresa de Meios Aéreos S.A.
Av. Casal Ribeiro, 14, 3º Andar- 1000-092 Lisboa
Email: geral@ema-sa.pt

Os candidatos devem enviar/entregar o **curriculum vitae** detalhado com fotografia, acompanhado de fotocópia de cada um dos seguintes documentos:

- Licença de Tripulante;
- Certificado Médico;
- Caderneta de Voo (a partir do último carimbo do INAC);
- Bilhete de Identidade.

INSTALE O SERVIÇO "ALERTAS PÚBLICO" NO SEU COMPUTADOR E LEIA AS NOTÍCIAS EM TEMPO REAL.

Alertas Público
www.publico.pt



MANTENHA-SE ALERTA!

Curso de Formação Avaliação Imobiliária

Certificado pela CMVM

Destinatários:

Engenheiros Técnicos, Engenheiros e Arquitectos, bem como outros técnicos com formação académica de nível superior que desejem registar-se como peritos avaliadores de imóveis.

Pós-laboral - início a 28 de Janeiro de 2009

(4ªF e 5ªF - das 18h30 às 22h00)

Intensivo - início a 28 de Fevereiro de 2009

(Sábados das 9h30 às 18h00)

Data limite de inscrições:

26 de Janeiro de 2009 - Pós-laboral

26 de Fevereiro de 2009 - Intensivo

RCCTE

Curso de Formação para Peritos Qualificados no âmbito do Sistema de Certificação Energética

Certificado Pela ADENE

Destinatários:

Este curso destina-se a todos os profissionais, Arquitectos, Engenheiros, Engenheiros técnicos e especialistas em engenharia e outras especialidades reconhecidas pela Ordem dos Engenheiros, Ordem dos Arquitectos e ANET.

Intensivo - início a 31 de Janeiro de 2009 (Sábados das 9.30h às 18h)

Pós-laboral - início a 12 de Fevereiro de 2009

(2ª a 5ª das 19h e às 22h)

Duração: 28 horas + 4 horas para avaliação de conhecimentos

Data limite de inscrição:

Intensivo - 29 de Janeiro

Pós-laboral - 10 de Fevereiro

Informações e Inscrições:

Escola Superior de Actividades Imobiliárias
Praça Eduardo Mondlane, 7C - Marvila
1950-104 Lisboa
Telf.: 21 836 70 10 / Fax: 21 836 70 19
E-mail: esai@esai.pt / www.esai.pt

Desporto

Liga FC Porto regressa à liderança no último jogo da primeira volta

Lisandro festeja o segundo golo do jogo, perante o desalento de Moisés



NFACTOS/FERNANDO VELUDO

Primeiro a táctica minhota, depois o jeito do FC Porto para os golos

Vitória em Braga deixa os “dragões” à frente de Benfica e Sporting. Num jogo com alguns casos polémicos, os portistas foram superiores ao Braga

Sp. Braga 0
FC Porto 2

Matilde Rocha Dias

● O FC Porto ganhou ontem em Braga (0-2) e já é o novo líder da Liga, com mais um ponto que Benfica e Sporting. O jogo teve alguns casos polémicos, mas a equipa de Jesualdo Ferreira justificou a vantagem com uma exibição mais incisiva e eficaz que a dos minhotos, a partir do minuto 15.

No duelo das tácticas, tão do agrado de Jorge Jesus e Jesualdo Ferreira, até foi o Braga que começou primeiro a ganhar. A explicação está na entrada frenética da equipa da casa. Os minhotos entraram em alta velocidade, projectaram-se para a frente e chegaram a fechar o corredor central, impedindo os portistas de evoluir por essa zona do campo e obrigando-os a redesenhar novas linhas de passe.

A ousadia permitiu ao Braga ganhar a bola em zonas muito próximas da baliza de Helton. E os minhotos fizeram tudo para aproveitar a faixa direita, na crença de que Cissokho ia tremer na estreia a titular pelo FC

Porto em jogos do campeonato. Por momentos, o francês pareceu vulnerável às investidas de Alan, João Pereira, Mossoró e até Luís Aguiar. Mas logo levantou a cabeça e acabou por se fazer notar no segundo tempo.

O problema do Braga foi a falta de pontaria dos avançados. Outro problema foi Hulk. Numa altura em que os “azuis e brancos” apostavam nos flancos, o brasileiro apareceu ligado à electricidade e, em três corridas, conseguiu desmoroar aquela que é a melhor defesa do campeonato. Foi ele que deu a Cristian Rodriguez o golo (20’), depois de uma jogada de insistência, primeiro pela esquerda e, depois, pela direita. O brasileiro tirou o cruzamento no lado esquerdo, Eduardo defendeu, a bola sobrou para Fucile e chegou a Hulk, que, aparentemente adiantado, cabeceia para Rodriguez marcar.

O FC Porto ganhou alma, começou a correr mais e Lisandro aproveitou um brinde do Braga para marcar o segundo golo do FC Porto, dez minutos depois. Tudo começou num passe atrasado de Alan: Moisés confiou que a bola ia com força suficiente para chegar a Eduardo, mas o argentino Li-

Ficha de jogo

Jogo no Estádio Municipal de Braga. Assistência cerca de 8000 espectadores.

Sp. Braga Eduardo 6, João Pereira 6, Moisés 5, Frechaut 6, Everaldo 5, Vandinho 6, César Peixoto 5 (Meyong 6, 46’), Mossoró 5 (Mathews 5, 46’), Luis Aguiar 6, Alan 5, Renteria 6 (Orlando Sá 6, 75’).

FC Porto Helton 6, Fucile 7, Bruno Alves 6, Rolando 6, Cissokho 6, Fernando 6, Raul Meireles 6 (Guarín 5, 78’), Lucho 6, Cristian Rodriguez 6 (Tomás Costa 5, 39’), Hulk 7 (Mariano -, 85’), Lisandro 6.

Árbitro Paulo Costa 4, do Porto. **Amarelos** Renteria (15’), Raul Meireles (45+2’), Hulk (60’), Mathews (60’) e Fucile (82’).

Golos 0-1, por C. Rodriguez, aos 20’; 0-2, por Lisandro Lopez, aos 32’.

sandro acreditou e facturou, só com o guarda-redes pela frente.

Antes do intervalo, a equipa de arbitragem invalidou ainda um golo limpo ao FC Porto, depois de uma cavalgada de Fucile [uma de muitas]. O uruguaio atirou ao poste e, na recarga, Tomás Costa surgiu na pequena área para rematar para o fundo da baliza, mas Paulo Costa decidiu que não contava.

Houve um Braga mais ameaçador após o intervalo, com bolas rápidas para as costas da linha recuada do

FC Porto e muitos cantos - foram quase duas dezenas, no fim. Mas também houve um FC Porto mais forte, atento e empenhado em gerir a vantagem.

Em contra-ataque, os portistas voltaram a ser a equipa mais perigosa e a mandar no jogo. Tomás Costa só não marcou aos 47’ por um triz. E a jogada mais interessante deste período também pertenceu aos “dragões”: não houve golo, mas houve Cissokho num plano superior, tirando quatro braca-renses do caminho e arrancando um cruzamento-remate a que Lisandro não conseguiu corresponder.

Quando o Braga encontrou o seu poder de fogo, após as substituições, Helton foi o maior obstáculo, travando um cabeceamento com selo de golo de Orlando Sá. Pelo meio, novo lance duvidoso, com o Braga a queixar-se de grande penalidade de Guarín, que terá cortado com o braço um cruzamento de João Pereira. Seguiu-se uma luta desenfadada do Braga na área, mas a retaguarda do FC Porto não vacilou. Terminava aí, sem sucesso, a planificação de Jorge Jesus. E o árbitro despedia-se de Braga com um coro de assobios.

Positivo | Negativo

Frechaut

⊕ Não foi por culpa dele que o Braga perdeu. Muito bem a antecipar as investidas dos “dragões” e a dobrar os colegas da retaguarda do Braga.

Hulk

⊕ Em três jogadas, desmoroou a melhor defesa do campeonato. Jorge Jesus tinha razão quando disse que o brasileiro era a maior preocupação dos minhotos.

Fucile

⊕ Cavalgadas perigosas que deixaram o Braga à beira de um ataque de nervos.

Moisés

⊖ Um erro de cálculo permitiu que o FC Porto fizesse o segundo golo e se motivasse para uma exibição segura no segundo tempo.

Arbitragem

⊖ Actuação desastrosa com efeitos do marcador. O golo de Rodriguez parece ter sido precedido de posição irregular de Hulk, o golo anulado de Tomás Costa parece limpo e ficou uma grande penalidade a favor do Braga por assinalar, perto do fim, por mão de Guarín na área.

Reacções

Jorge Jesus
Treinador do Sp. Braga



“Durante os primeiros minutos o Braga foi mais equipa que o FC Porto.

Chegámos com facilidade aos cruzamentos, mas faltaram jogadores na finalização. O FC Porto teve a sorte do jogo e marcou numa situação de fora-de-jogo. Esse golo teve influência no desenrolar da partida. Depois, soube controlar, mas houve ainda uma mão do Guarín na área.”

Jesualdo Ferreira
Treinador do FC Porto



“Conhecíamos o Braga, sabíamos como jogava. Era preciso sermos humildes. Penso que ganhámos bem. O Braga teve mais posse, teve mais bola, mas era fundamental ganhar o jogo. Na segunda parte, não fomos tão eficazes como seria desejável. Fomos uma equipa ambiciosa, que soube matar o jogo. Falhámos muitos passes, caso contrário teríamos feito mais golos.”

Um blogue sobre livros infanto-juvenis www.letrapequenaonline.blogspot.com

Macon segue a movimentação de Vukcevic, autor do golo do Sporting



Resultado ficou definido na primeira parte Sporting não descobriu a liderança na montanha-russa

Nacional 1
Sporting 1

Hugo Daniel Sousa

Primeiro, os “leões” estiveram perto de perder e depois de ganhar. Empate impede subida isolada ao primeiro lugar, algo inédito em quatro anos

● O dia podia ter sido histórico para o Sporting, que há quatro anos não é líder isolado do campeonato. Só que a equipa de Paulo Bento não conseguiu melhor do que um empate no terreno do Nacional (1-1), num jogo em que tanto andou perto do abismo como sentiu a proximidade da liderança. Mas ainda não foi desta que Paulo Bento tomou o paladar ao que é estar no primeiro lugar sem ter companhia.

O jogo na Choupana foi quase como uma montanha-russa. Os “leões” estiveram perto da derrocada na primeira parte, quando o Nacional desperdiçou uma grande penalidade que lhe daria o 2-0. Recuperaram perto do intervalo, empatando o encontro, e podiam ter dado a volta no segundo tempo, antes de um final de jogo em que ambas as equipas desperdiçaram boas oportunidades para vencer.

O guarda-redes Rui Patrício (Sporting) e o avançado Nené (Nacional) acabam por ser os rostos do encontro. Estiveram no melhor e no pior das respectivas equipas. O brasileiro aproveitou um erro do guarda-redes leonino (estava adiantado e distraído) para lhe fazer um chapéu logo no primeiro remate da partida, aos oito minutos. O décimo golo do avançado brasileiro na Liga premiava o arrojo

dos madeirenses, que entraram no relvado escorregadio situado na montanha do Funchal a jogar com três defesas e com Patacas e Alonso como alas. Um esquema (3x5x2) que permitiu à equipa de Manuel Machado bloquear o futebol do Sporting e provar que tem mesmo jeito para, pelo menos, complicar a vida aos “grandes”.

A segurança defensiva tem sido uma das imagens de marca de Paulo Bento, mas ontem (especialmente na primeira parte) nem parecia ser a segunda melhor defesa. Já depois do brinde de Rui Patrício a Nené, foi a vez de Abel empurrar o avançado brasileiro na área (33’). Só que, desta vez, inverteram-se os papéis. Patrício passou a herói e Nené a vilão, já que o guarda-redes parou o remate que daria o 2-0 ao Nacional.

Foi o primeiro sinal de que algo poderia correr bem ao Sporting. É que, até aí, não só se notava um grande desacerto defensivo, como se lhe podia acrescentar a desinspiração ofensiva. Izmailov não aparecia, Moutinho não decidia, Vukcevic andava perdido no meio das defesas adversárias. E nem Liedson, quando a bola lhe apareceu

nos pés (18’), acertava na baliza.

A primeira reacção leonina surgiu pelos pés de Rochemback, cuja potência de remate disfarça a falta de velocidade. Com dois belos disparos, o brasileiro assustou Bracali (29’ e 43’). O golo do empate surgiria já nos descontos da primeira parte. Por uma vez, Liedson libertou-se, Izmailov também e ofereceu o golo a Vukcevic, o goleador de serviço nos tempos que correm em Alvalade.

O Sporting voltou com outra disposição para a segunda parte e nem a perda de Vukcevic (saiu lesionado, aos 49’, vítima de um traumatismo craniano) afectou as melhorias. Moutinho pegou finalmente na batuta e o futebol do Sporting ganhou outra melodia. Carriço (57’), Izmailov (60’), Moutinho (84’) estiveram perto de marcar. Só que, por falta de pontaria ou acerto de bola, os “leões” não conseguiram dar a volta ao resultado. Liedson ainda colocou a bola na baliza, mas estava em fora-de-jogo.

Numa segunda parte em que o Nacional apostou no contra-ataque (e passou a jogar em 4x3x3 após a entrada de Miguel Fidalgo), a incerteza durou até ao final. Os madeirenses poderiam ter garantido os três pontos, mas Nené atirou ao lado quando só tinha Patrício pela frente (87’). E, logo a seguir, Moutinho rematou para mais uma defesa de Bracali, que segurou um empate de que ambos se podem queixar mas que acaba por dividir bem os méritos e deméritos de lisboetas e madeirenses.

O Sporting soube o décimo jogo seguido sem perder, mas vai ter de esperar para reviver o sentimento de Janeiro de 2005, quando estava um ponto à frente de FC Porto e Boavista, sem ninguém ao lado e, mais que tudo, sem ninguém acima.

Positivo|Negativo

Ruben Micael e Bracali

⊕ O madeirense (22 anos) é uma espécie de João Moutinho, não tanto pela qualidade técnica, mas pela intensidade. O guarda-redes esteve quase insuperável.

Nené

⊕ Foi dele o golo que garantiu um ponto ao Nacional (algo bom frente a um “grande”), mas também é dele a culpa de a sua equipa não ter vencido: desperdiçou um penálti e outra oportunidade flagrante.

João Moutinho

⊕ É a alma deste Sporting. Mesmo sem fazer um jogo brilhante, voltou a lutar como poucos. E quase marcava no fim. Rui Patrício merece aplauso pelo penálti defendido, mas isso só encobre a falha no golo do Nacional.

Abel

⊖ Cometeu um penálti e sentiu muitas dificuldades, com Alonso e (depois) Mateus.

Rochemback

⊖ Dois remates muito perigosos foram a boa moeda. Uma cotovelada em Ruben Micael e lentidão a defender foram a má moeda de um jogador que ainda não recuperou a influência da primeira passagem por Alvalade.

Reacções

Manuel Machado

Treinador do Nacional



“Podíamos ter feito um pouco melhor, mas cometeu dois pequenos erros com alguma gravidade. Estou a falar do penálti, que não concretizámos, e do golo, no final da primeira parte. No segundo tempo, as equipas partiram-se e qualquer uma podia ter chegado à vantagem. Acabo por aceitar o resultado. Foi um bom espectáculo de futebol, com um desempenho bem conseguido de três equipas.”

Paulo Bento

Treinador do Sporting



“Não me parece que a equipa tenha acusado a pressão. O jogo pôs-se difícil.

Num lance um pouco fortuito nasceu um bom golo do Nacional, ou seja, sem ser numa jogada elaborada. Depois reagimos, mas nesse período tivemos ocasiões para marcar e algumas situações de golo. Chegámos à igualdade no final da primeira parte e entramos bem na segunda. A partir daí houve a ansiedade para querer chegar à liderança. O campeonato não acaba aqui.”

Classificações

Liga

Jornada 15

Marítimo-Leixões	0-0
Belenenses-Benfica	2-0
E. Amadora-Rio Ave	0-1
V. Setúbal-Naval	1-1
Nacional-Sporting	0-2
Sp. Braga-FC Porto	1-3
Trofense-P. Ferreira	1-3
Académica-V. Guimarães	18h30, SP-TV1

	J	V	E	D	M-S	P
FC Porto	15	9	4	2	26-11	31
Benfica	15	8	6	1	25-12	30
Sporting	15	9	3	3	19-8	30
Leixões	15	7	6	2	17-12	27
Nacional	15	7	4	4	23-19	25
Sp. Braga	15	6	5	4	14-8	23
Marítimo	15	6	5	4	17-14	23
E. Amadora	15	5	4	6	12-18	19
Naval	15	5	4	6	14-15	19
V. Guimarães	14	4	6	4	12-13	18
P. Ferreira	15	4	3	8	20-26	15
Belenenses	15	3	5	7	12-22	14
Académica	14	3	5	6	8-13	14
Trofense	15	3	3	9	13-21	12
V. Setúbal	15	3	3	9	7-18	12
Rio Ave	15	2	4	9	10-19	10

Próxima jornada

Académica-E. Amadora, V. Setúbal-V. Guimarães, Marítimo-Naval, Nacional-Leixões, Trofense-Sporting, Sp. Braga-P. Ferreira, Belenenses-FC Porto e Benfica-Rio Ave.

Liga de Honra

Jornada 15

Gil Vicente-Olhansense	11h15, SP-TV1
Vizela-Varzim	15h
Sp. Covilhã-Boavista	15h
Estoril-D. Aves	15h
Gondomar-Oliveirense	15h
Freamunde-Portimonense	15h
Santa Clara-Feirense	15h
U. Leiria-Beira-Mar	16h

	J	V	E	D	M-S	P
Olhansense	14	9	2	3	27-16	29
Santa Clara	14	7	4	3	26-16	25
Gil Vicente	14	5	7	2	17-16	22
Feirense	14	6	4	4	18-11	22
Beira-Mar	14	5	5	4	14-11	20
D. Aves	14	5	4	5	14-15	20
Estoril	14	4	6	4	14-13	18
Varzim	14	5	3	6	17-17	18
Sp. Covilhã	14	4	6	4	20-21	18
Boavista	14	5	2	7	13-18	17
Portimonense	14	4	5	5	16-20	17
Vizela	14	4	5	5	14-21	17
Freamunde	14	4	4	6	13-14	16
U. Leiria	14	3	7	4	11-13	16
Gondomar	14	3	4	7	9-14	13
Oliveirense	14	3	3	8	11-18	12

Próxima jornada

U. Leiria-Freamunde, Santa Clara-Beira-Mar, Gondomar-Feirense, Gil Vicente-Oliveirense, Estoril-Olhansense, Sp. Covilhã-D. Aves, Vizela-Boavista e Varzim-Portimonense.

Marcadores



Liga
10 Golos Nené (Nacional).
8 Golos William (Paços de Ferreira).
7 Golos William (Leixões).
6 Golos Liedson (Sporting) e Meyong (Braga).
6 Golos Nuno Santos (Santa Clara).
5 Golos Hermes (Gil Vicente), Dagil (Estoril), Yazalde (Varzim) e Rui Miguel (Desp. Aves).
Djalma (Marítimo).

Liga de Honra

11 Golos Djalmir (Olhansense).
7 Golos Fangueiro (Beira-Mar), João Tomás (Boavista) e Rincón (Santa Clara).
6 Golos Nuno Santos (Santa Clara).
5 Golos Hermes (Gil Vicente), Dagil (Estoril), Yazalde (Varzim) e Rui Miguel (Desp. Aves).

Ficha de jogo

Jogo no Estádio da Madeira, no Funchal. Assistência cerca de 3000 espectadores.

Nacional Bracali 7; Maicon 5; Felipe Lopes 6; Cleber 5; Patacas 6; Luis Alberto 6 (Nuno Pinto - 90’); Edson 5 (Miguel Fidalgo 4, 60’); Ruben Micael 6; Alonso 6; Cop 5 (Mateus 5, 57’); Nené 7.

Sporting Rui Patrício 6; Abel 4; Carriço 7; Polga 5; Grini 5; Rochemback 5; Izmailov 6; João Moutinho 7; Vukcevic 6 (Pereirinha 5, 48’); Liedson 6; Helder Postiga 6 (Derlei 4, 60’).

Árbitro Artur Soares Dias 6, do Porto.
Amarelos: Nené (52’), Pereirinha (54’), Ruben Micael (80’) e Nuno Pinto (90’-2).

Golos 1-0, por Nené, aos 8’; 1-1, por Vukcevic, aos 45’.

Desporto



“O Liedson é um ponta-de-lança importante, que tem mostrado bons pormenores. Seria um absurdo não pensar nele, mas nem o seleccionador nem os treinadores devem andar atrás dos jogadores”, disse ontem Carlos Queiroz, que assistiu ao jogo Trofense-P. Ferreira.

Primeira vitória fora dos figueirenses

Vitória de Setúbal afunda-se frente à Naval

V. Setúbal 0
Naval 1

Sadinos somaram a nona derrota na Liga e continuam sem conseguir fugir aos lugares de despromoção

● Um ponto nos últimos cinco jogos e a última vitória conseguida na longínqua 5.ª jornada, frente ao Belenenses. O cenário do Vitória de Setúbal complica-se a cada jornada que passa e nem mesmo a troca de treinador parece trazer um novo “olhar para a cara das pessoas” da cidade.

Ontem, no Bonfim, um gol de Marinho, aos 18', garantiu um precioso triunfo da Naval, que leva já uma confortável alfomada de sete pontos so-

bre os lugares de despromoção.

“As vitórias normalmente moralizam as equipas. É melhor ganhar do que perder ou empatar. Basta olhar para a cara das pessoas e ver as diferenças.” Embalado pelo triunfo a meio da semana contra o Nacional, para a Taça da Liga, Carlos Cardoso, o já habitual treinador pronto-socorro dos sadinos em alturas complicadas, acreditava que a sua equipa podia surgir moralizada no importante jogo frente à Naval. O Setúbal, porém, mostrou ontem as mesmas lacunas que tornam a equipa sadina o pior ataque do campeonato com apenas sete golos em 15 jogos. Ainda sem Joeano, os vitorianos criaram várias oportunidades de golo na segunda parte, mas “eficácia” continua a ser uma palavra difícil de pronunciar em Setúbal.

A Naval, por outro lado, mostrou-se uma equipa inteligente. Foi su-

Ficha de jogo

Jogo no Estádio do Bonfim, em Setúbal. Assistência cerca de 3000 espectadores.

V. Setúbal Milojevic, Janício, Auri, Robson, André Marques, Elias (Mateus, 46'), Ricardo Chaves, Bruno Ribeiro (Laiouel, 78'), Leandro Lima (Reguila, 26'), Carrizo e Bruno Gama.

Naval Peiser, Carlitos, Paulo, Diego, Daniel Cruz, Godemeche, Davide (Simplicio, 64'), Alex (Dudu, 84'), Marinho (Tiago Freitas, 88'), Bolivia e Marcelinho.

Árbitro Carlos Xistra, de Castelo Branco. **Amarelos** Ricardo Chaves (13'), Bruno Ribeiro (15'), Daniel Cruz (24'), Godemeche (29'), Alex (76') e Auri (90'+4').

Golo 0-1, por Marinho, aos 18'.

perior durante os primeiros 45', e o golo de Marinho (após boa combinação com Marcelinho) acabou por ser suficiente para garantir, de forma justa, a primeira vitória dos figueirenses fora.

Rio Ave continua colado ao último lugar

Varela, o mesmo apelido para dois golos diferentes

E. Amadora 2
Rio Ave 0

● “Quero agora dar o salto para um clube de maior dimensão. Sim, o estrangeiro é uma possibilidade.” Palavra de Silvestre Varela, avançado que pretende “cumprir contrato com o Estrela até ao fim”. Ontem, cumpriu também dentro de campo. Inaugurou o marcador em cima do intervalo e escancarou as portas da quinta vitória dos tricolores na Liga.

O momento foi este: aos 44', Hugo Gomes cruzou para a área a partir do lado direito, Silvestre escapou aos centrais do Rio Ave e disparou sem medo para o fundo da baliza de Paiva. Para trás tinham já ficado outras duas oportunidades (20' e 25'), festejos precipitados da claqué visitante (aos 34',

o remate de Rogério Matias às malhas laterais deu sensação de golo) e um quase-golo evitado por Nélson, quando Chidi se isolou a passe de Evandro (42'). O treinador Carlos Brito tinha entrado na Reboleira no último lugar da tabela e arriscava deixar o Estádio José Gomes na mesma posição. Tentou a sua sorte ao intervalo, fazendo entrar os reforços Pedro Moutinho e Fábio Coentrão. E o primeiro deu nas vistas aos 61', quando desviou por cima da trave um cruzamento de Delson; e aos 75', quando permitiu que Nélson resolvesse um lance que já tinha ganho a Vidigal. Foram os lances mais vistosos do Rio Ave. Ao Estrela bastava-lhe ir gerindo a vantagem e explorar, aqui e ali, a velocidade dos seus atacantes. Um deles, Anselmo, saiu esgotado aos 78', numa substituição que daria frutos pouco depois. Rui Varela, o apeli-

Ficha de jogo

Jogo no Estádio José Gomes, na Amadora. Assistência cerca de 500 espectadores.

E. Amadora Nélson, Hugo Gomes, Vidigal, Nuno André, Moreno, Marcelo Goianira, Fernando Alexandre, Celestino (Jardel, 28'), Silvestre Varela, P. Pereira (Celsinho, 67') e Anselmo (Rui Varela, 78').

Rio Ave Paiva, Miguel Lopes, Bruno Mendes, Gaspar, Rogério Matias, André Vilas Boas, Delson, Livramento (Tarantini, 68'), Evandro, Vitor Gomes (Pedro Moutinho, 45') e Chidi (Fábio Coentrão, 45').

Árbitro Bruno Esteves, de Setúbal. **Amarelos** André Vilas Boas (40' e 86'), Fábio Coentrão (56'), Miguel Lopes (66'). **Vermelho** André Vilas Boas (86').

Golos 1-0, por Silvestre Varela, aos 44'; 2-0, por Rui Varela, 82'.

do da tarde na Amadora, entrou em campo para acabar com as aspirações dos vila-condenses e com a auto-estima de Gaspar. Aos 85', trocou as voltas

Trofense actuou 60' com dez jogadores

Paços estreia-se a vencer fora e foge a adversário directo

Trofense 1
Paços de Ferreira 3

● Muitos adeptos ter-se-ão lembrado da surpreendente vitória sobre o Benfica quando, aos 6', Reguila inaugurou o marcador para o Trofense. faltava muito tempo para o final do encontro, porém. Demasiado para uma equipa que se deixou empatar aos 22', para, oito minutos depois, deitar quase tudo a perder com a expulsão de Mércio. Dois amarelos e a sorte a mudar de direcção.

Antes do cartão vermelho, o médio do Trofense teve tempo para fazer a diferença... a favor da sua equipa: cruzou com precisão para a área e Reguila, de cabeça, respondeu com eficácia. Também lá estava Dagil, o avançado que Tulipa foi bus-

car ao Estoril, mas o momento não era dele.

Nem esse, nem os seguintes. O Paços acusou o golo e chamou a si as operações. Foi-se aproximando da área adversária, uma e outra vez, até que Dedé surpreendeu Paulo Lopes com um cabeceamento certeiro. Estavam decorridos 22' e o guarda-redes da casa ficava mal na fotografia.

Pior, mais desfocado ainda, só mesmo Mércio, aos 30'. Carga dura sobre Rui Miguel, segundo amarelo, banho antecipado. Estava assinada a sentença de morte para o Trofense, que nunca mais conseguiu recompor-se do contratempo. O quarto de hora que se seguiu teve Reguila (35'), Delfim (36') e Rui Miguel (37', 40' e 42') como principais protagonistas, sem que o marcador sofresse alterações. Para o Paços, havia 45 minutos pa-

Ficha de jogo

Jogo no Estádio do CD Trofense, na Trofa. Assistência cerca de 2100 espectadores.

Trofense Paulo Lopes, Paulinho, Vaidomiro, Miguel Ângelo, Areias (Varela, 62'), Delfim (Charles Chad, 80'), Mércio, Tiago Pinto, Hugo Leal, Reguila e Dagil (David Calado, 59').

Paços de Ferreira Cássio, Ferreira, Ricardo, Kelly (Carlos Carneiro, 61'), Chico Silva, Dedé, Filipe Anunciação (Filipe Gonçalves, 87'), Tiago Valente, Rui Miguel, Edson (Kiko, 79') e Cristiano.

Árbitro Olegário Benquerena, de Lisboa. **Amarelos** Mércio (17' e 30'), Kelly (29'), Ricardo (66'), Dedé (67'), C. Carneiro (84') e Paulinho (91'). **Vermelho** Mércio (30').

Golos 1-0, por Reguila, aos 6'; 1-1, por Dedé, aos 22'; 1-2, por Ferreira, aos 69'; 1-3, por Cristiano, aos 86'.

ra explorar o óbvio: a inferioridade numérica do adversário. E o treinador Paulo Sérgio encontrou o caminho: “Soubemos explorar o facto de

o central e obrigou Paiva a ir buscar a bola ao fundo da baliza. Estava feito o resultado, estava confirmada a nona derrota do Rio Ave na competição.

“O futebol, cada vez mais, é o momento e há determinados momentos, seja para fazer golo, seja para sofrer, que de certa forma marcam um jogo. Para ser justo, há que dizer que o Estrela entrou melhor do que nós e, quando conseguimos equilibrar, vem aquela máxima de quem não mata morre”, resumiu Carlos Brito.

Do lado do Estrela, a alegria pela vitória não esconde outra preocupação. A de sempre, a dos salários em atraso. “É muito difícil manter a união neste grupo com a situação que temos atravessado e, como sabem, está a findar o período de inscrições e há jogadores com mercado que poderemos perder”, alerta Lázaro Oliveira.

o Trofense ter ficado reduzido a dez jogadores muito cedo, o que nos facilitou a tarefa. Os jogadores interpretaram muito bem o sistema e a filosofia do jogo”, revelaria no final.

A prova disso mesmo surgiu aos 69', quando Ferreira aproveitou com um remate de belo efeito uma assistência perfeita de Cristiano. Tulipa bem tinha tentado reequilibrar as operações ao fazer entrar, pouco antes, o defesa Varela para o lugar de Areias, mas o destino do jogo estava traçado.

Aos 86', Cristiano voltou (ou pelo menos assim pareceu) a tentar cruzar, só que desta vez a bola acabou mesmo no fundo das redes. Um golo improvável, que constituiu o golpe de misericórdia para o Trofense. Um golo que, no entender de Tulipa, “acontece uma vez na vida”.

Estádio Cidade de Coimbra 18h30 SP-TV1

Académica 4-3-3



V. Guimarães 4-3-3

Árbitro: Hugo Miguel (Lisboa)

Liga

Académica já tem Pedro Roma, Guimarães conta com Meireles

Nuno Sousa

● Já não há Pavlovic no meio-campo da Académica, já não há Mohma no lado esquerdo da defesa do Guimarães. Há reforços de Inverno, porém, embora não valham de muito para o jogo de hoje (Saleiro e Custódio são os únicos disponíveis). Para Domingos Paciência, as boas notícias são os regressos de Eder e Pedro Roma; para Manuel Cajuda Flávio Meireles é uma solução extra.

Passemos a palavra ao treinador da Académica: “Se ganharmos, estaremos melhor que no ano passado, pois terminámos a primeira volta com 14 pontos [os mesmos que têm agora, com uma jornada a menos]”. Para além de um bom resultado, Domingos Paciência espera uma boa assistência no Estádio Cidade de Coimbra, graças a uma campanha lançada pelo clube que disponibiliza bilhetes a preços acessíveis.

Bola agora do lado do Guimarães: “Esperamos um jogo muito difícil. A Académica está em crescendo de forma, é uma boa equipa, bem orientada. Tem ganho a maioria dos jogos em casa, só perdeu uma vez, mas o Vitória, como visitante, tem feito uma época muito boa e promete um bom espectáculo”, antevê Neno, o “substituto” de Manuel Cajuda nas conferências de imprensa, depois de o técnico principal ter decretado *black out*.

No relvado, não estará o até aqui titularíssimo Milos Pavlovic, transferido para o Vaslui, da Roménia. Um jogador que “deixa saudades como atleta e como homem”, assegura Domingos, que terá de proceder a alterações no meio-campo.

Quem também não vai estar presente em Coimbra é Santana, Cicero e Milhazes, o último dos quais foi apresentado ontem como o mais recente reforço para a ala esquerda da defesa vimaranense. “Posso dizer que é o ponto mais alto da minha carreira”, venceu o jogador, de 27 anos, que chega a Portugal emprestado pelo Poli Timisoara até final da época.

Futebol Sucesso alemão assente na gestão e nas infra-estruturas

Bundesliga tirou à Premiership o estatuto de Liga mais rentável

Estádios do Mundial transformaram a Liga alemã numa máquina de fazer dinheiro. Ingleses ganham mais títulos, mas perdem audiências

Victor Ferreira

Uma das maneiras de promover a Premier League inglesa é dizer que ela é a maior Liga de futebol do mundo. Para qualquer adepto, trata-se de uma ideia difícil de contrariar, mas um estudo divulgado na última semana vem dizer que essa realidade é passado. A maior Liga do mundo, segundo a consultora A.T. Kearney, já não mora no país que inventou o futebol. Mora na Alemanha.

Para os ingleses pode ser um consolo que os fins-de-semana em terras de Sua Majestade sejam dos mais excitantes no planeta futebol - apesar de isso não impedir uma queda no número de espectadores nos estádios e nas audiências televisivas. Pelo contrário, no país do Kaiser Beckenbauer não é preciso jogar-se bem, nem ganhar títulos, até porque, como disse um dia Gary Lineker, uma partida de futebol são 11 contra 11 e no fim ganha a Alemanha.

Neste caso, é preciso rever este cliché do futebol e acrescentar que, mesmo quando os alemães não triunfam em campo, é a Bundesliga que sai a ganhar. Agora, numa altura em



As receitas comerciais dos clubes alemães com patrocínios e merchandising "estão ao nível" das receitas dos clubes ingleses

que Portugal discute acaloradamente a vantagem de se ter atirado a uma candidatura ao Mundial de 2018 (ou 2022), de braço dado com Espanha, pode ser importante olhar para as razões que levaram o principal campeonato profissional de futebol alemão a ultrapassar, em receitas e assistências, o rival inglês.

A "culpa", segundo os autores do estudo daquela consultora, é do Mundial de futebol de 2006, organizado pela Alemanha - e que deixou boas memórias aos portugueses, graças ao quarto lugar alcançado na prova.

Antes de ir ao cerne da questão, é preciso ter em conta que "a popularidade e o sucesso das Ligas europeias estão sujeitos a ciclos", como lembrava há dias Emmanuel Hembert, da consultora A.T. Kearney, em declarações citadas por diferentes jornais europeus. Como exemplo, basta lembrar que a década de 90 esteve

para o campeonato italiano como a primeira década do século XXI tem estado para o campeonato inglês. E, coincidência ou não, foi nesse período de dez anos que a Itália organizou o Mundial (1990), teve o campeonato com maior projecção e equipas que conquistavam títulos (seis vitórias na Taça UEFA, três na Taça das Taças e três Taças dos Campeões Europeus). Esse ciclo terminou, Espanha e Inglaterra roubaram as luzes da ribalta. Agora, quase no fim da primeira década do terceiro milénio, chegou a vez da Alemanha.

Sem estrelas e sem dívidas

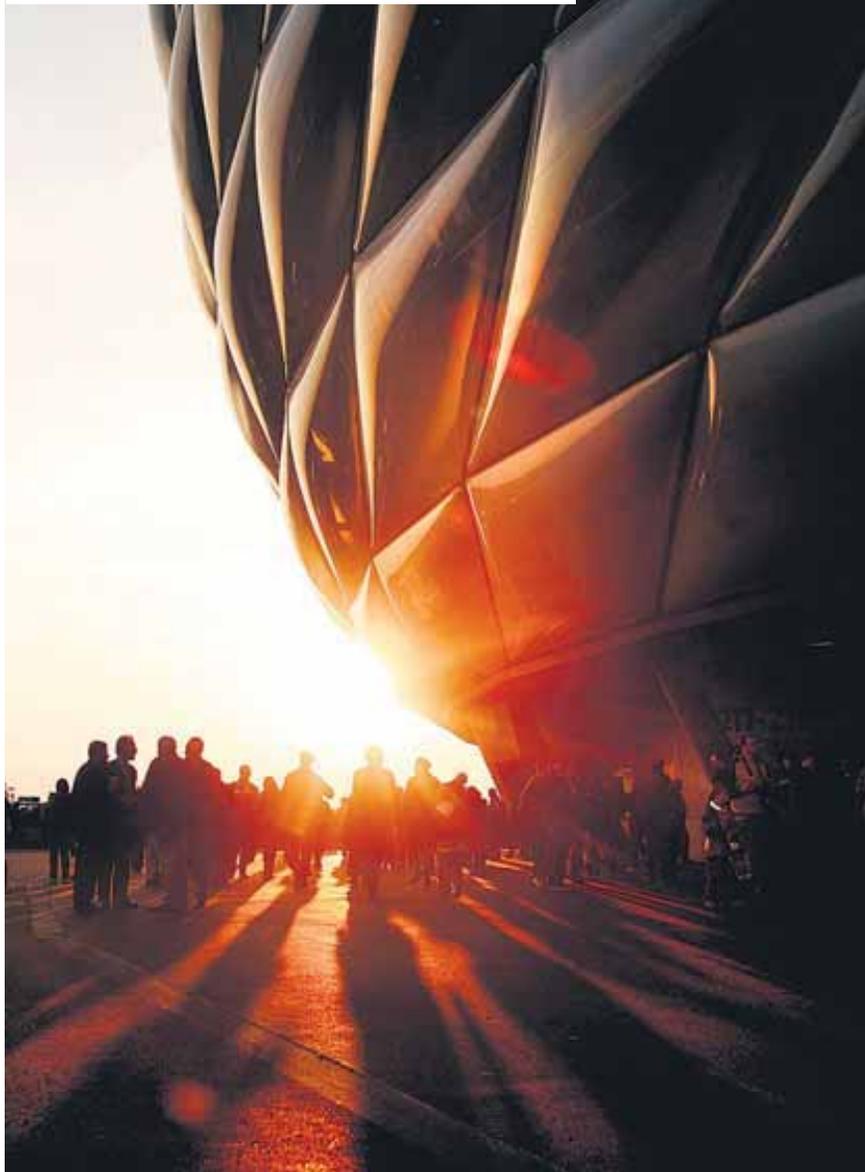
Uma das perguntas é como é que a Bundesliga roubou à Premiership o estatuto de campeonato mais rentável? Questão mais difícil ainda: como é que isso foi possível, sabendo-se que, no futebol, são as vitórias que mobilizam os adeptos e que tanto a *mannschaft* como os clubes germânicos têm falhado os grandes títulos? A resposta dada no estudo da A.T. Kearney aponta para uma conjugação de dois factores: uma gestão orçamental controlada, por um lado, e investimentos estruturais, por outro.

Quando ao primeiro factor de sucesso, as receitas comerciais dos clubes germânicos com patrocínios e *merchandising* "estão ao nível" das receitas dos clubes ingleses (à volta de 600 milhões de euros por ano), mas o que faz a diferença é que o futebol alemão não está afogado em dívidas, ao contrário do inglês, ou até mesmo do espanhol, que também se tem destacado por ganhar títulos em campo, mas financeiramente tem pior desempenho.

Além disso, as receitas da Premier League caíram 15 por cento em 2005/2006 e mais 30 por cento na época seguinte, coincidindo essa redução com o período em que se atingiram os maiores salários pagos a futebolistas, de acordo com o Anuário do Futebol elaborado por outra empresa consultora, a Deloitte. Conjugando estas duas realidades, percebe-se que a gestão inglesa encaminha os clubes para o abismo, ao contrário dos alemães que, não tendo estrelas em campo, também não têm credores à porta.

Sobre o segundo factor de sucesso, o estudo aponta para a importância de os germânicos terem organizado o Mundial em 2006. Tal esforço,

A Allianz Arena foi um dos projectos mais emblemáticos do Mundial



Números que marcam a diferença

600

milhões de euros por ano é quanto os clubes alemães obtêm com patrocínios e *merchandising*, uma verba semelhante àquela que é arrecada pelos emblemas que competem na Premier League

30

por cento foi quanto caíram as receitas da Premiership somente na época de 2006/07. Na temporada anterior, os clubes ingleses tinham sofrido já uma redução de 15 por cento

1,4

mil milhões de euros foi o montante investido pelos alemães para renovar 12 estádios e outras infra-estruturas, como a oferta hoteleira e a rede viária, indispensáveis à organização do Mundial de 2006

74.000

espectadores é a média de assistência registada no Signal Iduna Park, o estádio onde joga o Borussia Dortmund e que tem 83.000 lugares. Este valor é o mais elevado da Bundesliga

25

milhões de euros foi o valor pago pelo Bayern de Munique, em 2007, pela contratação de Franck Ribéry, um dos jogadores mais caros a jogar actualmente no campeonato alemão

1963

é a data de fundação da Bundesliga. A principal divisão do futebol alemão, que actualmente comporta 18 clubes, sofreu, desde então, várias alterações, nomeadamente em 1990, com a reunificação do país

que exigiu um investimento de 1,4 mil milhões de euros para renovar 12 estádios e outras infra-estruturas, como a oferta hoteleira e rede viária, fez nascer estádios "topo de gama". Oferecendo conforto nas bancadas, a preços moderados, foi fácil atrair mais pessoas aos estádios, sendo o Borussia de Dortmund o campeão das assistências, com uma média de 74.000 espectadores por jogo. Se há ilações a tirar por Portugal para a candidatura ao Mundial de 2018, elas estão aqui, porque "enquanto a Premier League tem vindo a registar um declínio na procura doméstica, a Bundesliga continua a crescer, registando já a maior média de assistências na Europa", destaca o estudo.

Tudo somado, o futuro do futebol alemão parece risonho, pelo menos fora dos relvados. É que, além da realidade actual, a Bundesliga ainda tem "margem de progressão em termos comerciais", sobretudo na exploração de direitos televisivos - noutros países, a Liga alemã não tem tanta saída quanto a inglesa, a espanhola ou mesmo a italiana.



O empate (3-3) entre Benfica e Sporting e a derrota da Fundação Jorge Antunes frente ao Freixieiro (1-2) são os destaques da 16.ª jornada do campeonato de futsal. Outros resultados: Alpendorada- Modicus, 5-5; Sassoeiros-Tires, 2-2; Odivelas-Olivais, 3-2; Belenenses-Mogadouro, 5-2.

Futebol Internacional

Juventus divide comando com José Mourinho

Paulo Curado

Manchester United e Chelsea apuraram-se para os oitavos-de-final da Taça de Inglaterra. Barcelona goleia Numancia e continua a passear em Espanha

Um gol de Marchisio, aos 21', foi o suficiente para a Juventus vencer em casa a Fiorentina e alcançar o Inter de Milão no primeiro lugar da tabela classificativa do campeonato italiano. Um resultado que coloca grande pressão sobre a equipa de José Mourinho, que encerra esta noite a 20.ª jornada com a recepção à Sampdoria.

Com o português Tiago fora dos convocados, a partida de Turim foi também marcada pelo regresso do guarda-redes Gianluigi Buffon à baliza da Juventus, depois de uma longa ausência de três meses e meio por lesão.

Em Espanha, já se sabe, ninguém trava o Barcelona. E o Numancia não

foi ontem a excepção. A equipa de Sória, nas margens do Douro espanhol, ainda conseguiu levar o empate a zero em Camp Nou até ao intervalo, mas foi impossível deter a avalanche ofensiva do segundo tempo. Dois golos de Messi, a abrir e a encerrar (49' e 76'), um de Eto'o e outro de Henry pelo meio (53' e 71') ditaram mais uma goleada (apesar de o gol de honra de Barkero, aos 61'), com a contabilidade dos catalães a aumentar: 15 pontos de vantagem sobre o Real Madrid (segundo), 63 golos em 20 jogos, numa espantosa média de 3,15 por partida.

Portsmouth KO

Na Taça de Inglaterra, Manchester United e Chelsea qualificaram-se para os oitavos-de-final, eliminando o Tottenham (2-1) e o Ipswich (3-1), respectivamente. Com Ronaldo bastando discreto (saiu aos 72' e Nani ficou de fora), a equipa de Alex Ferguson foi surpreendida logo aos 5', com um gol de cabeça de Roman Pavlyuchenko. Mas o susto não passou disso mesmo e, em dois minutos, o United virou o marcador. Aos 35', Scholes resta-



Marchisio, autor do gol da "Juve"

beleceu a igualdade e, de seguida, Berbatov, ex-jogador do Tottenham, estabeleceu o resultado final.

Frente a um adversário mais modesto, a equipa de Scolari não teve dificuldade em seguir em frente. Dois golos de Ballack (16' e 59') e outro de

Lampard (85') foram suficientes para resolver uma partida com o Ipswich, apesar de um gol de Bruce (34') ter imposto um empate ao intervalo. Bosingwa (90') e Ricardo Carvalho (70') foram titulares, enquanto Deco entrou no segundo tempo (79'), mantendo-se Paulo Ferreira no banco.

A grande surpresa da ronda acabou por ser a eliminação caseira do Portsmouth, detentor do título, às mãos do modesto Swansea City (2-0), que ocupa o nono lugar da segunda Liga inglesa. A turma galesa começou a surpreender aos 26', com um gol de Dyer, mas, instantes antes do intervalo, escandalizou por completo os adeptos da casa, com um penalti cobrado por Scotland a aumentar a vantagem para os forasteiros.

Pródiga em golos foi a Taça de França. O Lyon, em partida atrasada relativa aos 32 avos-de-final, foi ao terreno dos amadores do Concarneau golear por 6-0. Acontece que este não foi sequer o resultado mais volumoso do dia. Em idêntica "excursão", o Toulouse cilindrou por 8-0 os também amadores do Schirrhein.

Resultados

FA Cup - 4.ª eliminatória	
Hartlepool United-West Ham	0-2
Sunderland-Blackburn	0-0
Torquay United-Coventry	0-1
Kettering Town-Fulham	2-4
Wolverhampton-Middlesbrough	1-2
West Bromwich-Burnley	2-2
Sheffield Utd-Charlton	2-1
Portsmouth-Swansea City	0-2
Chelsea-Ipswich Town	3-1
Hull City-Millwall	2-0
Watford-Palace	4-3
Doncaster Rovers-Aston Villa	0-0
Manchester Utd-Tottenham	2-1

Taça de França - 16 avos-de-final	
Concarneau-Lyon	0-6
Dijon-Villefranche sur Saone	4-1
Schirrhein-Foulose	0-8
Lorient-Tours	1-1 (2-1, app)
Boulogne-Caen	3-1
Troyes-Rodez	1-2
Vitre-Creteil	1-1 (9-8, app)
Romorantin-Sedan	0-0 (5-6, app)
Rennes-Saint-Etienne	2-0

Liga Espanhola - Jornada 20	
Villareal-Osasuna	1-1
Barcelona-Numancia	4-1

Liga Italiana - Jornada 20	
Reggina-Chievo	0-1
Juventus-Fiorentina	1-0

ap - após prolongamento
app - após grandes penalidades

Credibilizar futebol? Goal average? Euro 2020?

Comentário



José Manuel Meirim

1. O presidente da Assembleia Geral da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) diz o que diz sobre o comportamento dos árbitros e apela a que lhe seja instaurado um processo disciplinar. Vai daí, Gilberto Madail apelou à serenidade, "para que façam o melhor possível para evitar erros, produzir declarações ou ter comportamentos que possam servir para descredibilizar o futebol."

Tinha acabado de chegar do estrangeiro: "Cheguei na terça-feira de Zurique e, na Gala da FIFA, todos me deram os parabéns pelo prémio atribuído ao Cristiano Ronaldo, e consequentemente, ao futebol português. Recebi muitos apoios e incentivos à eventual candidatura ibérica à organização de um Mundial de futebol. São sinais claros de que Portugal está muito bem cotado a nível internacional. É preciso que o futebol português faça tudo o que puder, a nível interno, para não delapidar o património de prestígio e admiração que conseguiu granjear nos últimos anos". Coitado do homem.

2. Por seu lado, Hermínio

Loureiro deu um "salto" - algo na clandestinidade - à Procuradoria-Geral da República. O presidente da Liga solicitara uma audiência com carácter de urgência devido a toda a celeuma gerada pela arbitragem de Paulo Baptista.

3. Dias depois, novo crédito a aditar ao futebol nacional.

O regulamento da Taça da Liga prevê como primeiro critério de desempate, no acesso às meias-finais da prova, o melhor *goal average*. Disse *goal average*?

A Liga, no seu site, presta um esclarecimento "em face das dúvidas suscitadas". Ai se afirma que a expressão inglesa - só existe no futebol português, de âmbito nacional, neste regulamento da Taça da Liga, pois nem a Liga o utiliza nos outros regulamentos, onde sempre se refere, em português, à "diferença de golos" -, reporta-se à diferença entre golos marcados e sofridos, assim afastando o conteúdo de um conceito consolidado na história: o *goal average*, como resultado da divisão dos golos marcados pelos golos sofridos.

4. Não contente, o



esclarecimento (?) esclarece-se a si próprio: esse sentido - o da diferença de golos - corresponde ao "entendimento comum na linguagem corrente do futebol". O "futebolês" elevado a regra de interpretação de normas.

Ainda não satisfeito, o esclarecimento (?) joga mão de uma inverdade (eufemismo cauteloso de falsidade): actualmente, em todas as competições internacionais, a referência ao *goal-average* expressa a diferença entre golos marcados e sofridos.

Todavia, não há, nas principais competições organizadas pela FIFA ou pela UEFA, uma única menção ao dito *goal average*, abandonado que foi - há uns tempos largos - tal critério de desempate. Como é que se pode, então, afirmar que, quando nessas competições se refere *goal average*, se está a revelar diferença de golos? A expressão nem existe.

4. Nada disto já nos impressiona. O que gostaríamos de ver esclarecida é uma outra questão. Quem prestou o esclarecimento? A direcção? O presidente? A Comissão Executiva? O homem que, perto da meia-noite, passou perto da porta da sede?

E não veja o leitor, nesta nossa demanda, qualquer intuito investigatório.

É que, uma vez encontrado o autor do esclarecimento, ele sempre nos poderia "esclarecer" o que quer dizer *goal difference*. josemeirim@gmail.com

Num Cruzeiro a sua única obrigação é divertir-se...

SEMANA DO CRUZEIRO

De 7 de Janeiro a 2 de fevereiro

até 10% de desconto (1) + 50% de desconto (2) + 6 meses sem juros (3)

RESERVE DESDE: 60€ (4)

Informações e reservas

808 204 729
www.viagenscorteingles.pt

PROMOÇÃO VÁLIDA PARA CRUZEIROS ATÉ 31 DE DEZEMBRO, INCLUÍDOS SEMANA SANTA E VERÃO.

(1) Para cruzeiros publicados nos catálogos de Cruzeiros 2009. (2) Descontos por reserva antecipada, aplicáveis sobre as tarifas máximas publicadas nos catálogos de Cruzeiros 2009 das companhias de navegação, em determinadas saídas, navios e categorias. Consulte condições das companhias de navegação colaboradoras. Lugares limitados. (3) Consulte condições. (4) Pagamento desde 60€ e por pessoa a descontar do adiantamento a efectuar 2 meses antes da saída. Consulte condições.



VIAGENS
El Corte Inglés

Voleibol Vimaranenses vão defrontar o Iraklis de Salónica em Fevereiro

Voleibol do Guimarães foi do nascimento à Liga dos Campeões numa década

Subiu de divisão três épocas consecutivas, nunca ficou abaixo do quarto lugar no campeonato e agora está no lote das 16 melhores equipas da principal competição europeia de clubes

Manuel Assunção

● Numa época de voleibol que começou com a dupla Maia/Brenha novamente à porta de uma medalha olímpica e terminou com a vitória do Sporting de Espinho na *Top Teams Cup*, é natural que o que aconteceu a 18 de Março de 2001 tenha passado relativamente despercebido na altura de lhe fazer o balanço. O Vitória de Guimarães, então na Divisão A1, eliminou o Benfica, do campeonato principal, nos oitavos-de-final da Taça de Portugal (3-2). O clube vimaranense caíria na ronda seguinte com o Espinho (1-3), mas essa vitória, inesperada, ficaria como símbolo da sua rápida ascensão, que se mantém até hoje e culminou no apuramento recente para os oitavos-de-final da Liga dos Campeões.

Até os fundadores estão surpreendidos com a velocidade com que tudo aconteceu. “Claro que não pensava que a equipa estaria, 11 anos depois, nos oitavos da Liga dos Campeões”. Aníbal Rocha, actual director da secção, foi um do “grupo de amigos” que apresentou em 1998 a Pimenta Machado, então presidente do Vitória de Guimarães, o projecto para fazer regressar a modalidade ao clube, e desta vez com equipas masculinas.

De inexistente a n.º 1 do voleibol português numa década. No início de 2008-09, uns meses após terem conquistado o seu primeiro título de campeão nacional, os minhotos começaram a participação na principal prova europeia de clubes para aprender, mas prometeram não fazer o papel de coitadinhos. Claro que o voleibol do Guimarães nunca foi coitadinho, nem mesmo quando dava os primeiros passos. Em três épocas, de 1998 a 2001, subiu da III para a II Divisão, da II para a A2 e da A2 para a A1. Nem entre os grandes da modalidade foi coitadinho, porque nunca baixou do quarto lugar no campeonato.

“Há dez anos praticamente não existia voleibol em Guimarães e hoje em dia é claramente a segunda modalidade na cidade”, afirma Aníbal Rocha. Todos os dias, cerca de 300 atletas de diferentes escalões ocupam 11 pavilhões da cidade, mas a equipa sénior masculina é obviamente a ponta do iceberg.

O actual técnico, Rogério de Paula, foi um dos homens importantes na construção do clube. Em 1999, foi contratado como jogador/treinador e liderou a equipa ao título de campeão da II Divisão e da A2, promovendo-a ao principal escalão. “Desde o início que era um projecto assumido à 1ª”. O brasileiro, que está em Portugal há quase 20 anos, lembra-se de épocas praticamente invictas, ainda “com pouca gente” nos pavilhões. Era tudo diferente. Na altura, o Vilacondense era um dos ossos mais difíceis de roer. Agora, tem sido o Espinho, e lá para

Rogério de Paula é um dos responsáveis pelo bom momento do Vitória



LUIS EFIGÉNIO/NFACTOS

10 ou 11 de Fevereiro será o Iraklis de Salónica.

“Francamente, é uma equipa muito forte”, explica Rogério de Paula, que saiu do clube imediatamente após o apurar para a A1 e voltou em 2006-07 para treinar a equipa feminina. O campeão grego foi vice-campeão europeu em 2005 e 2006. Se não tivesse necessidade de regressar a Portugal para terminar o curso de Medicina, Hugo Gaspar poderia ter sido um dos responsáveis por tirar os desses títulos ao Iraklis. O oposto saiu do Sisley Treviso para Guimarães um ano antes de o clube italiano vencer o Iraklis na

final da Champions.

Esse foi outro ponto de viragem no Guimarães, quando, para 2005-06, contratou Gaspar, um dos dois melhores jogadores portugueses da actualidade - o -outro é João José - e vários outros internacionais portugueses (Eurico Peixoto, que ainda se mantém no clube, Flávio Cruz, João Malveiro ou Pedro Azenha). Foi o salto de qualidade seguinte. Depois disso, a equipa atingiu sempre a final do campeonato, conseguindo finalmente quebrar a barreira Sporting de Espinho na época passada.

Hugo Gaspar, o melhor marcador

da A1 no ano do título, diz que a obrigação da equipa está nas provas nacionais, “nada mais do que isso”. Faz sentido, se considerarmos que o campeão português é, segundo a Confederação Europeia de Voleibol (CEV), a formação com orçamento mais baixo das 24 que iniciaram a Liga dos Campeões. Agora sobrevivem apenas 16. “Pelo grau de aposta, pelo orçamento, por tudo, o Iraklis parte com vantagem de 80 por cento”, explica Gaspar, o que não quer dizer que a equipa não vá fazer tudo para estar nas últimas oito. Rogério de Paula, que substituiu o compatriota Marco Queiroga no iní-

Cronologia do Vitória

1986

Extinção da secção.

1998

Reactivação da secção, que pela primeira vez na história do clube tem sector masculino. Logo na época de estreia (1998-99), sobe da III para a II Divisão.

2000-01

Terceira promoção seguida garante subida à Divisão A1.

2001-02

Classifica-se em 4.º no campeonato e apura-se pela primeira vez para a Europa.

2002-03

Repete o 4.º lugar na A1 e atinge final da Taça, a primeira de três vezes.

2007-08

Depois de ser 4.º (três vezes), 3.º (uma) e 2.º (duas), sagra-se campeão nacional de voleibol.

cio da temporada, também aponta energias para o campeonato e para a Taça de Portugal, competição que a equipa ainda não venceu, apesar de três presenças na final. “Se passarmos é fabuloso, mas esse não é o nosso campeonato”. Seja como for, a primeira presença de uma equipa portuguesa nos oitavos-de-final da prova ninguém lhe tira. O percurso do Guimarães tem tanto de inédito como nada de coitadinho.

Guimarães paga 8000 euros nos “oitavos”

Provas europeias nas modalidades amadoras só dão prejuízo

● O FC Porto e o Sporting receberam 2,2 milhões de euros cada pelo apuramento para os oitavos-de-final da Liga dos Campeões de futebol. Para poder jogar na mesma fase da mesma prova, mas em voleibol, o Vitória de Guimarães terá de pagar uma inscrição de 8000 euros, valor que se junta aos 27 mil euros que a equipa teve de depositar na conta da CEV para participar na fase de grupos. “Alguém chamou-lhe Liga dos Tostões e é um bocadinho”, considera Aníbal Rocha, dirigente da equipa. Exceptuando no futebol, a participação nas competições europeias das modalidades colectivas mais representativas em Portugal só dá prejuízo e é por isso que nos últimos anos várias equipas abdicaram de jogar na Europa.

A Liga dos Campeões de voleibol

até oferece prémios de jogo (o Guimarães acumulou 19.800 euros, 4000 por cada vitória e 2600 por derrota), insuficientes para cobrir as inscrições, mas é caso raro. Além das inscrições, os clubes têm que pagar as viagens, as estadias (normalmente a equipa visitada é responsável pelas despesas da visitante), e ainda todas as despesas (viagem, estadia e “salário”) dos árbitros e comissários de jogo. Algumas vezes, é até preciso pagar a transmissão televisiva.

O Guimarães, a que a Federação Portuguesa de Voleibol paga 40 por cento do valor das viagens, optou por participar na Champions, realizando um esforço financeiro entre 100 e 120 mil euros, mas na época passada o Espinho abdicou de o fazer, precisamente por causa dos custos.



ABC continua a apostar na Europa

No basquetebol, esta época chegou-se ao cúmulo de não haver nenhuma equipa masculina na Europa. Só para colocar as coisas em perspectiva, na sua última participação europeia, em 2002-03, quando chegou à segunda fase da Taça dos Campeões FIBA, o FC Porto teve prejuízo de 125 mil euros.

Nos últimos anos, só o andebol se manteve praticamente imune às desistências. “No caso do ABC, vale a pena participar, por uma questão de imagem e pelo poder de atracção de espectadores, embora o retorno financeiro seja reduzido”, afirma o presidente do clube bracarense, Luís Teles, que estima uma despesa de pelo menos 25 mil euros em cada jogo como visitante nos países mais longínquos. M.A.

Desporto



Telma Monteiro venceu ontem a Taça do Mundo de Sófia em -57 kg, uma categoria acima daquela em que se sagrou vice-campeã mundial em 2007. A judoca do Benfica ganhou os cinco combates em que participou, batendo na final, por ippon, a alemã Viola Waechter.

Tênis

Nadal vence ao *sprint*, Gonzalez em maratona

Pedro Keul

O número um mundial continua a economizar energias que poderão ser cruciais para a segunda semana de competição no Open da Austrália

● Dentro de dois dias, Richard Gasquet espera ouvir de Rafael Nadal um sincero obrigado. O francês foi eliminado do Open da Austrália, mas obrigou o próximo adversário do número um mundial, Fernando Gonzalez, a uma maratona que atingiu as quatro horas e nove minutos. Quase tanto tempo quanto o que Nadal já passou no *court* no total das três rondas disputadas.

“Vi que ele estava mesmo cansado nos quarto e quinto sets. Quando fomos para o último set, eu sentia-me muito bem, sentia-me o favorito para o encontro. Claro que, a seis igual, oito igual, nove igual, dez igual... qualquer coisa podia acontecer. Tive que continuar a lutar e esperar pelas oportunidades”, explicou Gonzalez,

finalista em 2007. O perigoso chileno recuperou de uma desvantagem de dois sets a zero e salvou um *match-point* no *tie-break* do terceiro set, antes de ganhar por 3-6, 3-6, 7-6, 6-2 e 12-10. Só o derradeiro set levou 88 minutos – ainda longe do tempo recorde de um quinto set no Grand Slam, registado em Melbourne, em 2003, quando Andy Roddick bateu Younes El Aynaoui com o último set (21-19) a demorar duas horas e 23 minutos!

“Ele estava a jogar mesmo a um nível muito elevado, como um super-herói. Não podia fazer nada. Se arriscasse as minhas pancadas, ele fazia uma melhor”, lamentou Gonzalez, que soube aproveitar ao máximo o ambiente do Margaret Court Arena. “Tive muito apoio dos fãs chilenos, foi muito entusiasmante. Agora tenho 48 horas para recuperar e saborear também, pois este encontro hei-de recordá-lo toda a minha vida.”

Apesar da eliminação de Gasquet, o tênis francês vai ter, pelo menos, um representante nos quartos-de-final, pois Gilles Simon vai defrontar Gael Monfils. Também Jo-Wilfried Tsonga continua a fazer delirar os fãs austra-

Outros resultados 3.ª eliminatória



Torneio masculino
G. Monfils-N. Almagro, 6-4, 6-3 e 7-5
G. Simon-M. Ancic, 7-6 (7/2), 6-4 e 6-2
F. Verdasco-R. Stepanek, 6-4, 6-0 e 6-0
J. Tsonga-D. Sela, 6-4, 6-2, 1-6 e 6-1
J. Blake-I. Andreev, 6-3, 6-2, 3-6 e 6-1
A. Murray-J. Melzer, 7-5, 6-0 e 6-3
R. Nadal-T. Haas, 6-4, 6-2 e 6-2
F. Gonzalez-R. Gasquet, 3-6, 3-6, 7-6 (12/10), 6-2, 12-10

Torneio feminino
S. Williams-P. Shuai, 6-1, 6-4
C. Suarez Navarro-Martinez Sanchez, 6-1, 6-4
A. Medina Garrigues-F. Pennetta, 6-4, 6-1
V. Azarenka-A. Mauresmo, 6-4, 6-2
Z. Jie-K. Bondarenko, 6-2, 6-2
S. Kuznetsova-A. Bondarenko, 7-6 (9/7), 6-4
D. Cibulкова-V. Razzano, 7-5, 7-5
E. Dementieva-S. Stosur, 7-6 (8/6), 6-4

lianos que se renderam ao seu estilo espectacular em 2008, quando atingiu a final, mas terá agora James Blake como adversário de respeito.

Quando Gonzalez selou o encontro, já Rafael Nadal tinha derrotado o alemão Tommy Haas, por 6-4, 6-2, 6-2. Para chegar aos oitavos-de-final, Nadal gastou apenas quatro horas e 47 minutos.

Igualmente sem ceder qualquer set está Andy Murray, que ontem ultrapassou Jurgen Melzer, um adversário que, no último Open dos EUA, o obrigou a disputar cinco sets. Mas Murray surgiu em Melbourne Park mais forte e mais confiante e derrotou o austríaco com os parciais de 7-5, 6-0 e 6-3, indo agora defrontar o espanhol Fernando Verdasco, naquele que será o seu maior teste até ao momento no torneio. “Contra Verdasco, será preciso jogar de forma inteligente, fazê-lo pensar e mexer. Tenho uma excelente percentagem de vitórias contra tenistas esquerdinos; Nadal é o único que me ganhou”, frisou o escocês.

No torneio feminino, o duelo entre a campeoníssima Serena Williams e a bielorrussa Victoria Azarenka é o que cria maiores expectativas.



Basquetebol

Ovarense e Vagos disputam hoje final da Taça de Portugal

Manuel Assunção

● Na última vez que a Ovarense ganhou a Taça de Portugal de basquetebol ainda o Vagos não existia. Estas duas equipas vão disputar a final esta tarde (17h00) no Pavilhão Municipal Luís de Carvalho, no Barreiro, depois de ontem terem vencido as meias-finais da prova no mesmo local. O campeão nacional derrotou o Benfica, após prolongamento, por 90-88, enquanto o Vagos bateu o Barreirense, por 80-73, frustrando os adeptos da equipa da casa.

A Ovarense venceu a prova duas vezes, em 1988-89 e 1989-90, mas desde então nunca mais conseguiu conquistar o troféu, apesar de já ter estado mais nove vezes na final, a última delas em 2004-05. Para o Vagos, clube criado em 1994 e que só está há dois anos no principal campeonato português, esta será a primeira final.

Tal como no jogo com o FC Porto, o Benfica forçou o prolongamento nos últimos segundos do tempo regulamentar, com um triplo de Diogo Carreira (13 pontos). Depois, foram dois triplos seguidos de John Waller (25 pontos) e Miguel Miranda (19), os dois melhores marcadores da Ovarense, que colocaram a equipa de Mário Leite na frente. No Benfica destacaram-se Sérgio Ramos (26) e Ben Reed (19).

No outro jogo, Rico Hill, com 34 pontos, cinco ressaltos e duas assistências, foi o grande responsável pelo triunfo do Vagos. Chad Mackenzie (32) respondeu pelo Barreirense, mas, no final, foram Hill e o Vagos que prevaleceram.

Entretanto, o FC Porto voltou a queixar-se de ter sido prejudicado pela arbitragem no jogo dos quartos-de-final com o Benfica. “Este proteccionismo em relação ao Benfica é algo que já vem de trás. Não podemos esquecer que foi a junção de vontades da federação e do Benfica que precipitaram o fim da Liga de Clubes de Basquetebol”, afirmou Fernando Assunção, director do FC Porto, à agência Lusa. A federação e o Benfica remeteram uma resposta para um comunicado que será tornado público nos próximos dias.

Voleibol

Benfica perdeu na recepção ao campeão Guimarães

Manuel Assunção

● O Vitória de Guimarães esteve a perder 2-1, mas conseguiu obter uma importante vitória no pavilhão do Benfica, por 2-3, no jogo de maior cartaz da 17.ª jornada do campeonato de voleibol. A liderança da prova continua a ser partilhada entre o campeão e o Sporting de Espinho, que também triunfou fora. O vice-campeão não deixou o Leixões chegar aos 20 pontos em nenhum dos três sets (13-25, 14-25, 18-25) que se disputaram em Matosinhos.

O vencedor da fase regular da competição poderá começar a ficar decidido no próximo sábado, quando o Sporting de Espinho receber o Vitória de Guimarães, em nova reedição das últimas três finais da Divisão A1 e também da última final da Taça de Portugal.

O Benfica, que sofreu a sexta derrota em 16 jogos, desaproveitou a oportunidade de se aproximar do Castelo da Maia, uma vez que o terceiro classificado também foi derrotado na deslocação ao recinto da Académica de Espinho, por 3-2.

Resultados da 17.ª jornada: Benfica-V. Guimarães, 2-3 (21-25, 27-25, 25-17, 22-25, 11-15); Leixões-Sporting de Espinho, 0-3 (13-25, 14-25, 18-25); Académica de Espinho-Castelo da Maia, 3-2 (25-22, 23-25, 25-20, 19-25, 15-12); Esmoriz-Vilacondense, 3-2 (25-14, 25-22, 25-27, 21-25, 15-10).

Golfe

Quiros é o novo líder no Qatar Masters

Rodrigo Cordoeiro

● Grande exibição do espanhol Alvaro Quiros, ontem, no Qatar Masters, no Doha Golf Club. Vencedor, em Outubro passado, do II Portugal Masters, este espanhol de Málaga, de 26 anos, 74.º no ranking mundial, concluiu a terceira volta com 64 pancadas e subiu do terceiro ao primeiro lugar.

O seu total agregado de 16 abaixo do par-72 iguala a melhor marca do torneio após 54 buracos, estabelecida pelo escocês Paul Lawrie, em 1999. “Trabalhei muito a semana

passada e os resultados começam a aparecer”, justificou.

Quiros é o jogador do European Tour que mais longe bate a bola. Ontem, a média de distância do seu *drive* foi de 286 metros. Obteve oito *birdies* (cinco dos quais nos primeiros nove buracos) e 10 pares - e hoje inicia a última jornada da competição com a vantagem mínima sobre o anterior líder, o sul-africano Louis Oosthuizen, que caiu um degrau na tabela ao fazer 69 pancadas.

O holandês Marteen Lefever e o sueco Henrik Stenson (vencedor na edição de 2006), ambos com 66, par-

tilham o terceiro lugar com 12 abaixo do par. Entre os jogadores cotados presentes no Qatar Masters, que é pontuável para o European Tour e distribui um *prize-money* de dois milhões de euros, Henrik Stenson (11.º no ranking mundial) parece ser o único com hipóteses de disputar o título, pois o espanhol Sergio Garcia (2.º) e o inglês Lee Westwood (10.º) estão no grupo dos sextos com -9; o sueco Robert Karlsson (7.º) é 25.º, com -5; o australiano Adam Scott (14.º), campeão em 2002 e 2008, é 36.º com -3; e o sul-africano Ernie Els (12.º) é 43.º com -2.

Ciclismo

Armstrong, discreto, deixa Davies brilhar

● Allan Davies continua a ser a grande estrela do Tour Down Under, a prova australiana que Lance Armstrong seleccionou para regressar à competição.

A correr em casa, o líder da classificação geral venceu ontem a quinta tirada, somando o seu terceiro triunfo em etapas e aproveitando a exposição mediática e o apoio das multidões que o ciclista norte-americano, heptavencedor do Tour de França, arrastou consigo.

Armstrong cortou a meta em 23.º lugar (com o mesmo tempo do vencedor), alcançando o seu melhor resultado, até ao momento, na competição que hoje termina. Na classificação geral, o americano subiu para a 29.ª posição, a 49 segundos de

Allan Davies. No segundo lugar, manteve-se o também australiano Stuart O'Grady, a 25' do líder, encerrando o pódio o espanhol Jose Joaquin Rojas (que terminou ontem a etapa em segundo lugar), a 30'.

A presença de Armstrong não passa despercebida em lado nenhum, como provaram os cerca de cem mil adeptos que se distribuíram pelos 148km da etapa para verem de perto o homem que, aos 37 anos, já tem um lugar reservado entre as lendas do desporto mundial.

“Senti-me mesmo bem, melhor do que ontem [anteontem]. Isto quer dizer que recuperei muito bem”, afirmou, no final, o americano que havia anunciado a sua retirada em 2005.



Lance Armstrong

Economia

Aquicultura Criação de robalo e dourada afectada pela descida das vendas

Crise em Espanha põe na falência produtora portuguesa de peixe

Instituto das Pescas lança projecto-piloto de aquicultura no Algarve, ao mesmo tempo que está em risco de encerramento a Timar, principal empresa fornecedora de peixe juvenil

Idálio Revez

● Entra amanhã em funções o administrador judicial, nomeado pelo Tribunal de Tavira, para decidir o futuro de uma das maiores empresas portuguesas de aquicultura, a Timar-Culturas de Água, Lda, sediada nas salinas do Livramento, no concelho de Tavira.

A insolvência, segundo o director geral e sócio da firma, Horácio Cruz, "foi catalisada pela crise no mercado espanhol, que absorvia a maior parte de produção das douradas e robalos juvenis". Para liquidar as dívidas aos fornecedores e garantir o pagamento dos salários dos 43 trabalhadores, a empresa necessitaria no curto prazo de 1,2 milhões de euros, mas não encontrou financiador.

Ao pedir a insolvência, Horácio Cruz apresentou um plano de recuperação em que garantia que "todos os credores seriam ressarcidos, desde que fosse assegurada a continuação da empresa". "Existem activos para pagar as dívidas", sublinha. Num outro cenário, mais dramático, sugeriu o "encerramento gradual da empresa", com as necessárias consequências ao nível do desemprego.

A decisão caberá ao administrador judicial Luís Rodrigues, que vai entrar "segunda-feira [amanhã] para assumir a gestão".

As maiores dificuldades nesta empresa, que se dedica essencialmente à produção de juvenis, surgem por coincidência ao mesmo tempo que está em andamento um concurso público para instalar na costa algarvia um conjunto de 27 jaulas oceânicas para criação de peixe em cativeiro no mar - o que vai obrigar à importação do "peixe-semente". É que Portugal é deficitário também nesta área. Segundo dados estatísticos do Ipimar - Instituto das Pescas e Investigação do Mar, o país produz por ano três mil toneladas de douradas e robalos em sistema de aquicultura, mas o consumo atinge 12 mil toneladas.

A Timar foi formada há 23 anos por um grupo norueguês, com experiência na criação de salmão. A partir das velhas salinas do Livramento, passaram a reproduzir douradas e robalos em circuito fechado e de forma controlada e intensiva. Mas os resultados ficaram aquém das expectativas. Horácio Cruz estima que tem actualmente nos tanques 15 a 16 milhões de peixes, dos quais cerca de uma

tonelada está pronta a seguir para os supermercados, mas o consumo diminuiu e os preços caíram.

As dificuldades de tesouraria "acentuaram-se no Verão passado, quando as pisciculturas espanholas cancelaram contratos assinados, devido à falta de escoamento provocada por quebra de consumo". A facturação da empresa tinha atingido seis milhões de euros em 2007, mas em 2008 esperavam vir a ter um melhor resultado. "É o que se pode chamar morrer na praia", lamenta. Os trabalhadores estão com dois meses de salários e metade do subsídio de férias em atraso.

Fundador desinteressou-se

Para tentar equilibrar as contas, mas sem sucesso, o grupo vendeu uma outra exploração em Castro Marim (Eurodaqua) a "um jovem quadro, economista, que tem ainda licença para instalar uma jaula oceânica de aquicultura na zona de Olhão". Horácio Cruz não revela o valor da transacção, o que justifica com o facto de haver "ainda aspectos do contrato pendentes".

Em Sines, a Timar também possuía uma unidade de produção, mas está desactivada há dois anos. O grupo norueguês Ferd, fundador da empresa, mostrou desinteresse neste projecto nos últimos anos, que beneficiou do apoio de fundos comunitários, e o Governo chegou a conferir-lhe a chancela de "empresa de sucesso e inovação". Em 2004, os investidores iniciais decidiram reduzir a participação de 100 para 37,5 por cento no capital social. Paal Jacobsen (norueguês), antigo sócio, ficou com a mesma percentagem, e um grupo de técnicos da empresa com os restantes 25 por cento, assumindo a gestão.

Nas últimas semanas, Horácio Cruz procurou um compromisso com os credores para evitar a morte dos peixes, por falta de alimento e oxigénio. "Um desfecho desses seria dramático para todos", nota. Nesse sentido, chegou a acordo com a EDP para que a empresa não cortasse o fornecimento de energia, com o compromisso de liquidar as dívidas através de "um plano flexível". Daqui a dois ou três meses, o director-geral prevê que a situação pode melhorar, porque é a altura em que as pisciculturas fazem o repovoamento.

Peixes juvenis podem morrer por falta de alimento e oxigénio



Projecto do Ipimar

Futuro da pesca passa pela criação de peixe enjaulado no mar

O concurso público limitado para instalar 27 jaulas oceânicas ao largo da cidade de Olhão, destinadas à criação de douradas, robalos, mexilhão e ostra, decorre até 15 de Fevereiro. Este projecto para criar uma área de produção-piloto de aquicultura resulta de um trabalho do Ipimar - Instituto das Pescas e Investigação do Mar, laboratório ligado aos serviços de investigação do Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas. Após dois anos de experiências, concluiu-se que esta poderá ser uma das formas para Portugal passar a produzir pelo menos tanto quanto consome.

O Plano Operacional das Pescas prevê que

o país salte de uma produção anual de 3000 toneladas de robalo e dourada para as 15 mil em 2013. Actualmente, a Grécia atinge 150 mil toneladas, a Turquia 100 mil e a Espanha 70 mil. Na criação de juvenis para as pisciculturas em grande escala, além da Timar, no Algarve, está também a alentejana Vila Nova, em Vila Nova de Milfontes. Por isso, o investigador do Ipimar e coordenador do projecto de aquicultura, Pedro Pousão, adverte: "A Timar faz muita falta, este é um sector estratégico para o desenvolvimento da pesca." Cada jaula oceânica com 3000 metros cúbicos (as mais pequenas) fornece entre 60 a 80 toneladas de peixe.



Primeiro Macintosh fez 25 anos

O primeiro computador que a Apple baptizou como Macintosh, e que foi um pioneiro na interacção entre o ecrã e o "rato", comemorou ontem

25 anos. O primeiro Macintosh foi criado por um conhecido especialista em computadores, Jef Raskin.



Tecnopolis é o blogue do PÚBLICO sobre o mundo digital blogues.publico.pt/tecnopolis

Glantt cria concorrente do multibanco para zonas com tráfego mas pouca oferta bancária

Raquel Almeida Correia

O minibanco permite fazer consultas, pagamentos e levantamentos, de forma pouco convencional. O Santander já instalou 500 máquinas por todo o país

● Há, no país, uma máquina capaz de destronar o convencional ATM (caixa multibanco). Cumpre exactamente os mesmos propósitos, mas a dimensão reduzida fez com que lhe chamassem, simplesmente, minibanco. Permite consultas, pagamentos e levantamentos. No entanto, como não tem estrutura suficiente para conter dinheiro, encontrou-se uma solução próxima do pedir fiado.

O sistema é da autoria da portuguesa Glantt (ex-Pararede) e ainda só está a ser utilizado pelo banco Santander. Foi pensado para espaços que ainda não foram ocupados por ATM, mas teve de esperar três anos para sair à rua. Neste momento, já há 500 minibancos espalhados por todos os distritos do país e, se o conceito tiver os resultados esperados, poderá ser exportado para Espanha.

As máquinas podem ser encontradas em cafés, restaurantes, farmácias, supermercados e até câmaras municipais. Servem, tal como as caixas multibanco, para consultar saldos e movimentos de conta, carregar o telemóvel ou efectuar o pagamento de serviços. Também permitem o levantamento de dinheiro, mas não da forma a que estamos habituados.

O facto de não terem dimensão suficiente para conter notas obrigou a Glantt a encontrar uma alternativa, em que os responsáveis pelo espaço onde o minibanco está instalado têm um papel activo. Basicamente, se o utilizador pretender levantar 20 euros, por exemplo, bastar imprimir um *ticket* na máquina, dirigir-se ao balcão e receber o valor solicitado.

Assim que o *ticket* é impresso, é-lhe debitado o valor na conta. E é por isso que, em vez de levantamento, decidiu-se designar esta funcionalidade por adiantamento de dinheiro. Uma inovação que Luís Gameiro da Silva, administrador da divisão de terminais *point of sale* (POS) da Glantt, considera útil para as duas partes.

“O consumidor tem acesso a dinheiro vivo sem ter de se deslocar a um ATM e o responsável pelo espaço reduz o dinheiro em caixa e, com isso, o perigo de assalto”, explica o gestor. Admite, no entanto, que ainda há “alguma resistência cultural” a este tipo de funcionalidade, “tal como existia quando apareceu o dinheiro de plástico, que, com o hábito de utilização, acabou por desaparecer”.

O lançamento do minibanco demorou cerca de três anos, apesar de a fase de desenvolvimento ter sido concluída em dez meses. O projecto envolveu três engenheiros da Glantt e resultou numa ideia que custa perto de 2000 euros - “um décimo do ATM”, garante Luís Gameiro da Silva. Tem havido, porém, alguma reticência em aderir ao conceito.

Além do Santander, que comprou 500 minibancos e está a estudar um



Se resultar, a ideia será exportada

aumento da rede, há mais quatro instituições interessadas (cujo nome o responsável preferiu não revelar), mas nenhuma encomenda firme. “O lançamento ocorreu numa época de crise, o que influenciou negativamente a adesão. Os bancos estão menos disponíveis para investir, neste momento. Estamos à espera de que recuperem a apetência para a inova-

ção”, acrescenta. Tendência que é, aliás, transversal a todo o negócio da Glantt (ver caixa).

Para a banca, a vantagem está na possibilidade de prestar serviços em zonas que antes não usufruíam da tradicional actividade bancária. “Cada vez mais as pessoas precisam de simplificar a sua vida, mas precisam de manter os seus hábitos e preferência de consumo. Pareceu-nos que havia condições para explorar esta necessidade e oferecer uma solução que permitisse levar os serviços bancários a locais ainda não cobertos, com vantagens para todos os intervenientes”, explica o Santander.

A instituição refere que o projecto se encontra numa fase de “dar a conhecer e incentivar a utilização” e que a exportação para Espanha “é uma questão que está a ser analisada”.

Neste momento, já está em desenvolvimento uma nova versão do minibanco, que terá um ecrã maior para aumentar a interacção com o utilizador. A Glantt acredita que a evolução deste projecto poderá trazer, inclusivamente, a possibilidade de entrar num restaurante e, em vez de esperar pelo empregado, fazer o pedido directamente na máquina.

Crise prejudica negócio dos pagamentos

Banca reduziu as encomendas em 2008

● A crise financeira obrigou o sector bancário a rever em baixa os investimentos e uma das vítimas da política de contenção de custos é o negócio dos terminais de pagamento automático. A Glantt admite que, em 2008, as vendas ficaram aquém das expectativas, o que poderá ter uma influência negativa nas contas de final do ano.

De acordo com Luís Gameiro da Silva, a empresa previa vender 36.000 máquinas no ano passado, mas não

alcançou esse objectivo. “Vendemos cerca de 34.000 porque, a partir de Outubro, começámos a sentir uma diminuição nas encomendas. A queda verificou-se nos últimos meses do ano”, afirma.

A área de POS representa cerca de dez por cento da facturação da Glantt, resultado da fusão entre a Pararede e a Consiste (empresa que pertencia à Associação Nacional de Farmácias) em Junho do ano passado. Em 2007,

este segmento registou um crescimento de 100 por cento em termos de facturação.

Subida que “será difícil de alcançar novamente porque já não há tanto espaço no mercado”, explica o responsável. Luís Gameiro da Silva acrescenta que estava previsto atingir uma facturação de 13 milhões de euros em 2008, devendo o resultado “ficar próximo desses valores ou ligeiramente abaixo”.

Obama pretende criar três a quatro milhões de empregos através do novo plano de investimento

● O Presidente norte-americano, Barack Obama, detalhou ontem no seu primeiro discurso pela rádio e pela Internet, depois da tomada de posse, o plano de relançamento económico de 825 mil milhões de dólares (635,4 mil milhões de euros) que espera promulgar até meados de Fevereiro.

Face às reticências da oposição republicana, Obama salientou que o novo plano, em análise neste momento pelo Congresso, não é apenas algo que se destina a relançar o emprego a curto prazo, mas sim a “refazer a América”. As estimativas são de que

o desemprego nos Estados Unidos poderá atingir uma taxa de “dois dígitos”, caso não se tomem rapidamente medidas, disse.

A actual taxa de desemprego ultrapassa os sete por cento, registando a progressão mais forte desde 1982 e depois da perda de 524 mil postos de trabalho em Dezembro. As propostas em cima da mesa têm como objectivo criar três ou quatro milhões de empregos, através de investimentos em áreas consideradas prioritárias para a Casa Branca, como “a energia e a educação, a saúde e novas infra-estruturas”, sublinhou Obama.

que pretende criar bolsas que permitam a mais sete milhões de estudantes o acesso à universidade.

Duplicar a produção de energia “verde” (eólica, solar e biocombustíveis) no prazo de três anos e construir uma nova rede de electricidade, incluindo a instalação de mais de 5000 quilómetros de linhas eléctricas, são duas das propostas na área energética.

Obama propõe também renovar e modernizar 10.000 escolas, enquanto as novas tecnologias acena com o acesso à Internet em banda larga para milhões de norte-americanos. Na educação, o novo Presidente disse

que pretende criar bolsas que permitam a mais sete milhões de estudantes o acesso à universidade.

O esforço de convencer os mais cépticos levou também a nova equipa a criar um *site* na Internet, chamado “recovery.gov” (recuperação), com informações sobre as medidas de recuperação, acrescentou. Obama pretende ter o apoio dos republicanos ao novo plano, embora neste momento estes não tenham força suficiente no Congresso para bloquear a aprovação do novo projecto de ajudas. AFP

VIRGLIO RODRIGUES



Editorial José Manuel Fernandes

Porque é que o caso Freeport embaraça Sócrates

Três intervenções públicas não desanuviaram o ambiente. Porque, apesar de serem uma demonstração de força política, deixam muitos pontos por explicar. O principal deles é o empreendimento foi aprovado, em véspera de eleições

O primeiro-ministro viu-se obrigado a vir a público três vezes, em três dias sucessivos, por causa da investigação sobre as condições do licenciamento de um empreendimento comercial, o Freeport de Alcochete. O primeiro tiro que disparou foi completamente ao lado, apesar de o argumento invocado ter sido obedientemente repetido por ministros e porta-vozes. De facto, desta vez, ao contrário do que sucedeu em 2005 na campanha eleitoral e do que ensaiou quando começaram a sair as primeiras notícias sobre as condições em que concluiu a sua licenciatura, José Sócrates não podia vestir a pele da vítima. Ao “estranhar” que o caso ressurgisse num ano eleitoral, não só suscitou a indignação dos magistrados do Ministério Público como caiu no ridículo: o que é estranho não é voltar a falar-se do caso Freeport quatro anos depois, o estranho é só se ter voltado a falar dele tanto tempo depois.

Na edição de ontem do PÚBLICO há uma primeira resposta para essa demora. O procurador-geral da República, Pinto Monteiro, revelou a este jornal que o processo “está agora a ser investigado” porque foi advogado pelo Departamento Central de Investigação e Acção Penal, já que “estava completamente parado”.

Completamente parado? E parado porquê? Porquê se, como também referiu Pinto Monteiro, casos como este, que envolvem altas figuras do Estado, devem ser investigados como todos os outros, mas com carácter de urgência por causarem algum alarme da opinião pública?

Era importante responder a esta pergunta, nomeadamente saber se a Polícia Judiciária deslocou para esta investigação os meios necessários ou se foi o contrário que sucedeu. Tal questão, de resto, já

circulava nos bastidores, pois estranhava-se que uma investigação cuja existência fora tornada pública em 2005, levando a que o jornal *Independente* fosse condenado por violação do segredo de justiça, tivesse sido como que esquecida. Teria sido arquivada? Estava a revelar-se muito complicada? Ou estava parada? A resposta certa é a última e só se espera que essa paragem não se deva a qualquer tentativa de abafar o caso.

Contudo, a partir do momento em que se soube que decorria uma investigação sobre o mesmo negócio no Reino Unido tudo mudou. Mais: de imediato se compreendeu que os investigadores ingleses tinham encontrado algo de grave, pois, caso contrário, não teriam ido à reunião de Bruxelas os dois principais responsáveis pela investigação em Portugal, o procurador-geral e o director-geral da Judiciária.

O que se soube nos últimos dias – desde o conteúdo de um DVD em posse da polícia inglesa até às declarações muito comprometedoras de vários familiares de José Sócrates – colocou uma enorme pressão sobre o primeiro-ministro. Uma pressão que não se resolve dizendo não recordar o contacto com um desses familiares. Se o tema da conversa foi o que este já tornou público, é difícil imaginar como um tal contacto pode ser esquecido.

Mas a parte mais complicada da defesa de José Sócrates é a relativa às condições em que o seu ministério deu luz verde a ele levou a Conselho de Ministros um decreto-lei para alterar os limites da Zona de Protecção Especial (ZPE) do Tejo exactamente no local do Freeport. Primeiro, Sócrates argumenta que o processo de aprovação do projecto

estava concluído, não violava nenhuma das leis então em vigor e tinha o apoio dos técnicos. Ora, se assim era, nada justificava a urgência estampada nalguns dos documentos do processo, nem a sua aprovação na véspera das eleições: um processo tecnicamente irrepreensível não levantaria, por certo, dúvidas aos sucessores de Sócrates na pasta do Ambiente.

Mais fraca ainda é a defesa que faz da ausência de relação entre a aprovação do empreendimento e a alteração dos limites da ZPE do Tejo, ambas formalizadas no mesmo dia. Do ponto de vista formal, é verdade que a aprovação é anterior à entrada em vigor do decreto-lei. Mas do ponto de vista substantivo não se compreende a necessidade desse decreto-lei – para mais aprovado de forma irregular, pois não cumpriu formalidades de consulta prévia a várias entidades – a não ser por uma razão: a autorização do empreendimento violava a portaria que regulava a construção de novos equipamentos no interior da ZPE e o decreto-lei “corrigia” essa irregularidade *a posteriori* ao tirar de dentro da ZPE o grosso da área edificada do Freeport.

Se José Sócrates tiver melhores explicações para a pressão na aprovação do empreendimento e do diploma e da urgência de o fazer a poucos dias das eleições, deve apresentá-las, sob pena de crescerem as dúvidas sobre a forma como se envolveu no processo ao ponto de promover pelo menos uma reunião importante no seu gabinete.

Quanto ao resto, é positivo que nenhum partido se tenha pronunciado, pois tal violaria o princípio da presunção da inocência. Algo, porém, que nem sempre o PS e o próprio Sócrates fizeram quando foram outros políticos a estar sob suspeita.

Cartas ao Director

Verdades que têm de ser ditas

Desde o 25 de Abril, nunca um ministro, neste caso uma ministra, foi tão contestada e repudiada. De facto, Maria de Lurdes Rodrigues, a tal senhora que afirmou que “perdeu os professores e ganhou a opinião pública”, é um arremedo de ministra que nunca deveria ter sobraçado a pasta da Educação.

Ab initio, tentou culpar os professores pelo estado do ensino, quando, verdadeiramente, a culpa é deste regime viciado, adulterado, relaxado. O objectivo desta ministra – atente-se na sua pose, na sua maneira de vestir, no seu aspecto crispado e tenso – é destruir, com as suas ideias, o ensino público, é desmantelá-lo com medidas desconexas, irrealistas, burocratizantes, inexequíveis. Em parte, a sr.^a ministra está atingindo esse objectivo com a “guerra de morte” instalada entre o ministério e os professores e, paralelamente, está provocando um crescente mal-estar na classe professoral, assentando os “caboucos” para que de ora avante se estabeleça um péssimo relacionamento entre os docentes no “edifício” educativo,

onde, inevitavelmente, aflorarão dissentimentos, incompreensões, fortes discordâncias.

Quem é que tem verdadeira autoridade científico-pedagógica e conhecimentos para avaliar quem, quando o processo que permitiu a passagem de professores “rasos” (que são todos) a professores titulares foi meramente de ordem administrativa e aleatória? Por que é que aos professores com mais anos de serviço (e nos últimos escalões) quer o ministério reservar o ingrato, o complicado papel e a responsabilidade acrescida de avaliar colegas mais novos, quando o seu verdadeiro papel é avaliarem os alunos? Por que é que o ministério insiste na escuridade das medidas, sabendo-se que foram, igualmente, procedimentos de ordem economicista que ditaram esta inane e burocratizada avaliação?

Desmonte-se o equívoco e o embuste. Quer a ministra o pleno “sucesso educativo”, a todo o vapor, quando se sabe que este mesmo sucesso nunca poderá existir, pela simples e elemental razão de que as capacidades cognitivas e intelectuais dos alunos são diferenciadas. O resto é conversa (pese embora correntes pedagógicas idílicas e românticas não o queiram admitir).

Quer a ministra sobrecarregar os professores ao limite do impossível com acervo de papelada e mais papelada, “obrigando-os” a estar mais horas nas escolas, muitas vezes em disparatadas e dispensáveis reuniões, quando esta permanência não vai contribuir para uma melhor aprendizagem dos alunos? Estes o que têm é de ser responsáveis e estudar mais. Isso não acontece com esta cultura de facilitismo, de desresponsabilização e “sucesso a granel” que se vive nas escolas, estimulado pelo próprio ministério (se o aluno tem negativa a culpa é sempre do professor)... Quer a ministra a continuação das improficuas “aulas de substituição”, a maioria das quais não tem surtido o efeito desejado (o que é que um professor de Língua Portuguesa ou História, por exemplo, vai fazer para uma aula de Química ou Matemática? Vai é tomar conta dos meninos e das meninas que estão contrariados na sala de aula e não estão dispostos a trabalhar... Quer a ministra imiscuir os pais nos pomposos “projectos educativos” das escolas para definirem o que os professores devem ou não devem fazer?...

Para concluir não posso deixar de citar alguns comentários, extraídos de um artigo de opinião da autoria de

Lídia Jorge, intitulado, “Educação: os critérios da excelência”, publicado recentemente no PÚBLICO. Afirmava a professora-escritora: “Obcecada pela sua missão (...) que está terminando mal (...) seria justo voltar atrás, reparar os estragos, admitir o erro sem perder a face. Ou simplesmente passar o mandato a outros que possam reiniciar um novo processo. (...) Pessoas sem perfil técnico ou humano aceitam desempenhar cargos para os quais não foram talhados”...

Leria a ministra o artigo de Lídia Jorge? Haja vergonha e menos cinismo!

António Cândido Miguéis, Vila Real

“Ele está connosco”

Não deixa de ser interessante constatar que o nome Obama significa, numa das línguas do Irão, “ele está connosco”. Os países árabes, por outro lado, vão ter na Casa Branca um Presidente com o nome “familiar” de Hussein. Estes factos simbólicos vão criar um clima de desanuviamento entre duas partes do mundo que têm estado em conflito. A autoridade “moral” de Obama é neste momento indiscutível e, se cumprir o seu projecto político,

pode trazer ao mundo uma nova era de paz e justiça.

Muitos analistas, da direita e também da esquerda, quiseram logo quebrar as esperanças de muita gente, enfatizando as dificuldades que vai enfrentar, dizendo que vão ser as circunstâncias que vão nortear a política dos Estados Unidos e não a vontade de um homem que dizem ser vaidoso e arrogante. Outros, mais ideologicamente marcados, não conseguem sequer imaginar que dos EUA possa vir algo de positivo e progressista, tal é a sua ancestral cegueira intelectual.

Neste momento é preciso acreditar que tudo pode ser diferente do que até aqui e que esta crise pode ser uma oportunidade única para mudar os paradigmas da economia e da política a nível global. Obama não é nenhum deus nem deve ser idolatrado, mas traz consigo trunfos que nenhum outro Presidente foi capaz de trazer nas últimas décadas. Um desses trunfos, curiosamente, convém não o subestimar, é o seu próprio nome!

José Carlos Palha, Gaia

Email: cartasdirector@publico.pt
Contactos do Provedor dos Leitores
Email: provedor@publico.pt

Contribuinte n.º 502265094
 Depósito legal n.º 45458/91
 Registo ICS n.º 11410
 E-mail publico@publico.pt Lisboa
 Rua de Viriato, 13 - 1069-315 Lisboa.
 Telef. 210110000 (PPCA); Fax: Dir.
 Empresa 210110105; Dir. Editorial
 210110006; Agenda 210110007;
 Redacção 210110108; Publicidade
 210110103/210110104 Porto Rua de João de
 Barros, 265 - 4150-414; Telef. 226151000
 (PPCA) / 226103214; Fax: Redacção

226151099 / 226102213. Publicidade,
 Distribuição 226151011 Coimbra
 Rua do Corpo de Deus, 3. 2.º - 3000-
 176 Coimbra Telef. 239829554; Fax:
 239829648 Madeira Telef. 934250100;
 Fax: 707100049 Proprietário PÚBLICO,
 Comunicação Social, SA Sede: Rua
 de João de Barros, 265, 4150 Porto
 Impressão Unipress, Travessa de
 Anselmo Brancamp, 220, Ancelozelo/4405,
 Valadares, Telef. 22737030; Mirandela
 - Rua de Rodrigues Faria, 103, 1300

Distribuição Logista Portugal
 - Distribuição de Publicações, SA.
 Lisboa: Telef. 219267800; Fax: 219267866;
 Porto: Telef. 227169600/1; Fax: 227162123;
 Algarve: Telef. 289363380; Fax:
 289363388; Coimbra: Telef. 239980350;
 Fax: 239983605; Assinaturas 908200095
 Tiragem média total de Dezembro
63.533 exemplares
 Membro da APCT - Associação
 Portuguesa do Controle de Tiragem

Bartoon

Luís Afonso

Ó tio, ó tio!



Miguel Esteves Cardoso Ainda ontem

A Oxford Street em Londres é aperaltada por uma dúzia de lojas cheias de cartazes que dizem “Closing Down!”, “Últimos Dias!” e “Vítimas da Recessão!”.

Já lá estão há mais de 30 anos. Com as mesmas rascas mercadorias. Mas tal é o êxito dos saldos constantes que conseguem sempre adiar por mais uns dias o colapso final.

No PÚBLICO de ontem, a repórter Maria Lopes contava a alegria dos lojistas do Freeport de Alcochete com o último escândalo. Para eles “qualquer tipo de publicidade é boa”. Desde que se noticiou, há três anos, que o centro ia fechar, “tem sido sempre a facturar”. Para um, “2008 foi o melhor ano”.

E se estas histórias de primos e tios de Sócrates, à mistura com aldrabões e jornais ingleses, fossem uma hábil campanha de publicidade viral da Freeport? É que todos temos famílias grandes e há sempre por onde pegar. O leitor sabe o que estão a fazer os seus cunhados, primos e irmãs de leite neste momento? Admirar-se-ia que algum deles andasse metido nalguma marosca? Eu cá não. Só espero que a precisão de ovelhas negras que aí vem acabe com o flagelo das Cow Parades.

Também eu queria espalhar que se me começa a secar a tinta nas canetas, duvidando que restem em mim mais do que vinte ou trinta mil caracteres. A ver se alguém quer aproveitar para me encomendar duas ou três milhenas. Enquanto ainda houver. E a um preço muito especial, claro.



Habitúamo-nos a tudo, à miséria e à fraude, à corrupção e ao despotismo. A televisão mostra imagens até à fadiga

Questões de clima

O clima está insuportável. Não o da chuva e do vento, da neve e do gelo. Para esse, há remédios. Mas o clima espiritual. Moral. Político. Como se lhe queira chamar. A crise financeira, internacional e portuguesa, deixou a nu fragilidades e irregularidades. A crise económica, também internacional e portuguesa, só agora começou e semeia já falências e desemprego, mas sobretudo comportamentos incompreensíveis. A crise institucional, ligada à fraude e à corrupção, associa-se dramaticamente às anteriores. Olha-se em volta, à procura de sinais. De optimismo e esperança, para uns. De castigo e autoridade, para outros. Não se vêem. Ou vêem-se mal. Todos se viram para o último reduto, o da justiça, aquele que nem sequer durante a revolução, por pudor ou receio, foi assaltado ou reformado. A expectativa não é satisfeita. A justiça não é pronta. Não é eficaz. Não parece isenta. Não mostra pertencimento ao seu povo. Foge ao escrutínio. A sua autogestão sobrepôs-se à sua independência. O reconforto que deveria oferecer aos cidadãos não vem dali. Não se vive sem castigo ou recompensa, vegeta-se e faz-se pela vida. A qualquer preço.



António Barreto Retrato da semana

As empresas que abrem falência sucedem-se a ritmo preocupante. Para algumas, os processos de ajustamento são desconhecidos. Os esclarecimentos dados aos trabalhadores são diminutos. De repente, quase sem aviso, são centenas ou milhares de empregos perdidos. E de vidas interrompidas. Presentiam-se as dificuldades? Tentaram-se acordos de emergência? Procurou salvar-se alguma coisa? Nada. Não havia possibilidades de remediar? De ir contra-aindo? Será a eterna culpa da lei laboral? Ou simplesmente a certeza de que mais vale assim, bruscamente, à procura dos adiamentos e da pusilanidade da justiça económica que nada resolve a tempo? Poderá também ser a lei da vida e do mercado. Mas nada permite compreender uns energúmenos que, de noite, furtivamente, fecham as fábricas, deslocam as máquinas e desaparecem. E a ninguém prestam contas, enquanto se preparam para mais um projecto, daqueles que têm subsídio europeu. De madrugada, quando os trabalhadores se apresentam ao serviço, estacam diante de portas fechadas. Sem explicação. Sem conversa. Ficam à chuva, à espera de instituições

e de justiça que tardam. Há quem diga que “é fita” para a televisão. É verdade que essa é parte do problema. Temos olhos cansados, habituámo-nos a tudo, à miséria e à fraude, à corrupção e ao despotismo. A televisão, predadora de sentimentos, mostra imagens até à fadiga, à insensibilidade. Não se acredita, nem se vê o sofrimento dos outros, para não incomodar as nossas certezas ou para não revelar a nossa insegurança.

Quase sem distinção, surgem novos processos de fraude ou de corrupção. Já não lhe conhecemos os nomes ou as designações. Há bancos que estão em vários, do “furação” aos “off-shores”, das “facturas” ao “apito”, da contabilidade paralela ao favoritismo, passando pela promiscuidade. Há gente que acumula irregularidades. Que todos conhecem, menos as entidades ditas reguladoras e a justiça. Ou, pior ainda, que talvez as entidades reguladoras e a justiça também conheçam. Com a crise financeira, a vulnerabilidade da economia nacional e do sistema bancário surgiu ao grande dia. Mas também a complacência dos banqueiros, na concessão de crédito, cuja responsabilidade é tão grande quanto a dos *raiders* e dos predadores que se vestiram de prestígio social, artístico e político durante uns anos. O Estado acorre. Mostra aflição e exhibe compaixão. Mas com que critério vai agir? Na Bordalo Pinheiro, porque é património. E nas fábricas de sapatos, que não têm a sorte de ter um artista à nascença? E nas de componentes para automóveis? Na Qimonda, porque é a maior exportadora nacional. E nas outras tantas que semeiam o país? Como já se sabe que “deitar dinheiro para cima não chega”, que se faz mais? O crédito dos bancos, mesmo com garantias do Estado, parece reservado aos potentados que já tinham utilizado outros créditos anteriores para golpes financeiros. Que resta? Os processos de falência podem resolver ou aliviar qualquer coisa aos credores e aos trabalhadores? Mas era preciso que a justiça funcionasse, que esses processos fossem resolvidos em tempo devido, em tempo de vida.

Toda a gente espera pelos veredictos da

Casa Pia (a qual, verdadeira culpada, nunca foi julgada...), do *Apito Dourado*, do *Furacão*, do *Bragaparques*, dos presidentes dos clubes de futebol, de vários autarcas e agora do Freeport, mas a verdade é que a debilidade da justiça é muito mais vasta e profunda do que esses casos ditos de primeira página. Na justiça de família e dos menores, no penal de todos os dias e na justiça económica e laboral: é aí que toma real dimensão a desorganização, a morosidade e a ineficácia do sistema judicial, de investigação e de instrução. O próprio primeiro-ministro pôs em causa a eficácia e a orientação do do Ministério Público ou a de uma certa imprensa com acesso às “fugas” orientadas. Os processos de políticos, de grandes empresários, de banqueiros, de dirigentes de futebol, eventualmente de autarcas, de artistas e de atletas... não começam ou não chegam ao fim. Ou não se esclarecem. Ou chegam tarde. Ou prescrevem. E tratentanto, o criminoso fugiu, o bandido desapareceu, o vigarista recomeçou vida... E os caluniados ficam sem reparação. As vítimas sem compensação. E os trabalhadores sem indemnização. É verdade que há milhares de casos resolvidos. E de processos acabados. Desses, ninguém fala. Mas é certo que o número dos que ficam para trás, dos que não se resolvem e dos que não reparam é excessivo. E suspeito.

Em qualquer dos casos que vem até ao proscénio, os protagonistas não se cansam de repetir que aguardam, “com serenidade”, que justiça seja feita. Todos afirmam que respeitarão a justiça portuguesa e que nela confiam. Muitos pedem que se faça justiça rapidamente e bem. “Até ao fim”, dizem. “Até às últimas consequências, doa a quem doer”, acrescentam. É o que se diz. É lugar-comum obrigatório. Mas a certeza é que ninguém espera com tranquilidade. Nem vítimas, nem culpados. Nem as partes em conflito. As sondagens de opinião, que garantiam aos magistrados, há vinte anos, um lugar invejável na escala do prestígio social, exibem hoje o pessoal da justiça nos últimos lugares, abaixo de jornalistas e advogados. Abaixo de polícias e políticos!

Se tivéssemos uma justiça à altura, toda a crise actual seria mais suportável. Não haveria mais emprego. Mas a sociedade seria mais decente. *Sociólogo*

Espaço público

Antes, dizia-se que uma pessoa sem Deus era alguém sem moral. Agora, são os antiteístas que vêm nos crentes um perigo

Evolução e fé religiosa não são incompatíveis

1. Diante da promessa do meu texto no domingo passado, alguém teve a amabilidade de me aconselhar a não voltar ao tema: isso só poderia servir a propaganda antiteísta que pretende divulgar a ideia de que as religiões são a origem de todos os males e de que, suprimida a ideia de Deus, as religiões caem irremediavelmente por terra e começa uma era limpa de enganos milenários. Quando, em 1975, me convidaram a visitar o museu do ateísmo em Leninegrado, declinei o convite. A simples ideia de um tal museu deu-me imensa vontade de rir e preferi mais tempo para as maravilhas do Hermitage. Não ignoro que o ateísmo tem, na história do Ocidente, diversas expressões literárias e filosóficas. Hoje, não falta quem julgue que a própria ideia de Deus é uma pseudo-ideia. Há expedientes simplistas para evitar a palavra entre religiosos e ateus: que importa aos crentes que os outros não acreditem e *vice-versa*? Cada um que guarde, para si, as suas convicções, seguindo a velha consigna: aqui, de política e de religião, não se fala. A situação real talvez não se resolva com esse expediente. Se antes, em algumas sociedades, se dizia que uma pessoa sem Deus era alguém sem moral e uma ameaça para a sociedade, agora, são os antiteístas que vêm nos crentes um perigo para a ciência, para o progresso, para a felicidade, uma raça a extinguir. Para uma situação destas, é preciso algo mais do que um apelo à tolerância e ao respeito pelos direitos humanos. Em muitas situações são precisamente estes que não são reconhecidos. Por outro lado, seria ridículo supor que o mundo está a caminho de uma comunidade guiada só por critérios científicos que avaliam o que está certo ou errado. Face à complexidade da condição humana e à morte, a inteligência encontra-se diante de questões e fenómenos misteriosos - não apenas enigmas - que a razão não pode controlar. A crença talvez não esteja tão em crise como se diz. Para dar um sentido último à aventura humana, o corpo essencial de doutrina das grandes religiões parece ter longos dias pela frente.



Frei Bento Domingues O.P.

2. A tomada de posse de Barack Obama foi, como estava previsto, político-religiosa: juramento da Constituição e mão na Bíblia. Ninguém pensa que isso tenha, por si mesmo, um resultado político e religioso automático. Pedir a Deus

ajuda e bênção para os EUA não garante, só por si, que o presidente respeitará o designio da Constituição e, quanto à Bíblia, há, nessa biblioteca, de tudo para todos os gostos. Com o mesmo juramento, Bush foi uma desgraça mundial e aguardo que o novo Presidente não ajude nem permita desgraças como foram a invasão do Iraque e a matança de Gaza. Tornou-se, no entanto, evidente que a autenticidade humana, política e religiosa, manifestada no seu itinerário até à tomada de posse, suscitou uma fé e uma esperança colectivas, um designio comum, uma vontade de vencer a crise, como um serviço a toda a América e ao mundo. Um sentimento religioso, transcendente e humano percorreu esse dia.

3. Voltando ao ponto em que deixei o texto do domingo passado, não me parece que a ciência de R. Dawkins vá substituir a religião. Como dizia o poeta Eliot, “não há nada neste mundo ou no outro que possa ser substituído de outra coisa”. Já referi a obra de resposta de Alistair McGrath a Dawkins que termina com um convite: “Temos muito a ganhar com um debate comum, cordato e rigoroso. A questão acerca da existência de Deus - e como será Deus se existir - mantém ainda toda a sua importância intelectual e pessoal nesta época pós-Darwin. Encontramos mentes fechadas de ambos os lados da barricada. Os cientistas e os teólogos têm muito a aprender uns com os outros”. Foi, aliás, nesse processo, que este biólogo passou de ateu a cristão, sentiu a necessidade de se doutorar em Teologia e, sem deixar a prática científica, tornou-se padre da Igreja anglicana.

Para superar este abismo entre as mentes fechadas, fundamentalistas, de ambos os lados, um outro biólogo, presidente da American Association for the Advancement of Science, Francisco J. Ayala (1), escreveu uma obra, mostrando que não há contradição necessária entre a ciência e as crenças religiosas. “A ciência procura descobrir e explicar os processos da natureza: o movimento dos planetas, a composição da matéria e do espaço, a origem e a função dos organismos. A religião trata do significado e propósito do universo e da vida, as relações apropriadas entre os humanos e o seu criador, os valores morais que inspiram e guiam a vida humana. A ciência não tem nada a



Bush foi uma desgraça mundial e aguardo que o novo Presidente não ajude nem permita desgraças como foram a invasão do Iraque e a matança de Gaza

dizer sobre essas matérias, nem é assunto da religião oferecer explicações científicas para os fenómenos naturais. (...) O Deus da revelação e da fé cristã é um Deus de amor, misericórdia e sabedoria”. Como se dizia na antiga Missa, *o Deus que alegra a minha juventude*.

Ayala, no balanço final do seu percurso, verifica que “a evolução e a fé religiosa não são incompatíveis. Os crentes podem ver a presença de Deus no poder criativo do processo de selecção natural de Darwin”. Era esta, aliás, a convicção do próprio Darwin.

(1) Francisco J. Ayala, *Darwin y el Diseño Inteligente*, Madrid, Alianza, 2008

Seria uma boa ideia a Universidade Católica traduzir o Alcorão decentemente, como projecto de combate à ignorância

D. Policarpo, os muçulmanos, as chamuças e o Alcorão

Quando os retornados “indianos” chegaram a Portugal, havia sempre alguém que dizia ter uns vizinhos que de vez em quando lhes batiam à porta e ofereciam umas deliciosas chamuças. Em gesto de boa vizinhança e vontade de integração, hindus e muçulmanos, shiitas e sunitas, queriam agradecer a hospitalidade e generosidade do povo português, possivelmente, recriar a atmosfera de um passado saudosos em Moçambique, onde brancos, negros, hindus, chineses, muçulmanos se sentiam uma mesma comunidade.

Nas sociedades europeias a estranheza choca sempre. Em contraste com as africanas, as sociedades europeias, com tradição marcadamente judaico-cristã, vêm sofrendo alguns medos e projectando-os sobre outras religiões, mormente o islão. A demarcação moderna entre Estado e Igreja e a instabilidade do poder das instituições religiosas parecem colocar em risco a força e a autoridade da Igreja na vida política. O fenómeno não é exclusivo da realidade predominantemente cristã. Nas sociedades maioritariamente muçulmanas que pretenderam secularizar-se ou modernizar-se o conflito entre religiosos e não-religiosos também vem mostrando consideráveis fracturas sociais e religiosas.

Em diferentes partes da Europa, os muçulmanos viram a sua identidade surgir como ameaçadora em situações particulares. Em Portugal, os “indianos retornados” de primeira geração que viveram a sua fé de forma secularizada, individual e simbólica, passaram a ter de redefinir

uma identidade “islâmica”, “pura”, “original”, “quânica”, muitas vezes fruto de sentimentos de discriminação que teve início com o fenómeno Rushdie e, mais adiante, com o 11 de Setembro. Passámos a encontrar entre os muçulmanos predominantemente seculares um novo movimento - o dos muçulmanos “essencialistas” (salafistas), que reinventam uma identidade transnacional, com leituras e interpretações literalistas do Alcorão quando, na verdade, desconhecem o árabe e nem as traduções para o português são decentes, nem sequer conhecem os instrumentos da filologia, da antropologia, da psicologia social, para poder entender o alcance e a relevância da revelação.

O sucesso de muitos casamentos que os *media* mostram entre muçulmanos e católicos portugueses tem que ver não apenas com o facto de esses católicos se terem secularizado, mas também com a forma como esses próprios muçulmanos vivem o islão de forma secularizada. Os outros, os que metem as católicas em sarilhos, são os que, por razões diversas, têm experiências de discriminação que os levam a redefinir uma identidade mais essencialista, literalista, seguindo uma lógica ancestral de segregação de género, de identidade transnacional, e que vive intensamente o sofrimento político de outros muçulmanos. Para estes a pátria é o islão, e a fé é o combate aos que os ostracizam, exploram e discriminam.

Tem razão o senhor cardeal-patriarca quando diz que temos de conhecer os muçulmanos. Tem razão quando convida a ler o Alcorão (se ao menos houvesse uma tradu-



Faranaz Keshavjee

ção decente). Seria uma boa ideia a Universidade Católica lançar-se neste projecto de combate à ignorância e traduzir o Alcorão decentemente, à luz do que os muçulmanos fizeram com os textos clássicos quando o Profeta lhes ensinou a oração: “Meu Senhor; aumentai-me no conhecimento.” Também tem razão D. Policarpo, quando diz que há muçulmanos com péssimo carácter e que, tal como muitos cristãos, tratam muito mal as suas mulheres. Contudo, é preciso colocar as coisas em perspectiva e iluminar as mentes ignorantes.

Todos conhecemos elementos das comunidades imigrantes do Leste europeu ou do Brasil. Conhecemos os que fazem por se integrar e merecer a nossa confiança. Sabemos também que existem nessas comunidades potenciais criminosos que atentam indiscriminadamente contra a vida dos outros. Ontem fui jantar com alguns imigrantes. Uns são engenheiros mas distribuem panfletos para patrões mafiosos; outras são trabalhadoras domésticas; outros são militares em representação do país na NATO. Todos com histórias incríveis e variadas. Perguntei que livro sagrado lêem. Queria conhecer mais. Entender o bé-á-bá das suas ideias. Mas como pode a Bíblia ajudar a entender as formas de vida que levam, os problemas, ansiedades e desafios que enfrentam? Concluí que o jantar que me ofereceram, tal como as chamuças que os muçulmanos costumavam oferecer aos vizinhos, são os melhores momentos para passarmos da ignorância ao conhecimento, e para construir um sentimento de comunidade na diferença.

Estudiosa de temas islâmicos

Um jornal de referência, sendo um registo para a História, deve eliminar todos os aspectos dúbios das suas notícias

Construções na areia



Joaquim Vieira
Provedor do leitor

Discute-se muito por estes dias as formas de contornar as limitações à construção em zonas protegidas, quase sempre em orlas marítimas ou fluviais, isto é, praticamente sobre praias. O provedor aproveita para abordar um assunto que corre nos bastidores do PÚBLICO desde Outubro último sem ter tido ainda desfecho.

A origem foi a notícia *Casa em construção numa falésia põe a nu contradições do ordenamento do território*, do jornalista Carlos Dias (C.D.), publicada na secção local da edição Lisboa do PÚBLICO de 27 de Outubro (pág. 20). A falésia em questão situa-se na Zambujeira do Mar, concelho de Odemira, e o repórter ouviu a reacção oficial do Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade (ICBN), que, segundo o texto, “diz que não ‘licenciou nem tinha que licenciar’ o projecto de habitação na falésia, alegando tratar-se de obra em perímetro urbano onde ‘não se aplica o Plano de Ordenamento do PNSACV [Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina]’”. C.D. adiantava porém que “o decreto Regulamentar 33/95 sujeita à aprovação do PNSACV - na dependência do ICBN - ‘as acções que impliquem a alteração das praias, dunas, arribas e da plataforma marítima’”.

No mesmo dia, a assessora de imprensa do ICBN, Sandra Moutinho [S.M.], enviou ao director do PÚBLICO, com conhecimento do provedor, “uma nota de correcção” acusando C.D. de fazer “uma leitura errónea do Plano de Ordenamento do PNSACV”. Adiantava S.M.: “Logo na primeira das respostas enviadas [a C.D., na fase de elaboração da notícia], encontra-se o esclarecimento que impediria este grosso erro de leitura do conteúdo do Plano de Ordenamento da Área Protegida, que deturpa a compreensão pelos leitores do processo de decisão sobre este assunto, e que transcrevo: ‘Nem este ICBN nem a anterior Comissão Directiva do PNSACV emitiram qualquer autorização e/ou parecer no âmbito do processo de licenciamento da obra (...); é que, a ser verdade, como terá afirmado aquela Autarquia, que tal obra se localiza (...) no Perímetro Urbano aprovado pelo PDM de Odemira e pelo Plano de Urbanização em vigor para a localidade de Zambujeira do Mar, tal facto implica que, em princípio, o ICBN/PNSACV não teria, legalmente, que pronunciar-se (no sentido de autorizar, aprovar, ou emitir parecer favorável, ou não) sobre o licenciamento da mesma.’” A resposta citava depois os diplomas que só obrigam o ICBN a pronunciar-se acerca de construções “fora das áreas urbanas”.

Antes de qualquer outra diligência, o provedor inquiriu junto do editor responsável pela página de correcções no PÚBLICO se estava prevista a publicação da nota do ICBN. A resposta veio do director, esclarecendo existir um problema: aquilo que S.M. lhe dissera que enviara a C.D. era diferente do que o jornalista efectivamente recebera. José Manuel Fernandes (J.M.F.) acrescentou que teria primeiro de esclarecer junto de S.M. a discrepância de respostas.

Na verdade, o editor da secção local, Carlos Filipe, não deixara de assinalar essa discrepância, em nota enviada a J.M.F.: “É com grande estranheza que tanto eu, que editei a peça, como o autor lemos o teor da resposta do ICBN. (...) As respostas às questões solicitadas pelo C.D. são diferentes daquelas que foram enviadas posteriormente pelo ICBN ao director e ao provedor (...). Tanta certeza de que a interpretação foi ‘errónea’ leva-nos a apontar, com estranheza, o que diz (...) a segunda resposta do ICBN (...): é taxativo ao afirmar que ‘não licenciou nem tinha que licenciar’, (...) mas admite verificar, a posteriori, se está ou não em perímetro urbano. Conclusão: o que se percebe do texto é que há grandes contradições no ordenamento do território - e é o que diz o título -, pelo menos naquela zona. Não criadas pelo PÚBLICO ou pelo autor da peça. E, salvo melhor entendimento, parece-nos que essas contradições não caíram bem no ICBN, ou a quem facultou as primeiras respostas.” O editor susten-



ANTONIO CARRAPATO

Enquanto dizia que “não licenciou nem tinha que licenciar”, o ICBN admitia ter dúvidas sobre a natureza da obra

ta ainda que as respostas do ICBN, apesar das diferenças, “em génese, não alteram o que foi escrito”.

A explicação da assessora do ICBN, enviada a J.M.F. com conhecimento do provedor, admitiu o que terá sido um lapso: “O texto que enviei (...) é o meu documento técnico de trabalho, da autoria de um nosso jurista, e não o texto que depois seguiu para C.D. (...) No entanto, não existem diferenças significativas entre os dois textos, o documento final é mais reduzido, foi eliminado algum conteúdo que me parecia excessivo. Por isso, no que importa para a questão, está lá tudo na mesma. (...) Quando C.D. diz na notícia que o documento legal que con-

tém o Ordenamento do Parque Natural do Sudoeste Alentejano sujeita à aprovação do ICBN o tipo de construção que é o alvo da notícia, está a cometer o erro crítico - é que não é assim, como se pode ver no referido Decreto Regulamentar: ‘Sem prejuízo dos restantes condicionamentos legais, carecem de autorização da comissão directiva do Parque Natural: a) O licenciamento de obras de construção civil, designadamente novos edifícios, reconstrução, ampliação, alteração, demolição de edifícios, trabalhos que impliquem alterações da topografia local fora das áreas urbanas existentes definidas no presente Plano, dos perímetros urbanos delimitados nos planos municipais de ordenamento do território legalmente eficazes e das áreas de jurisdição portuária.’ (...) A diferença entre o que C.D. diz e a realidade separa a responsabilidade do ICBN no licenciamento desta construção - que não existe, mas existiria se tivéssemos de nos pronunciar.”

De qualquer modo, deve dizer-se, como bem notou o editor da secção Local, que o engano havido da parte de S.M., enviando para o director o rascunho do que deveria ser a resposta a C.D. em vez daquela que acabou por lhe ser remetida, enfraqueceu a posição do ICBN, já que, ao mesmo tempo que garantia que “não licenciou nem tinha que licenciar” (texto enviado a C.D.), este organismo estatal prometia (texto enviado a J.M.F.): “No sentido de dilucidar todas as dúvidas que possam subsistir nesta matéria, vamos diligenciar junto da CMO [Câmara Municipal de Odemira] para que nos envie as plantas de localização e de implantação desta obra, bem como a certidão de registo predial do respectivo prédio, ou prédios - após o que, se for caso disso, o ICBN não deixará de agir em conformidade” (diligências que, aliás, não se sabe se foram feitas nem, em caso afirmativo, que resultados produziram).

Em posteriores contactos com J.M.F., o provedor foi sendo informado da possibilidade de se chegar a um acordo entre o PÚBLICO e o ICBN para a publicação de um esclarecimento, o que porém não chegou a verificar-se, aparentemente devido ao arrastamento da situação. Em face das circunstâncias, compreende-se que o jornal não se sentisse vinculado a publicar um desmentido que era em si mesmo incongruente, mas, ao mesmo tempo, lamenta-se que a posição do ICBN no imbróglio não tivesse ficado mais bem clarificada, já que essa é a obrigação de um jornal de referência.

O direito à felicidade

● O leitor Jorge Guimarães (J.G.) reclamou junto do provedor por ter ficado sem resposta uma correcção que enviara ao editorial de 10 de Dezembro, assinado pelo director do PÚBLICO, relativamente a uma passagem onde J.M.F. citava Paulo Escaramela, falando “do direito à felicidade, constante das declarações americanas do século XVIII”, e acrescentava: “Estava no Bill of Rights que inspirou a revolução americana.” Esclarecia J.G.: “Estranhei, e fui verificar. De facto, este ‘direito’ não consta no Bill of Rights (os primeiros dez aditamentos à Constituição dos EUA), mas sim na Declaração de Independência, com uma importante diferença: não garante o direito à felicidade, o que seria tão utópico como garantir o direito à prosperidade, mas sim o direito à procura da felicidade (‘the pursuit of happiness’) - o que é outra coisa.” O provedor inquiriu junto de J.M.F. se tencionava fazer a correcção, e o director respondeu:

“Eu fiz um ‘PÚBLICO errou.’” Disso foi informado J.G. pelo provedor, com a informação de que fazia fé na declaração do director e que posteriormente procuraria saber o dia em que a rectificação fora publicada. J.G. respondeu porém que era leitor habitual do jornal e que não se recordava da saída da correcção. Efectuado o levantamento das edições posteriores a 10 de Dezembro, o provedor concluiu que J.G. tinha razão, disse tendo informado J.M.F. O director respondeu então: “Fui verificar. Não saiu. Há uma rotina para colocar os ‘PÚBLICO errou’ numa determinada pasta do sistema, que deve ser limpa todos os dias para não se repetirem correcções de erros. Pelo que apurei, devo ter colocado lá a nota sobre o erro no editorial (um lapso meu, que não fui confirmar o nome do documento fundacional dos Estados Unidos onde se referia o direito a tentar ser feliz) antes da operação de ‘limpeza’, pelo que ela

fui apagada por engano antes de ser paginada. A próxima vez que me referir ao tema (não é a primeira vez que chamo a atenção para a particularidade de os documentos fundacionais dos EUA conterem uma referência à felicidade individual), farei uma correcção, remetendo para o editorial em que cometi o erro. Parece-me melhor do que editar agora o PÚBLICO errou que devia ter saído a 12 de Dezembro.”

Dado que tanto a palavra do director como a do provedor estavam em causa perante o leitor, não será necessário esperar por novo editorial de J.M.F., ficando a correcção já efectuada, ao fim de uma semana em que os americanos, aliás, pareceram apostados em fazer avançar essa disposição constitucional. Mas o provedor interroga-se sobre quantas mais rectificações não terão sido engolidas pelo sistema informático do PÚBLICO devido a estas “operações de limpeza por engano”.



Manifestação
Professores
protestam frente
ao Palácio de
Belém Pág. 6

Política nacional
Manuela
Ferreira Leite
culpa Governo
pelo estado da
economia Pág. 10



Ex-presidente da
Assembleia
Fernando Amaral
(1925-2009)
Pág. 7

Roteiro
Van Dyck,
Warhol,
Anish Kapoor
e muito
mais
nas
exposições
internacionais
do ano
P2



Opinião
O que irá Alegre decidir? (se decidir)



Vasco Pulido Valente

O conflito entre Alegre e o PS de Sócrates chegou sexta-feira (na votação de um projecto de lei do CDS) a um tom de acrimónia que parece anunciar uma ruptura irremediável. Sócrates declarou: “Vejo muita gente do PS a achar que não devemos fazer alianças com o CDS, mas vi agora elementos do PS a votar com o CDS e não gostei”. Manuel Alegre não perdeu tempo a responder: “Também não gosto da política do Governo, nomeadamente da educação”. E acrescentou

sobre o ministro Santos Silva: “Não lhe reconheço qualquer autoridade moral ou política para me dizer o que devo ou não devo fazer”. Não parece que daqui em diante Alegre e Sócrates voltem a negociar em privado, como o *Expresso* afirma que negociaram. E, se persistirem, certamente não se entenderão.

Ontem, Manuel Alegre publicava neste jornal um artigo de que basta ler o primeiro parágrafo: “Não, não fui seduzido pela moção de José Sócrates. Está quase exclusivamente centrada no Governo... Diagnóstico pobre. Ignora a descrença e a insegurança

O conflito entre Alegre e o PS de Sócrates chegou a um tom de acrimónia que parece anunciar uma ruptura irremediável

de grande parte do eleitorado, incluindo o socialista... Pouco se fala do PS, quase nada do papel da sociedade e dos cidadãos”. Manuel Alegre quer uma mudança radical da política económica, do “modelo de desenvolvimento” e “da concepção do papel do Estado e da sociedade”. Numa palavra, quer um Estado militantemente interventor (até que ponto, não esclarece). Sócrates quer um Estado, quando muito, regulador e só aceita intervir, como hoje, se não houver outro caminho possível. Não vale a pena discutir os méritos relativos das duas posições. Vale a pena perceber que são irreconciliáveis.

Resta saber se Alegre se porá à frente da chamada “Convergência de Esquerda” e que parte do PS, principalmente do eleitorado do PS, arrastará com ele (o famigerado milhão de votos das presidenciais não arrasta com certeza, mas muito menos de metade basta para liquidar a maioria absoluta do PS). O Bloco, completamente convertido, vai talvez trazer alguma força e traz de certeza uma considerável experiência e capacidade de enquadramento. O PC, como é óbvio, ficará de fora, para preservar a sua santa identidade do contacto imundo com hereges. De qualquer maneira, com o presumível descontentamento do eleitorado do PS e o entusiasmo de centenas de milhares de independentes, que a própria “Convergência” consiga por si mobilizar, o PC não é indispensável. Indispensável é Alegre. O que irá ele decidir? Se decidir.



Sobe e desce

Jesualdo
Ferreira



Duas jornadas depois, o FC Porto regressa à liderança da Primeira Liga. Para o conseguir aproveitou os empates dos rivais e foi capaz de passar um teste difícil em Braga. Sem se impor de forma categórica, tendo até sofrido o domínio do Braga nos primeiros minutos, o FC Porto foi ainda assim capaz de aproveitar uma falha do árbitro no lance do primeiro golo para depois gerir com classe o resultado. (Pág. 27)

Garcia
Pereira



Demorou, mas Garcia Pereira acabou ontem por se associar à contestação dos professores ao Governo. Fê-lo na sua condição de advogado, deixando no ar a possibilidade de haver uma ilegalidade na condição dos professores titulares. Talvez a sua tese faça caminho, mas não altera o fundamento da questão: o que está em causa são opções políticas. (Pág. 6)

Lula
da Silva



O presidente brasileiro desfez-se em encónios ao seu congénere da Bolívia dias antes de os seus eleitores se pronunciarem num referendo que divide radicalmente o país. Não se duvida que Lula simpatize com as causas de Morales, mas faz também todo o sentido acreditar que tanto apoio às suas causas se justifica pelo negócio do gás que esta semana ambos celebraram. (Pág. 17)



Jorge
Pedreira



O secretário de Estado acredita que algumas escolas de formação de professores inflacionam notas e pautam os seus critérios pedagógicos pelo facilitismo. Só que, em vez de ordenar um inquérito às escolas das quais suspeita, prefere usar o seu mau exemplo para justificar a necessidade de um exame de ingresso à profissão. (Pág. 6) **M.C.**



BLAKE E MORTIMER
EM EDIÇÃO DE LUXO.
ATÉ OS MAIORES
INIMIGOS A VÃO QUERER.

Livro 17,
quarta-feira,
dia 28 de
Janeiro,
Os Sarcófagos do
6.º Continente -
tomo 2, por
apenas mais
€7,90 com o
Público.

